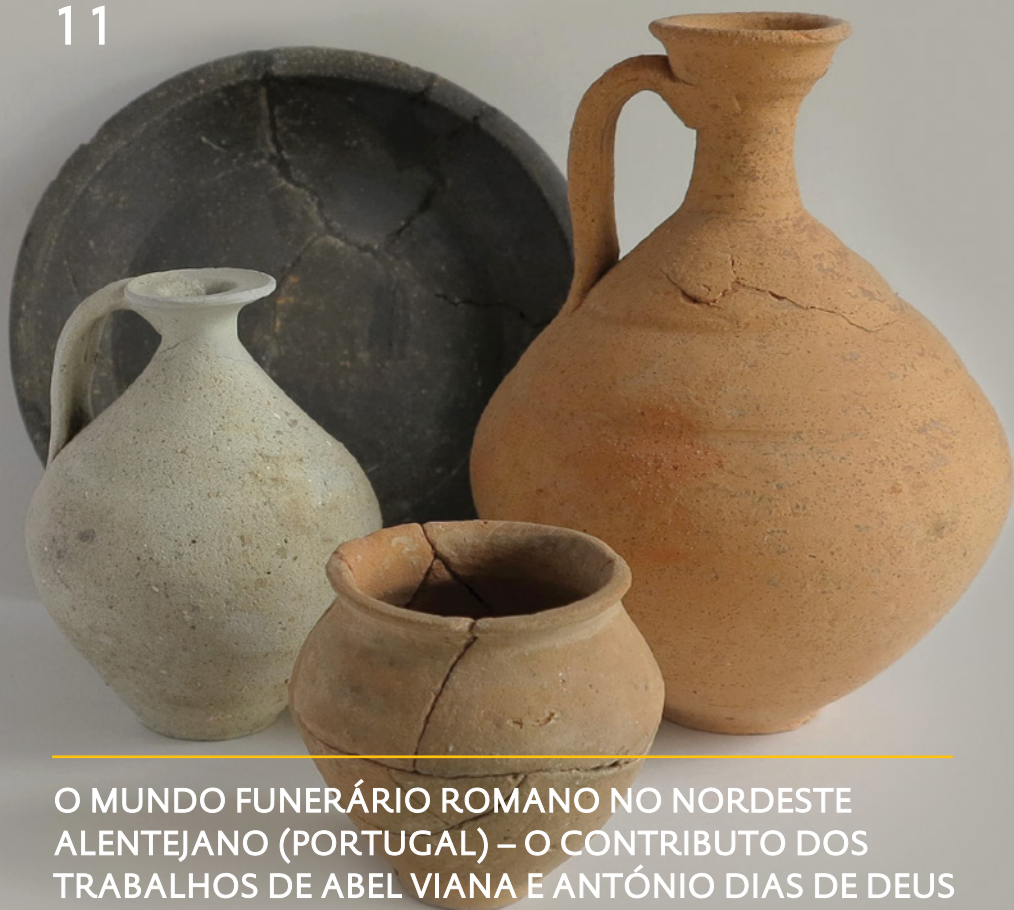




MONOGRAFIAS

11



O MUNDO FUNERÁRIO ROMANO NO NORDESTE
ALENTEJANO (PORTUGAL) – O CONTRIBUTO DOS
TRABALHOS DE ABEL VIANA E ANTÓNIO DIAS DE DEUS

THE ROMAN FUNERARY WORLD IN NORTHEASTERN
ALENTEJO (PORTUGAL) – THE CONTRIBUTIONS OF
ABEL VIANA AND ANTÓNIO DIAS DE DEUS

Mónica Rolo

MAD

MONOGRAFIAS
11

**O MUNDO FUNERÁRIO ROMANO NO NORDESTE
ALENTEJANO (PORTUGAL) – O CONTRIBUTO DOS
TRABALHOS DE ABEL VIANA E ANTÓNIO DIAS DE DEUS**

THE ROMAN FUNERARY WORLD IN NORTHEASTERN
ALENTEJO (PORTUGAL) – THE CONTRIBUTIONS OF
ABEL VIANA AND ANTÓNIO DIAS DE DEUS

Mónica Rolo

Série . Serie

Monografias AAP

Edição . Edition

Associação dos Arqueólogos Portugueses

Largo do Carmo, 1200-092 Lisboa

Tel. 213 460 473 / Fax. 213 244 252

secretaria@arqueologos.pt

www.arqueologos.pt

Direcção . Direction

José Morais Arnaud

Coordenação . Coordination

Andrea Martins

Tradução para a versão em Inglês . English translation

Armando Lucena

Design gráfico . Graphic design

Flatland Design

Desenho da capa . Cover illustration

Conjunto funerário da sepultura 105 da necrópole de Padrãozinho (Vila Viçosa),

Museu de Arqueologia da Fundação da Casa de Bragança. © Mónica Rolo

Impressão . Print

AGIR – Produções Gráficas

Tiragem . Copies

200 exemplares

ISBN

978-972-9451-92-8

Depósito legal . Legal Deposit

504359/22

© Associação dos Arqueólogos Portugueses

O texto desta edição é da inteira responsabilidade do autor.

ROLO, Mónica (2022) – O Mundo Funerário Romano no Nordeste Alentejano (Portugal)

– O Contributo dos Trabalhos de Abel Viana e António Dias de Deus. Lisboa: Associação dos Arqueólogos Portugueses (Monografias AAP, 11).

5	EDITORIAL José Morais Arnaud
7	O MUNDO FUNERÁRIO ROMANO NO NORDESTE ALENTEJANO (PORTUGAL) – O CONTRIBUTO DOS TRABALHOS DE ABEL VIANA E ANTÓNIO DIAS DE DEUS
69	FIGURAS FIGURES
79	THE ROMAN FUNERARY WORLD IN NORTHEASTERN ALENTEJO (PORTUGAL) – THE CONTRIBUTIONS OF ABEL VIANA AND ANTÓNIO DIAS DE DEUS

Monografia 11 – AAP



Monografia 11 – Repositório UL



DEDICATÓRIA

In memoriam de António Martins da Costa Viana (1936 – 2020), ilustre areosense, estudioso incansável, e generoso guardião da memória e legado de seu tio, Abel Viana. S.T.T.L.

EDITORIAL

José Morais Arnaud

Presidente da Direcção

O volume que agora se publica é o 11º da Série de Monografias editadas pela Associação dos Arqueólogos Portugueses destinadas à divulgação dos mais meritórios trabalhos de investigação arqueológica realizados em Portugal, com especial destaque para os que foram galardoados ou distinguidos com menções especiais pelo júri do Prémio de Arqueologia Eduardo da Cunha Serrão, instituído em 2015 por esta Associação.

Foi o caso de *O Mundo Funerário Romano no Nordeste Alentejano (Portugal) – o Contributo das Intervenções de Abel Viana e António Dias de Deus*, da autoria da Doutora Ana Mónica da Silva Rolo, que o apresentara como tese de doutoramento à Faculdade de Letras da Universidade de Lisboa, e que mereceu a aprovação unânime de um júri constituído pelos membros da Direcção da AAP e pelos especialistas convidados Profs. José d'Encarnação e Vitor Oliveira Jorge, Catedráticos aposentados das Universidades de Coimbra e Porto, respectivamente, por se tratar de um contributo muito importante para o conhecimento das práticas funerárias entre a II Idade do Ferro (séc. IV-III a.C.) e a Antiguidade Tardia (sécs. VII-VIII d.C.), tendo-lhe atribuído o Prémio Eduardo da Cunha Serrão 2019 – 5ª edição, na categoria de Doutoramento.

Este trabalho de investigação reveste-se de especial interesse pelo facto de ter permitido recuperar de forma tão exaustiva quanto possível, a informação proveniente de um importante conjunto de 22 sítios isolados e necrópoles, incluindo mais de 800 enterramentos, escavados por António Dias de Deus e Abel Viana nos anos 50 do século passado, nos concelhos de Elvas e Vila Viçosa, numa altura em que a metodologia de escavação e registo eram ainda muito deficientes. Por isso a autora se viu obrigada a empreender um minucioso trabalho de gabinete em vários museus e arquivos, devido ao precário estado de conservação e à dispersão do espólio recolhido, procurando suprir

as lacunas do registo arqueológico com a consulta da correspondência entre os vários intervenientes, completado por intensos trabalhos de campo, numa tentativa de relocalizar no terreno os sítios escavados por Abel Viana e Dias de Deus, muitos dos quais destruídos numa época em que se verificou uma intensa mecanização da agricultura no Alentejo, então considerado “o celeiro de Portugal”. A autora procedeu a um estudo exaustivo dos materiais que chegaram até nós, os quais lhe permitiram observar uma certa continuidade nas práticas funerárias ao longo de quase um milénio, para além das especificidades dos materiais e rituais de cada uma das três grandes épocas abrangidas por este importante estudo.

Tendo-se verificado que a tese de doutoramento já se encontra disponível em linha, no Reportório da Universidade de Lisboa, optou-se por a disponibilizar também no site da AAP e publicar apenas um resumo alargado da mesma, em língua portuguesa e inglesa, contribuindo, assim, para a sua maior divulgação. A AAP cumpre, assim, em mais uma vertente, o seu papel de instituição de utilidade pública sem fins lucrativos.

O MUNDO FUNERÁRIO ROMANO NO NORDESTE ALENTEJANO (PORTUGAL) – O CONTRIBUTO DOS TRABALHOS DE ABEL VIANA E ANTÓNIO DIAS DE DEUS

Mónica Rolo

monicarolo@gmail.com

Investigadora do Centro de Arqueologia da Universidade de Lisboa (UNIARQ)

Resumo

O presente trabalho constitui uma síntese do projeto de investigação (FCT SFRH/BD/77562/2011) desenvolvido sobre as designadas «necrópoles céltico-romanas» alto alentejanas. Entre os anos 30 e 50 do séc. XX, funcionários da Colónia Correccional de Vila Fernando identificaram mais de uma centena de arqueossítios, de natureza e cronologias diversas, no território de 11 concelhos do Alto Alentejo e parte setentrional do Alentejo Central. Em 1949, estas pesquisas passaram a contar com a colaboração do arqueólogo Abel Viana (1896-1964). As diversas fontes analisadas permitiram apurar um conjunto de 22 sítios nos quais foram identificadas evidências de natureza funerária. Contabilizaram-se mais de 800 enterramentos e reuniu-se uma amostra de 1078 peças atribuídas a estes espaços funerários. Da análise desta amostra resultou o retrato de um conjunto de necrópoles *in agro*, presumivelmente associadas a *villae* ou a outros núcleos de povoamento rural, e utilizadas, grosso modo, entre a II Idade do Ferro e a Antiguidade Tardia. Sobressai a ideia de uma assinalável estabilidade no uso dos espaços funerários *in rure*, que parece refletir a importância destes como *loci sacer* ao longo dos tempos, e para diferentes comunidades.

Palavras-Chave: Lusitânia, Necrópoles, Ritos funerários, Cultura material, Abel Viana.

AGRADECIMENTOS

À Fundação para a Ciência e Tecnologia e a todos aqueles que, de alguma forma, contribuíram para o nosso projeto de investigação. À Associação dos Arqueólogos Portugueses, pela honra da atribuição do Prémio Eduardo da Cunha Serrão (edição 2019) e pela oportunidade de publicar a presente monografia.

INTRODUÇÃO

A presente monografia pretende ser uma síntese da nossa tese de Doutoramento apresentada à Faculdade de Letras da Universidade de Lisboa, em Dezembro de 2018. Esta tese constituiu o corolário de um extenso projeto de investigação, iniciado em 2011, na qualidade de bolseira de Doutoramento da Fundação para a Ciência e Tecnologia (FCT SFRH/ BD/ 77562/ 2011), e dedicado ao estudo das designadas «necrópoles céltico-romanas elvenses». Referimo-nos a um conjunto de espaços funerários identificados/ referenciados e, num significativo número de casos, escavados por um grupo de funcionários da antiga Colónia Correccional de Vila Fernando (Elvas, Portalegre), durante as décadas de 40 e 50 do séc. XX. Entre os principais agentes destas ‘pesquisas’, destacam-se as figuras de António Dias de Deus (1901-1955), preceptor-adjunto daquele estabelecimento educativo e um dos principais impulsionadores das ‘incursões arqueológicas’; e Abel Viana (1896-1964). Este último, a partir de 1949, procurou assegurar a orientação científica dos trabalhos realizados. Chamou a si a responsabilidade pelo estudo do espólio exumado e publicação dos resultados e pela defesa da legalidade destas pesquisas perante as autoridades oficiais da época.

Os 22 espaços funerários que compõem a nossa amostra de estudo apresentam cronologias compreendidas, em termos gerais, entre a II Idade do Ferro e a Antiguidade Tardia/ período altimedieval, e concentram-se maioritariamente no território do atual concelho de Elvas. Correspondem a uma pequena parte de um vasto conjunto de sítios, de cronologias e características bastante diversas, explorados entre 1934 e 1955, ao longo de um perímetro de ação que, a partir de Vila Fernando, abarcou a faixa leste do distrito de Portalegre e se estendeu até à zona setentrional do distrito de Évora. Esta abrangência geográfica foi definida por um quadro conjuntural em que se conciliaram, por um lado, o interesse e a disponibilidade de recursos por parte de funcionários da Colónia de Vila Fernando para levarem a cabo as suas ‘pesquisas’ e recolhas; e, por outro, numa área com elevado potencial arqueológico, a ocorrência de numerosos achados no decurso de um processo de crescente mecanização da atividade agrícola.

O nosso projeto de investigação, condensado no presente volume, teve como propósito fornecer uma visão de conjunto de toda a informação disponível sobre os espa-

ços funerários em questão, através da compilação, tratamento sistemático e articulação dos diversos dados acessíveis (publicações, fontes documentais, materiais arqueológicos), e da relocalização dos arqueossítios no terreno. A nossa intenção não foi a de substituir-nos aos estudos previamente realizados por outros investigadores sobre esta temática, mas antes a de congregar toda a informação disponível e complementá-la, na medida do possível, com novos dados, que nos permitissem esboçar um retrato mais nítido das «necrópoles céltico-romanas elvenses». Reconhecemo-lo como um trabalho em construção, ao qual já nos é possível regressar com um renovado olhar, que nos tem nos permitido rever, corrigir, e aprofundar os resultados que apresentámos em 2018, em quatro extensos volumes.

À margem das incontáveis questões sobre estas necrópoles alto alentejanas que permanecem sem resposta, fica o reconhecimento da excepcionalidade de um legado – a vasta quantidade de informação, reunida ao longo de cerca de duas décadas de ‘pesquisas’, sobre o mundo funerário no atual território elvense. Trata-se do contributo de um singular fenómeno de atividade arqueológica à escala regional, que haveria de marcar, de forma indelével, a história da Arqueologia portuguesa do século XX.

1. O TERRITÓRIO

Os 22 arqueossítios em análise encontram-se distribuídos, de Norte para Sul, pelo território dos atuais concelhos de Arronches, Monforte, e Elvas, no distrito de Portalegre; e dos atuais concelhos de Vila Viçosa e Alandroal, no distrito de Évora. É na área do atual distrito de Portalegre que se concentra a maioria (18) destes espaços funerários: Herdade das Carninhas (Assunção, Arronches), Nossa Senhora do Carmo (Assunção, Arronches), A-do-Rico (Nossa Senhora dos Degolados, Campo Maior), Eira do Peral (Santo Aleixo, Monforte), Herdade de Fontalva (Santa Eulália, Elvas), Chaminé (Barbacena e Vila Fernando, Elvas), Serrones (Barbacena e Vila Fernando, Elvas), Alcarapinha (Barbacena e Vila Fernando, Elvas), Horta da Serra (São Brás e São Lourenço, Elvas), Torre das Arcas (São Brás e São Lourenço, Elvas), Horta das Pinas (São Vicente e Ventosa, Elvas), Terrugem (Terrugem e Vila Boim, Elvas), Herdade da Camugem (Terrugem e Vila Boim, Elvas), Olival da Silveirinha (Terrugem e Vila Boim, Elvas), Herdade do Padrão (Assunção, Ajuda, Salvador e Santo Ildefonso, Elvas), Monte da Ovelheira (Assunção, Ajuda, Salvador e Santo Ildefonso, Elvas), e São Rafael (Assunção, Ajuda, Salvador e Santo Ildefonso, Elvas). Na área do atual distrito de Évora, contamos com os arqueossítios da Herdade de Padrãozinho (Ciladas, Vila Viçosa), anta do Carvão (Ciladas, Vila Viçosa), Herdade dos Queimados (Ciladas, Vila Viçosa), Cardeira (União das freguesias de Alandroal, São Brás dos Matos e Juromenha, Alandroal), e Juromenha (União das freguesias de Alandroal, São Brás dos Matos e Juromenha, Alandroal). Em rigor, assume-se que o território

em causa abarca o termo sul do Nordeste Alentejano (ou, se preferirmos, do designado Alto Alentejo ¹), concebido como o termo de Elvas e região limítrofe, não ultrapassando, para Norte, a metade inferior do território do atual concelho de Arronches, e, para Sul, a metade superior da área do atual concelho do Alandroal.²

A área geográfica em questão integra o designado Maciço Ibérico e, em particular, a zona paleogeográfica e tectónica de Ossa-Morena. Enquadrada entre as bacias hidrográficas dos rios Tejo e Guadiana (a norte e sul, respetivamente), conta com inúmeras nascentes e cursos de água subsidiários destes dois rios, que desempenham um papel fundamental na modelação da paisagem física e na fixação do povoamento. Caracteriza-se por uma paisagem diversificada, *“onde formas suavemente abauladas são dominadas por colinas e serras circunscritas, geralmente alinhadas de NW para SE”* (Ribeiro, Lautensach & Daveau, 1995, pp. 217-218). Em termos geológicos e petrográficos, corresponde a uma região complexa e heterogénea (Gonçalves, 1970, p. 7; Gonçalves, 1971, p. 7), na qual sobressai a representatividade da série granítica (a nordeste da área em estudo, e nas manchas de granitos intrusivos que moldam a paisagem para sudeste) e das rochas carbonatadas, em particular os mármore calcíticos que, pela sua elevada qualidade, constituem um dos principais recursos naturais e de exploração económica da região alto alentejana.

Em termos gerais, deparamo-nos atualmente com uma paisagem de povoamento disperso, dominada pelo montado de azinho e sobro, por extensas áreas de olival e vinha, e por manchas de policultivo e de vegetação arbustiva. Esta última, hoje em dia progressivamente mais reduzida em função da *“domesticação” do montado*, terá funcionado, durante a Antiguidade e Tardo-Antiguidade, como importante reserva cinegética (Almeida, 2000, pp. 61-62). A associação entre o montado e as culturas de regadio garante a esta região um elevado grau de biodiversidade (vegetal e animal) (Brito, 2000, p. 38) e uma paisagem distintiva no seio do território alentejano. Para sul, o concelho de Elvas, moldado pelos cursos dos rios Caia e Guadiana, marca a transição para a bacia hidrográfica deste último. A orografia mantém contornos suaves, pontualmente marcada por elevações, como a Serra de Segóvia ou a Atalaia dos Sapateiros, e a abundância de aquíferos e de linhas de água (de perfil pouco encaixado) modela uma paisagem aberta, de planície aluvionar, associada a manchas de solos de boa capacidade de uso (classe A) – os *“barros de Elvas”*, considerados *“um autêntico “crescente fértil” entre Campo Maior, Elvas e Badajoz (...)* desde a antiguidade uma das áreas agrícolas por excelência da

¹ *“constituído pelo distrito de Portalegre e norte de Évora”* (Ribeiro, 1929, p. 6).

² Entenda-se a designação «Nordeste Alentejano» tal como definida por Frade & Caetano (1993, p. 847). Apesar de não se tratar de uma designação consensual, considerou-se ser aquela que traduz, com maior acuidade, o âmbito geográfico da nossa amostra de estudo. A propósito, ver Rolo, 2018, I, pp. 17-18.

região” (Almeida, 2000, p. 60). Esta paisagem, de relevo ameno e associada a recursos pedológicos favoráveis a um elevado rendimento agrícola, prolonga-se para nordeste, para o território vizinho do concelho de Campo Maior (Carneiro, 2014, II, p. 83; Carta da Capacidade de Uso dos Solos, Folha 33-C, 1:50 000). Avançando para sul e sudoeste, cruzamos a fronteira setentrional do distrito de Évora, e entramos no limite sul do nosso território de estudo. Em direção a Juromenha, na área norte do concelho do Alandroal e tendo como limite natural o antigo *Anas*, o relevo mantém o ondulado suave, com cotas não superiores a 200 metros, e a paisagem de montado coexiste com terrenos destinados à produção cerealífera e pastagens. O local ocupado pela atual povoação de Juromenha e a faixa que se estende ao longo da ribeira de Mures distinguem-se pela presença de solos férteis (classes A e B), de elevado potencial agrícola, à semelhança do que se verifica com as manchas de aluviossilos nas margens das ribeiras de Lucefece, Alcaide ou Pardais. Assinale-se, contudo, que o território concelhio se caracteriza pelo predomínio de solos pobres (classe E), sem aptidão agrícola. A partir da margem direita da ribeira da Asseca, no sentido oeste-sudoeste, o relevo tende a apresentar-se mais acidentado, associado a um subsolo xistoso e uma paisagem árida, de vales encaixados, com montado e vegetação arbustiva (Rolo, 2010, I, p. 16). No limite sul do território em análise assume primordial importância, quer pela incontornável relevância estratégica e económica, quer pela condição de elemento estruturador da orografia e da paisagem, o Maciço Calcário de Estremoz. À passagem desta macroestrutura geológica estão associados solos com capacidade de uso elevada (classe C), resultantes da conjugação entre as reservas de rochas carbonatadas e a abundância de recursos aquíferos. A qualidade excepcional dos ‘mármore de Estremoz – Vila Viçosa’ facilmente explica a exploração em larga escala desenvolvida em época romana (Alarcão, 1988, II, 3, p. 144; Álvarez Pérez *et alii*, 2009, p. 63; Moreira & Mourinha, 2018, pp. 173-178) e o facto de, volvidos cerca de dois milénios, o anticlinal corresponder à “*área com maior intensidade de exploração a céu aberto no contexto geomineiro do País*” (Lopes, 2003, pp. 48-49, 60). Para além dos mármore, há que ter em atenção o aproveitamento de outros recursos locais, como os granitos calco-alcalinios do Maciço Ígneo de Monforte – Santa Eulália, a exploração de pedra de cantaria, e as inúmeras jazidas de minério localizadas no território dos atuais concelhos de Alandroal, Vila Viçosa, Borba e Elvas.³

Acautelando o ardiloso anacronismo da “*transposição simples, (...), dos constrangimentos físicos e ambientais da actualidade para períodos mais recuados*” (Fabião, 1998, I, p. 25), parece-nos claro que uma significativa parte deste território, pelas condições orográficas e abundância de recursos disponíveis, constituiu (de acordo com o retrato traçado pelas evidências arqueológicas conhecidas) um foco de atração e fixa-

³ Carta das Ocorrências Minerais de Portugal, 1: 500 000.

ção de populações ao longo de diferentes épocas, e, em particular, reuniu “condições propícias para o desenvolvimento de uma paisagem romana” (Carneiro, 2014, II, p. 84). (Figura 1, p. 70)

2. A INVESTIGAÇÃO SOBRE AS «NECRÓPOLES CÉLTICO-ROMANAS» ALTO ALENTEJANAS

2.1. O contexto e os intervenientes

Em 1948, Abel Viana (1896-1964), à data bolsheiro do Instituto para a Alta Cultura e exercendo o cargo de Catalogador do Museu Regional de Beja (Viana, 1996, p. 4), foi informado pelo então Diretor da Biblioteca e Museu Municipal de Elvas, António Domingos Lavadinho, sobre as intervenções e recolhas de espólio arqueológico que vinham sendo levadas a cabo por António Dias de Deus (1901-1955), Preceptor-Adjunto da Colónia Penal de Vila Fernando ⁴ (Viana, 1955a, p. 1), desde meados da década de 30 do século XX (Viana, 1950, pp. 289-290): “*Em Outubro do ano passado (ano de 1948), achando-me em Elvas, por motivo de uma viagem de estudo que então fiz a Mérida e Badajoz, o Sr. Domingos Lavadinho, Director da Biblioteca e Museu Arqueológico Municipal de Elvas, falou-me de umas explorações que desde bastantes anos vinham sendo realizadas em freguesias daquele concelho, mormente pelo Sr. António Dias de Deus, Sub-Director da Colónia Correccional de Vila Fernando. / Disse-me o Sr. Lavadinho que os achados de ruínas e dos mais diversos monumentos eram ali frequentes, sobretudo em Vila Fernando e na Terrugem, e que pena era vê-los destruídos por efeito dos trabalhos agrícolas, valendo em muitos casos a intervenção oportuna do Sr. Dias de Deus. (...)/ Demorei uns dias em estudo no Museu de Elvas, mas os meus trabalhos não me permitiram então ir a Vila Fernando e à Terrugem. Pedi, todavia, a Lavadinho me pusesse em comunicação com Dias de Deus, pelo que, entre mim e este se estabeleceram relações epistolares.*” (AFCB: Viana, 10/12/1949, p. 1). Dava-se assim o primeiro passo que veio a conduzir à parceria entre o arqueólogo minhoto e António Dias de Deus. Tal colaboração iniciou-se em Julho de 1949 (MNA: APMH/5/1/324/5_2/19; Viana, 1950, p. 290; Viana & Deus, 1951, p. 89; Viana & Deus, 1952, p. 185; Viana & Deus, 1955b, p. 11), altura em que Abel Viana teve oportunidade de regressar a Elvas e de então conhecer pessoalmente o funcionário da Colónia Penal, e prolongou-se até 24 de Abril de 1955,

⁴ Instituída em 1880 sob a designação de Escola Agrícola de Vila Fernando, só abriu portas a 6 Outubro de 1895, destinando-se a “*corrigir e educar indivíduos menores que podiam constituir um perigo para a sociedade (vadios, mendigos, desvalidos e desobedientes)*” (Henriques, 2014, p. 152). Em 1898 passou a denominar-se Colónia Agrícola Correccional, tendo funcionado, sob a alçada do Ministério da Justiça, até 2007, ano do encerramento da instituição (id., pp. 155-156). À época, era designada como Instituto de Reeducação (Lopes, 2011, p. 44).

data do falecimento deste último. Na verdade, o crescente volume de materiais decorrentes das recolhas e intervenções arqueológicas levadas a cabo na região elvense e a relevância das ‘descobertas’ de A. Dias de Deus parecem ter ditado a necessidade de encontrar quem colaborasse com o funcionário da Colónia Penal na gestão e estudo desse mesmo espólio – “os materiais acumulados em Vila Fernando tornaram-se, de súbito, ainda mais importantes e numerosos, com a descoberta do campo de urnas da Herdade da Chaminé. Urgia levar a cabo o seu estudo. Desde 1948 Dias de Deus procurava um colaborador que comparticipasse no exame e classificação de tantos e tão diversos objectos.” (MRB: Viana, 10/04/1952, pp. 1-2).⁵

Importa salientar que os aludidos trabalhos de recolha de materiais arqueológicos na região elvense são bastante anteriores à colaboração de Abel Viana, remontando ao ano de 1934, altura em que Dias de Deus se associou a outro funcionário da Colónia Penal de Vila Fernando, António Luís Agostinho, na exploração de vestígios megalíticos: “No ano de 1934, começou António Luís Agostinho, ajudante de ecónomo no mesmo instituto oficial a explorar os dólmenes da região, associando-se-lhe desde logo António Dias de Deus. (...) / Em 1940, passaram a interessar-se, também, pelos vestígios das épocas romana e visigótica, igualmente abundantes na zona elvense” (Viana, 1955a, p. 1).⁶ Tal atividade, num momento inicial essencialmente motivada pelo “gosto pela arqueologia e, sobretudo, pela época enigmática da pré-histórica” (AFCB: Deus, [s.d.] b, p. 1), veio a valer aos intervenientes, que ocupavam “os dias feriados e os domingos, (...) *calcurriando* [sic] montes e vales em busca de cacos e pedras”, o epíteto de “os doídos das pedras” pela população local (ibid.). Em 1940 ter-se-ão iniciado as pesquisas e recolhas de materiais de época romana (Deus, Louro & Viana, 1955, p. 568); numa primeira fase, em conjunto com A. Luís Agostinho, e, a partir de 1942, contando também com a colaboração (pontual) do Pe. Henrique da Silva Louro, pároco da freguesia de Nossa Senhora da Conceição de Vila Fernando e assistente religioso da Colónia Correccional (MRB: Viana, 10/04/1952, p. 1; MRB: Viana, 10/08/1955). Após o falecimento de A. Luís Agostinho, em Outubro de 1944, e até ao início da parceria com Abel Viana, Dias de Deus terá prosseguido as pesquisas a título individual, continuando apenas a contar com a colaboração esporádica do pároco local (AFCB: Paúl, 19/01/2011, p. 1; MRB: Viana, 10/04/1952, p. 1). Relativamente a estes companheiros de incursões arqueológicas, A. Dias de Deus referiu: “O Agostinho por ser o mais metódico e ainda por ser o mais engenhoso na reparação e apresentação dos objectos, ficou sendo o depo-

⁵ Em Viana & Deus, 1950a (p. 67) é feita referência a pesquisas conjuntas realizadas entre março de 1949 e julho do ano seguinte. Tal informação não coincide com os dados por nós apurados.

⁶ Presume-se que A. Luís Agostinho tenha sido o principal impulsionador destas pesquisas arqueológicas (AFCB: Paúl, 19/01/2011, p. 1; MRB: Viana, 09/08/1955, p. 1).

sitário e encarregado do pseudo-museu. O Padre Louro, mais conhecedor das coisas antigas, tinha a missão de classificar esses objectos” (AFCB: Deus, [s.d.].b, p. 1). Numa fase inicial, o espólio recolhido seria distribuído por A. Dias de Deus e A. Luís Agostinho. Desconhece-se se esta partilha do espólio terá (ou não) sido igualmente extensiva ao Pe. Louro. Em finais da década de 40 do séc. XX, Abel Viana traçava o seguinte ponto da situação quanto ao acervo de peças reunido: “A maior parte do material está em Vila Fernando, em poder de António Dias de Deus. Outra parte foi para o Museu de Elvas. Outra parte suponho achar-se em Coimbra, pois até ao falecimento do companheiro de Dias de Deus os achados eram divididos entre os dois, candidamente, como os despojos de uma batalha!” (AFCB: Viana, 14/09/1949, pp. 2-3). Referindo-se ao período que se seguiu ao falecimento de A. Luís Agostinho, A. Dias de Deus declarou: “Com a morte do Agostinho e o desaparecimento da nossa valiosa colecção terminou a primeira fase dos meus trabalhos. / Embora desgostoso e desapontado com os antecedentes, resolvi, sózinho [sic], prosseguir na tarefa que há anos empreendera. O concelho de Elvas é rico em vestígios quer romanos quer da pré-história e na freguesia de Vila Fernando, topam-se a cada passo com esses vestígios. Como a maioria das antas já tinham sido exploradas, sobretudo aquelas cujos esteios ainda erguidos denunciavam a sua existência, passei a pesquisar os vestígios romanos, conquanto não pusesse inteiramente de parte o neolítico e paleolítico” (AFCB: Deus, [s.d.].b, p. 4). (Figura 2, p. 70)

É certo que estas recolhas e intervenções decorreram num contexto de mecanização dos trabalhos agrícolas e de crescente antropização da paisagem rural da região alto alentejana, associado à vulgarização de notícias de achados arqueológicos⁷ – “Graças à compreensão de grande parte de proprietários e trabalhadores rurais, é que tem sido possível salvar muitos objectos que ficariam totalmente perdidos sob as lavras dos tractores ou das lavouras e cavas desses trabalhadores. Com frequência avisam-nos de qualquer aparecimento estranho e a nossa presença não se faz esperar. Assim aconteceu em Jerumenha que ao ser rasgada a estrada para aquela localidade, nos preveniram dos achados do Padrão e Monte Branco e ao serem abertos os alicerces para a construção de uma escola, nos preveniram igualmente do aparecimento de sepulturas. / Outro tanto se deu com os achados da Torre das Arcas, Pedrãozinho, Serrones, Chaminé e Horta da Serra, em que nos preveniram o aparecimento de sepulturas, algumas das quais já tinham sido totalmente violadas e destruída [sic] por aqueles mesmo trabalhadores, na ânsia da recolha de qualquer tesouro” (MRB: Viana, 21/01/1955, p. 75/ II). Todavia,

⁷ Esta conjuntura foi favorecida pela implementação da «Campanha do Trigo» (1929), a par de uma progressiva mecanização da atividade agrícola; mas também pelo plano de melhoramentos rurais (que incluiu a abertura e reparação de estradas e de outros equipamentos públicos, como escolas, fontes e lavadouros públicos), implementado em meados da década de 30, e pela construção de novos «montes» (Viana & Deus, 1955b, p. 10).

e conforme se depreende da documentação consultada, o início e boa parte destas explorações parecem ter sido motivados, não tanto pela urgência da salvaguarda de património arqueológico, mas acima de tudo por *“simples curiosidade e passatempo”* (MRB: Viana, 10/08/1955, p. 1) e pelo interesse na recolha de artefactos – *“(…), fomos reunindo bastantes objectos que, para nós, constituíam [sic] um valioso tesouro”* (AFCB: Deus, [s.d.].b, p. 1). Assim sendo, facilmente se compreende que estas ‘pesquisas’, em grande medida levadas a cabo à revelia das entidades oficiais, constituam, de um modo geral, um ‘enigma’ (Fabião, 1998, I, p. 369) no panorama da atividade arqueológica dos segundo e terceiro quartéis do séc. XX, e tenham estado envoltas em polémica.⁸ Ciente da importância de zelar pela legalidade oficial das explorações e recolhas realizadas, Abel Viana alertava assim A. Dias de Deus: *“Diz o que tem feito. NÃO O QUE ANDA A FAZER, NEM O QUE ESTÁ PARA FAZER. / A sua posição, bem como a minha – e eu é que tenho estado a sustentar a posição oficial e legal dos dois – não é de realizar um programa de escavações previamente [sic] organizado. Nada disso. O Amigo limita-se a ir aos sítios de onde o avisam que apareceram coisas, e reco-lhe-as [sic], ou recupera-as, antes que as charruas, ou os cabouqueiros as destruam./ Tenha sempre presente que não podemos fazer escavações previamente concebidas sem estarmos para isso autorizados pela Junta de Educação Nacional, nem se esqueça de que ambos somos funcionários públicos, situação incómoda para brincar com infracções da Lei...”* (MRB: Viana, 21/01/1955, p. 2). A preocupação do arqueólogo era a de reforçar, perante as autoridades responsáveis e a opinião pública, a ideia da casualidade dos achados e do decorrente contexto de emergência dos trabalhos e recolhas efetuados, numa clara tentativa de legitimação dos mesmos e de reconhecimento da mais-valia de tais intervenções em benefício da proteção do património: *“Nunca se fizeram escavações previamente estabelecidas mas, (...), António Dias de Deus, constantemente informado dos achados ocorrentes no concelho de Elvas e limítrofes, interveio quase sempre a tempo de salvar copiosos materiais, e de permitir observações em necrópoles, alicerces de edifícios e outras coisas que, sem suas diligências, obras públicas e particulares, e, sobretudo, os trabalhos agrícolas, teriam aniquilado totalmente.”* (MRB: Viana, 10/08/1955, p. 2).

Paralelamente, face à representatividade do espólio exumado nas intervenções iniciadas em 1934, Abel Viana tomou a iniciativa de propor, logo em 1949, ao então Presidente do Conselho Administrativo da Fundação da Casa de Bragança, António Luís Gomes, a concessão de apoio às intervenções em curso e à salvaguarda do respetivo espólio. Assim, em proposta datada de 14 de Setembro de 1949, o arqueólogo sugeria a criação de uma Secção de Arqueologia e respetivo núcleo museológico no Paço Ducal de Vila Viçosa, através da incorporação dos materiais que vinha sendo recolhidos

⁸ A propósito ver Rolo, 2018, I, pp. 66-76.

na região elvense (e que ainda não se dispersara por outras instituições museológicas) no acervo daquela instituição (AFCB: Viana, 14/09/1949). Abel Viana propunha ainda a concessão de apoio logístico e financeiro aos trabalhos e recolhas realizadas. A proposta foi bem acolhida pela Fundação, que assim passou a assumir os custos inerentes a estas ‘pesquisas’ alto alentejanas ⁹, e se converteu na principal instituição depositária do espólio daí resultante.

Não obstante o enaltecimento da *“paciente e acertada actividade exploratória”* (Viana, 1955c, p. 7) de A. Dias de Deus, Abel Viana reconhecia que *“as estações mereciam ampla exploração, o que só poderia ser feito mediante suficiente assistência material e técnica”* (AFCB: Viana, 10/12/1949, p. 1). Nesse sentido, revelou especial preocupação em fornecer ao preceptor-adjunto os conhecimentos teórico-práticos básicos que lhe permitissem apurar a metodologia de trabalho de campo e de identificação e tratamento de materiais. A intenção era clara – assegurar o reconhecimento e aceitação de A. Dias de Deus por parte da comunidade científica da época, como pessoa habilitada à prática da Arqueologia: *“(…) Estou sempre vigilante, enviando-lhe livros e instruções, a fim de ele se ir inteirando cada vez mais da bibliografia arqueológica, dos processos de classificação, etc... / Breve estarão publicados os dois primeiros trabalhos em que aparecemos de colaboração.”*¹⁰ Uma vez publicados, tratarei de o fazer admitir em uma ou duas colectividades científicas. Atingido este meu intento, o prestantíssimo Dias de Deus ficará suficientemente habilitado a prosseguir sozinho, logo que entenda desnecessária a minha cooperação” (AFCB: Viana, 06/03/1951, pp. 1-2). Ficou a dever-se a Abel Viana a admissão de A. Dias de Deus na Associação dos Arqueólogos Portugueses e a sua participação em congressos vários, como, por exemplo, nos II e III Congresso Arqueológico Nacional realizados, respetivamente, em Madrid em 1951 e na Galiza em 1953, e no IV Congrès International des Sciences Préhistoriques, também realizado na capital espanhola, em 1954.¹¹ Da consulta das diversas fontes disponíveis inferimos que a colaboração do arqueólogo com A. Dias de Deus se terá traduzido, não tanto numa presença permanente nos trabalhos de campo,¹² mas sobretudo na orientação de todo

⁹ Até então, A. Dias de Deus contaria apenas com os seus *“fracos proveitos”*, nas palavras do próprio (AFCB: Deus, [s.d.],a, p. 1), e com algum apoio ocasional da Câmara Municipal de Elvas: *“(…) trabalhos de arqueologia a que me tenho dedicado, sem qualquer auxílio monetário a não ser aquele que me concedeu o ano passado a Câmara Municipal de Elvas, que me pagou 900\$00 de despesas com transportes quando procedia aos trabalhos e pesquisas na herdade de Santo António da Terrugem, (...)”* (AFCB: Deus, [s.d.],b, p. 13).

¹⁰ Alusão às seguintes publicações: Viana & Deus, 1950a; Viana & Deus, 1950b.

¹¹ AFCB: Deus, 29/01/1955, pp. 2-3; MRB: Viana, 10/04/1952, p. 2; MRB: Viana, 10/08/1955, p. 1.

¹² Facto que se explica, por um lado, porque grande parte dos sítios haviam sido explorados antes do início desta parceria, e, por outro, pelas dificuldades logísticas e pela escassez de tempo com que se debatia Abel Viana, desdobrando-se pelos vários estudos a que se dedicava em simultâneo.

o ‘trabalho de gabinete’ (descrição, medição, inventariação, fotografia e restauro de espólio) e na produção dos vários estudos publicados. Esporadicamente, e sempre que os trabalhos de campo e a organização da Secção Arqueológica da Fundação da Casa de Bragança assim o exigiam, deslocava-se a Elvas e/ou a Vila Viçosa. O dito ‘trabalho de gabinete’ terá sido uma tarefa partilhada – levado a cabo em Vila Fernando, Vila Viçosa e Beja, invariavelmente de acordo com as diretrizes metodológicas de Abel Viana, seria gerido em função da disponibilidade e conveniência dos dois intervenientes, do curso das pesquisas e do volume de espólio que ia sendo recolhido. (Figura 3, p. 71)

A 24 de Abril de 1955 António Dias de Deus faleceu em Vila Fernando.¹³ Nessa altura Abel Viana escreveu: “(...) *Acabo de ter um enorme desgosto. No Domingo passado, às sete da tarde, faleceu o António Dias de Deus. Assumira na ante-véspera a direcção interina da Colónia Correccional, como de costume. (...) Com o seu desaparecimento perco um amigo insubstituível, e um exemplar companheiro de trabalho. Pouco poderei já fazer para aqueles sítios, se bem que ainda tenha de ir até lá, e tenha de instalar, agora sozinho e com muito mais trabalho, o museu arqueológico em Vila Viçosa.*” (APAMCV: Viana, 30/04/1955, pp. 1-2). De facto, após o desaparecimento de A. Dias de Deus, não se conhecem dados que documentem eventuais intervenções arqueológicas de Abel Viana na região alto-alentejana, tendo o arqueólogo concentrado esforços no trabalho de inventário e catalogação do espólio recolhido, e na organização da Secção Arqueológica da Fundação da Casa de Bragança (AFGB: Viana, 05/05/1961, pp. 1-2). Constituiu uma exceção a exploração de uma sepultura romana identificada no sítio de Olival da Silveirinha, na Tapada Real da Casa de Bragança, e escavada por Abel Viana em Novembro de 1961 (AFGB: Viana, 17/11/1961).

A 14 de Agosto de 1964, tendo já falecido o arqueólogo vianense, coube ao Padre Henrique da Silva Louro a realização da escavação de uma sepultura na Igreja de Nossa Senhora da Conceição, em Vila Viçosa. Mais do que a intervenção realizada e o espólio exumado (constante da Coleção de Arqueologia da Fundação da Casa de Bragança), parece-nos especialmente significativo verificar que, trinta anos volvidos desde o início das incursões arqueológicas da iniciativa dos dois funcionários da Colónia Correccional, A. Luís Agostinho e A. Dias de Deus, se encerrava assim, pelas mãos do autor da *Monografia Histórica de Vila Fernando* (Louro, 1966), este marcante e incontornável capítulo da história da Arqueologia no atual território alto-alentejano.

¹³ Acerca deste professor primário, nascido em Lisboa a 22 de Outubro de 1901, pouco mais nos foi possível conhecer para além do exercício do cargo de preceptor na Colónia Correccional de Vila Fernando (onde terá iniciado funções por volta de 1927). Ao longo de vários anos, terá também assumido a função de diretor-censor da publicação daquela instituição, *Ecos da Colónia*, publicada entre 1929 e 1947 (Henriques & Vilhena, 2013, p. 250).

2.2. As limitações e o contributo

A informação referente às ‘pesquisas’ desenvolvidas pelos funcionários da Colónia Correcional de Vila Fernando é bastante lacunar. Conhecem-se essencialmente os dados publicados em conjunto com Abel Viana e que, em larga medida, visaram compor uma versão oficial das explorações, ajustada ao enquadramento legal e institucional vigente. Estamos em crer que, sem a intervenção do arqueólogo, os trabalhos e recolhas empreendidos por A. Dias de Deus, A. Luís Agostinho e o Pe. Henrique da Silva Louro, teriam redundado, grosso modo, no desconhecimento geral, apenas contrariado por um ou outro opúsculo publicado pelo pároco, e pelos registos de entradas de espólio no antigo Museu Municipal de Elvas. Tivemos acesso a anotações de campo, presumivelmente da autoria do funcionário da Colónia Penal, constantes do Acervo Documental do Museu Regional de Beja e referentes às necrópoles de Serrones e Padrãozinho. Nestas, verifica-se o cuidado em listar o espólio encontrado em cada enterramento, bem como em ilustrar as sepulturas e a posição desse mesmo espólio no respetivo contexto funerário (MRB: Deus, [s.d.]a; Deus, [s.d.]b; Deus, [s.d.]c). Porém, a descrição demasiado sumária dos materiais ¹⁴ inviabiliza uma eventual identificação e reconstituição dos conjuntos funerários e, ao mesmo tempo, é reveladora das prioridades em campo – a caracterização da arquitetura tumular das sepulturas e a recolha da maior quantidade de espólio possível, nas melhores condições de conservação possíveis. A associação dos materiais “*intra-sepultura*” (Carneiro, 2005, p. 308), a leitura estratigráfica dos contextos escavados, e uma caracterização pormenorizada dos espaços funerários foram, pois, aspetos descurados. Sem o reconhecimento da importância do “«depósito» selado” (Alarcão, A. 1988, p. 207) que podia representar cada enterramento escavado, os ‘pesquisadores’ de antanho reduziram, de forma irreparável, as potencialidades do estudo das realidades arqueológicas que ‘salvaram’. Vejam-se, por exemplo, as anotações referentes aos trabalhos de escavação da necrópole de Serrones, através das quais se depreende um registo fotográfico bastante deficitário.¹⁵ Ou, a par disso, “*uma das maiores falhas*” apontadas por Abel Viana ao estudo das necrópoles de Serrones e Padrãozinho – a não classificação dos numismas exumados, uma vez que parte dos exemplares em boas condições de conservação e potencialmente classificáveis parecem não ter chegado às mãos do arqueólogo (AFCB: Viana, 19/11/1953, p. 1; Rolo, 2018, I, pp. 97-99). (Figura 4, p. 72)

¹⁴ Descrição quase sempre limitada a indicações tão genéricas como, por exemplo – “*Continha: 1 tacho; 1 urna e 1 púcaro*” (MRB: Deus, [s.d.]b, p. 2).

¹⁵ De acordo com as aludidas notas presume-se que apenas sete das 105 sepulturas exploradas naquela necrópole terão sido fotografadas – somente as sepulturas 6, 8, 9, 24, 63, 71 e 72 apresentam a indicação “*foi fotografada*” e, nalguns casos, “*foi fotografada por A. Viana*” (MRB: Deus, [s.d.]d).

Não obstante a polémica e as contestáveis motivação e metodologia que terão marcado estas ‘pesquisas’, a posterior colaboração de Abel Viana acabou por determinar que esta ‘atividade exploratória’ se tenha saldado, acima de tudo, num inestimável contributo para o conhecimento da realidade arqueológica do atual território alto alentejano, e da região elvensa em particular (Carneiro, 2014, I, p. 69; II, p. 211). Ao longo de cerca de duas décadas de recolhas efetuadas no Alto Alentejo, o conjunto de arqueossítios explorado abarcou o território de cerca de 10 concelhos, correspondentes aos atuais municípios de Évora, Alandroal, Vila Viçosa, e Estremoz, no distrito de Évora; e Elvas, Campo Maior, Avis, Fronteira, Monforte, Arronches, no distrito de Portalegre. Estima-se que tenham sido explorados (ou, pelo menos, identificados) cerca de uma centena de sítios arqueológicos. No que concerne a vestígios pré e proto-históricos, apurámos a identificação de cerca de 69 arqueossítios, na sua maioria localizados na área do concelho de Elvas (MRB: Viana, 10/04/1952, p. 3; Viana & Deus, 1952; Viana & Deus, 1955b; Viana & Deus, 1957). Para além destes, e assumindo particular relevância para o âmbito no nosso estudo, ficou registada a identificação de “*necrópoles célticas (campos de urnas gradualmente romanizados*”, e “*destroços de vilas rústicas e cemitérios, tanto da época romana como da visigótica*” (Viana & Deus, 1955b, p. 10). Integram a nossa amostra 22 arqueossítios com evidências de natureza funerária e cronologias compreendidas, grosso modo, entre os séculos IV a.C. e os séculos VI/VII d.C. Este conjunto de 22 arqueossítios corresponde a um total aproximado de 817 sepulturas, das quais se estima que cerca de 92% (ou seja, 750) tenham sido, de facto, escavadas, excluindo-se desta percentagem as sepulturas já vandalizadas ou destruídas à data da intervenção dos ‘pesquisadores’.¹⁶ No entanto, impõe-se ressaltar que, conforme se depreende das fontes documentais consultadas, os dados publicados não traduzem, na íntegra, o número de arqueossítios explorados, nem o volume de informação e/ou espólio reunido entre os anos de 1934 e 1955. Estas ‘pesquisas’ ter-se-ão estendido a muitos outros locais para além dos oficialmente divulgados, tendo a respetiva informação permanecido confinada às anotações dos próprios ‘pesquisadores’ ou, quiçá, somente à sua “*viva memória*” (Viana, 1950, p. 290). Por conseguinte, para além dos 22 arqueossítios em análise, há ainda que considerar a identificação (e eventual exploração) de, pelo menos, mais quatro sítios com evidências funerárias de presumível cronologia romana a tardo-romana, todos localizados no território do atual concelho de Elvas: Herdade da Pegacha, Herdade do Celeiro e Herdade da Defesa (sítios na freguesia de Barbacena, Vila Fernando), e ainda Herdade das Casas Velhas (Terrugem e Vila Boim). Estima-se que perfizessem, no seu conjunto, um número mínimo de 10 sepultu-

¹⁶ Revemos aqui os valores apresentado em Rolo, 2018, I, pp. 79 e 341.

ras identificadas (AFCB: Deus, [s.d.]a, p. 2).¹⁷

No que diz respeito ao espólio, é certo que desta atividade exploratória resultou a recolha de numerosos e variados materiais. Em 1956, Abel Viana contabilizava um total de cerca de 1570 peças resultantes de todas as intervenções arqueológicas na região alto alentejana, ressaltando existirem, à data, “*por abrir, vários caixotes remetidos de Vila Fernando após falecimento de Dias de Deus*” (MNA: APMH/5/1/324/5_4/19, p. 3). Este valor preliminar calculado em meados da década de 50 fica longe do valor que nos foi possível apurar, quer em termos gerais, quer no que respeita ao espólio exclusivamente atribuído a arqueossítios romanos e/ou tardo-antigos. Assim, de acordo com dados disponíveis, o total de espólio datável de época romana e/ou tardo-antiga recolhido durante cerca de vinte anos de explorações ultrapassará os dois milhares de peças (aproximadamente 2643 itens contabilizados), entre as quais uma significativa percentagem sem proveniência conhecida ou não identificada/localizada nas coleções museológicas estudadas. Este abundante conjunto terá sido repartido, logo à época, e segundo critérios nem sempre destrincháveis aos nossos olhos, por diferentes instituições museológicas. Como vimos, a quase totalidade do espólio resultante destas ‘pesquisas’ integra, hoje em dia, o acervo do Museu de Arqueologia da Fundação da Casa de Bragança, no Castelo de Vila Viçosa, encontrando-se o restante material disperso pelos acervos do antigo Museu Municipal de Elvas António Thomaz Pires (Câmara Municipal de Elvas – Reservas de Arqueologia), Museu Nacional de Arqueologia, e Museu Geológico (LNEG/LGM).

Por fim, importa realçar que, apesar de temporalmente restrita, a parceria entre Abel Viana e A. Dias de Deus se revelou bastante frutuosa. Desta resultou a produção de mais de uma dezena de artigos em publicações nacionais e estrangeiras, documentando o fenómeno megalítico e as evidências da Idade do Ferro e época romana a tardo-romana no atual território elvens e concelhos limítrofes (Deus, Louro & Viana, 1955; Deus & Viana, 1952; Viana, 1950; Viana, 1955b; Viana, 1955c; Viana, 1956; Viana, 1960-1961b; Viana & Deus, 1950a; Viana & Deus, 1950b; Viana & Deus, 1951; Viana & Deus, 1952; Viana & Deus, 1955a; Viana & Deus, 1955b; Viana & Deus, 1955c; Viana & Deus, 1957; Viana & Deus, 1958). As profundas transformações operadas na paisagem rural alentejana desde meados da década de 30 do séc. XX até à atualidade reforçam a importância e pertinência das informações publicadas por Abel Viana e A. Dias de Deus enquanto instrumento “*para a interpretação de sítios arqueológicos hoje desaparecidos ou que dificilmente são notórios na paisagem profundamente antropizada do actual concelho*”

¹⁷ A opção de não incluir estes espaços funerários na nossa amostra de estudo prendeu-se com a escassez de informação sobre as evidências arqueológicas documentadas, com a ausência de eventual espólio atribuído aos arqueossítios, e com as dificuldades sentidas na identificação e relocalização dos mesmos.

de Elvas, constituindo uma base documental extremamente fíável porque alicerçada num profundo conhecimento do terreno” (Almeida, 2000, pp. 23 e 25).

3. SOBRE AS «NECRÓPOLES CÉLTICO-ROMANAS ELVENSES»

3.1. Caracterização genérica da amostra de estudo

A nossa amostra de estudo desdobrou-se em duas vertentes indissociáveis entre si – os arqueossítios em análise e o respetivo espólio. No que respeita aos primeiros, o apuramento dos 22 arqueossítios com evidências de natureza funerária de época romana e/ou tardo-antiga analisados resultou da compilação de todos os dados conhecidos sobre as denominadas «necrópoles céltico-romanas» alto alentejanas. Referimo-nos não apenas à informação publicada sobre os arqueossítios, desde meados da década de 40 do séc. XX até à atualidade, mas também a toda a informação de natureza documental a que pudemos ter acesso. Ao longo do presente capítulo procederemos a uma breve apresentação individualizada de cada um destes espaços funerários. Neste âmbito, convirá esclarecer que se adoptou como modelo de organização para a apresentação dos arqueossítios o mesmo modelo seguido por Jorge de Alarcão na obra *Roman Portugal* (1988), e posteriormente por André Carneiro (2014, II). Para cada um dos arqueossítios é apresentado um breve resumo dos dados conhecidos, para além da indicação do respetivo topónimo e localização topográfica (freguesia/ concelho/ distrito), da Carta Militar de Portugal correspondente e das respetivas coordenadas de georreferenciação (Código do Sistema de Referência: WGS84 Gauss-Kruger).¹⁸ Indicam-se ainda o Código Nacional de Sítio (DGPC – Portal do Arqueólogo) e o acrónimo atribuído a cada necrópole – sigla formada por 3 caracteres maiúsculos e utilizada como referência ao longo do nosso projeto de investigação, designadamente na inventariação do espólio que compõe o Catálogo (Rolo, 2018, IV, Anexo 3).

No que se refere à segunda vertente da nossa amostra – os materiais arqueológicos, apurou-se um total de 1078 itens, com proveniência atribuída, com maior ou menor segurança, às denominadas «necrópoles céltico-romanas elvenses». A percentagem maioritária do espólio que compõe a nossa amostra de estudo integra o acervo do Museu de Arqueologia da Fundação da Casa de Bragança (791 itens). Da Coleção de Arqueologia do antigo Museu Municipal de Elvas contamos com 166 peças, do Museu

¹⁸ São de assinalar as dificuldades sentidas na identificação e (re)localização das evidências arqueológicas funerárias dadas a conhecer por Abel Viana e A. Dias de Deus. Assim, e com exceção do arqueossítio de São Rafael, a localização apresentada para as necrópoles corresponde, não ao seu posicionamento exato, mas aos locais onde se assinala o topónimo referenciado pelos ‘pesquisadores’ (Lopes, 2000, p. 24) ou, sempre que possível, a pontos na paisagem enquadráveis no perfil descrito pelos autores e que, se supõe, possam corresponder aos locais de implantação dos arqueossítios.

Geológico com 75 itens, e do Museu Nacional de Arqueologia com um conjunto de 40 peças. No entanto, tendo em conta as vicissitudes que marcaram estas ‘pesquisas’ alto alentejanas, não nos deve surpreender que este conjunto esteja longe de corresponder a todo o espólio identificado no decurso do processo de escavação dos arqueossítios. Este desequilíbrio entre o total de espólio enumerado e descrito pelos ‘pesquisadores’ e a amostra de materiais que nos foi possível reunir prende-se com as dificuldades registadas, não só na localização de peças nos acervos museológicos, mas também na identificação da proveniência dos materiais que, estando localizáveis, não apresentavam qualquer indicação relativa à respetiva proveniência e contexto de achado.¹⁹

Registe-se que, da nossa amostra, apenas 381 peças (35% do total) se reportam, com relativa segurança, a um contexto sepulcral. Do conjunto globalmente apurado, cerca de 61% (654 itens) corresponde a material genericamente identificado como sendo proveniente de determinado espaço funerário, mas sem indicação do respetivo contexto de sepultura. De igual modo, há ainda que contabilizar 28 itens de contexto desconhecido (isto é, atribuíveis aos arqueossítios em análise, mas sem informação que confirme o respetivo achado em contexto funerário); e 15 itens resultantes de recolhas de superfície realizadas entre o último quartel do séc. XX e os inícios da centúria seguinte. A opção de incluir estes materiais na nossa amostra de estudo justificou-se, por um lado, pela necessidade de complementar a escassa informação disponível sobre os sítios; e, por outro, pela potencial relevância do espólio em causa para uma leitura diacrónica dos arqueossítios.

Da totalidade do espólio analisado, cerca de 51% (558 itens) correspondem a cerâmica comum, conforme a definição proposta por I. Vaz Pinto (2003, pp. 50-60). Considerando a globalidade da amostra de cerâmica (incluindo cerâmicas finas e de construção), esta abarca um percentual maioritário – 73% – do total dos materiais selecionados. Deste espólio sobressai igualmente o conjunto de *terra sigillata*, com 123 itens, compondo assim 11% da amostra geral e 16% da parcela de material cerâmico. As paredes finas e as lucernas correspondem, respetivamente, a 6,5% (53 itens) e 3,6% (29 itens) do material cerâmico, e a 4,8% e 3,6% do total da amostra. Por sua vez, a cerâmica de construção, representada por 26 itens, perfaz cerca de 3,3% desta categoria artefactual e 2,4% da amostra geral. De notar que a cerâmica manual (39 itens) integra o conjunto da cerâmica comum, encontrando-se representada por cerâmica utilitária da Idade do Ferro ou de tradição indígena, 12 cossoiros, e seis pesos de tear. Os metais correspondem à segunda categoria de espólio mais representada, totalizando 20% (216 itens) da

¹⁹ A propósito das contingências que marcaram a dispersão dos materiais pelas diversas instituições museológicas, e das limitações com que nos deparámos no decurso do nosso estudo, consultar Rolo, 2018, I, pp. 85-125, 136-138.

nossa amostra. Por sua vez, os vidros correspondem a apenas 4,5% (49 itens) do total. As restantes (sub)categorias documentadas perfazem percentagens residuais da amostra geral: material lítico – 0,9% (10 itens), material epigráfico – 0,5% (6 itens), ecofactos e outros – 0,5% (6 itens), e numismas – 0,2% (2 itens).

A representatividade do vasto espólio atribuído a estas necrópoles suscitou, ao longo de toda a segunda metade do séc. XX e já em inícios da atual centúria, o interesse de vários investigadores que se dedicaram ao estudo destes materiais. São disso exemplo os trabalhos publicados sobre *terra sigillata* (Alarcão, A., 1960-1961; Delgado, 1968; Mayet, 1984), lucernas (Alarcão & Ponte, 1976), vidros (Alarcão, J., 1968; 1975; 1978; Alarcão & Alarcão, 1967), cerâmica de paredes finas (Mayet, 1975; Sepúlveda & Carvalho, 1998), cerâmica comum (Nolen, 1985; 1995-1997), metais (Ponte, 1986; Arezes, 2010; 2014), ou epigrafia (Encarnação, 1984). Da Coleção de Arqueologia do Museu Geológico (LNEG/LGM) consta o espólio atribuído ao arqueossítio da Herdade de Fontalva (Elvas), parcialmente estudado e publicado por Afonso do Paço, Octávio da Veiga Ferreira e Abel Viana (Paço & Ferreira, 1951; Paço, Ferreira & Viana, 1957). Do conjunto de materiais previamente estudados e publicados pelos autores citados, constam da nossa amostra 677 itens, correspondendo as demais peças – 401 itens, ou seja, 37% do total – a material inédito. (Gráficos 1 e 2, p. 73)

3.2. Necrópoles, práticas funerárias e cronologias

3.2.1. Herdade das Carninhas/ Porto das Escarninhas (Assunção, Arronches, Portalegre. CNS 5748. CMP 385. N 39° 6' 0.6'' / W 7° 15' 93.3''. Acrónimo – CRN)²⁰

Na única referência ao arqueossítio por A. Dias de Deus e Abel Viana, dá-se conta da destruição (pelo menos parcial) de uma necrópole de presumível cronologia romana – “*ali se encontraram alicerces de edifícios romanos e uma necrópole, também romana, na qual há dez anos destruíram algumas sepulturas*” (Deus, Louro & Viana, 1955, p. 574). Não dispomos de dados que confirmem a eventual realização de trabalhos arqueológicos no local por parte da equipa de Vila Fernando e Abel Viana. No terreno pudemos observar manchas de dispersão de material de construção e cerâmica comum de época romana, mas não se identificaram quaisquer vestígios que indicassem a localização de uma área de necrópole. Seja como for, parece-nos digna de nota a proximidade do sítio em relação ao presumível ponto de travessia do Caia pela via XIV (Azevedo, 1896, p. 264; Carneiro, 2014, I, pp. 130-131; II, p. 39, 02.31; Carneiro, 2017 - FE 150, n.º 606; Saa, 1967, p. 39), dado que nos coloca perante o tipo de implantação preferencial para espaços de enterramento de época romana, isto é, na proximidade de eixos viários. Tendo em conta que “*segundo informações prestadas pelo atual proprietário há notícia de ter sido encontrada, em finais do século passado ou inícios deste, uma necrópole de sepulturas feitas de tijolo*

²⁰ Acerca dos topónimos e das evidências arqueológicas atribuídas a Herdade das Escarninhas/ Porto das Carninhas, ver Rolo, 2018, I, pp. 147-149.

cobertas por lajes de granito. O espólio eventualmente encontrado ter-se-á entretanto perdido” (Lopes, 2015, pp. 83-84), questionamo-nos se a aludida necrópole poderia corresponder ao espaço funerário referenciado por Deus, Louro & Viana (1955, p. 574). Sem espólio conhecido atribuído ao arqueossítio, limitamo-nos a sugerir uma cronologia genérica de época romana e/ou eventualmente tardo-antiga.

3.2.2. Nossa Senhora do Carmo (Assunção, Arronches, Portalegre. CNS 5746. CMP 385. N 39° 4' 37.66" / W 7° 18' 01.53". Acrónimo – NSC)

De acordo com Deus, Louro & Viana (1955, p. 574), em meados da década de 50 do século passado, conservar-se-ia por explorar uma necrópole romana localizada a sul da capela de Nossa Senhora do Carmo. Em função dos dados conhecidos, presumimos que ali não se tenham chegado a realizar quaisquer trabalhos de escavação por parte de A. Dias de Deus e Abel Viana. Na nossa visita ao local não foi possível identificar vestígios do espaço funerário em causa, nem tampouco do miliário e do troço da via romana que, à época dos autores citados, seriam visíveis nas proximidades do local da necrópole (ibid.). Constatou-se, porém, a existência de uma mancha de dispersão de material cerâmico de construção romano e a utilização de silhares de granito aparelhados na construção da capela de Nossa Senhora do Carmo (edifício atualmente devoluto e em acelerado estado de degradação), dados que parecem atestar o povoamento daquele local em época romana.

A ausência de dados conhecidos sobre o espaço funerário, bem como sobre eventual espólio atribuído ao arqueossítio, inviabilizam quaisquer inferências de ordem cronológica, pelo que nos atemos à cronologia romana genericamente assumida em Deus, Louro & Viana (ibid.). Por sua vez, a sepultura antropomórfica, escavada na rocha e identificada a sul da elevação onde se encontra implantada a capela de Nossa Senhora do Carmo, remete-nos para um horizonte cronológico distinto, presumivelmente medieval (Rolo, 2018, I, p. 152).

3.2.3. A-do-Rico (Nossa Senhora dos Degolados, Campo Maior, Portalegre. CNS 5749. CMP 386. N 39° 05' 21.7" / W 7° 09' 83.4". Acrónimo – ADR)²¹

A-do-Rico configura um exemplo paradigmático daquilo que terá sido a realidade de parte dos sítios arqueológicos explorados pelos pesquisadores de Vila Fernando e Abel Viana – sítios identificados em contexto de trabalhos agrícolas (ou outros), muitas vezes já parcialmente destruídos e saqueados aquando da identificação e intervenção destes agentes, e quase sempre (se não mesmo sempre) apenas parcialmente escavados, resultando desta intervenção um conhecimento parcelar da realidade arqueológica a que dariam forma. A necrópole de A-do-Rico terá sido largamente destruída por enxurradas, em meados dos anos 40 (Viana & Deus, 1955b, p. 265). Ter-se-á procedido à abertura de uma sondagem, e decorrente escavação de duas pequenas sepulturas de incineração (ibid.). Desconhece-se a data precisa destes trabalhos e quais os intervenientes, ainda que sejamos levados a pensar poder tratar-se de uma intervenção anterior a meados de 1949 e à colaboração de Abel Viana (MRB: Viana, 21/01/1955, p. 2).

O único espólio identificado resume-se a duas peças de cerâmica comum e um unguentário de vidro, da forma Isings 82 B2 (Isings, 1957, p. 99), atribuídos ao contexto funerário da designa-

²¹ Acerca da localização do arqueossítio, ver Rolo, 2018, I, pp. 153-154.

da sepultura 1 (ADR.cc.001_1, ADR.cc.002_1, ADR.vi.001_1).²² Em função disso, importa ressaltar que o âmbito cronológico proposto para esta necrópole – t.p.q. de meados do séc. I e t.a.q. de finais do séc. II, eventualmente extensível a inícios/meados do séc. III d.C. – baseia-se, em exclusivo, no espólio deste conjunto funerário, não sendo possível avaliar em que medida este âmbito seria (ou não) representativo da diacronia de utilização do espaço funerário no seu todo.

3.2.4. Eira do Peral (Santo Aleixo, Monforte, Portalegre. CNS 11940. CMP 398. N 38° 57' 38.2'' / W 7° 26' 06.8''. Acrónimo – EPE)

O antigo Monte do Peral, atualmente em ruínas, situa-se a menos de 500 metros de distância da área onde se supõe a localização da antiga eira, e onde terão sido identificados vestígios de edifícios romanos e um sarcófago (Carneiro, 2014, II, p. 352, 13.38; Deus, Louro & Viana, 1955, p. 576).²³ Da informação publicada por Abel Viana e A. Dias de Deus constam, para além da descrição dos trabalhos realizados nos três dólmenes da Herdade do Peral (Viana & Deus, 1955c, pp. 11-12, Fig. 1, n.ºs 8-10, Fig. 2, n.º 5, Fig. 5, n.º 2), duas referências a evidências arqueológicas de natureza funerária que nos interessam em especial. Referimo-nos, em primeiro lugar, à descoberta de um conjunto de sepulturas de incineração, ocorrida na sequência da exploração da anta 3 do Peral – “*Em Agosto de 1952 tornamos a visitá-la (anta 3 do Peral) e fizemos nela uma ligeira escavação. (...) Ao sondarmos o terreno, a dois metros do lado sul do dólmen, deparou-se-nos uma série de sepulturas de incineração [sic], formadas com lajes, pertencentes a época muito posterior à do megálito, mas provavelmente pré-romanas*” (Viana & Deus, 1957, p. 93). A ausência de mais informações sobre este conjunto de enterramentos leva-nos a crer que não terão chegado a ser explorados. A segunda referência em causa diz respeito a um “*túmulo romano, de mármore, com tampa também de mármore*” doado por A. Dias de Deus ao antigo Museu Municipal de Elvas, a 14 de Novembro de 1949, ainda que se desconheçam as circunstâncias em que terá ocorrido este achado.²⁴ De acordo com dados constantes da base de dados da DGPC e de Carneiro (2014, II, p. 352), informações orais confirmam, não só o achado do sarcófago, mas também a descoberta de outras sepulturas com ossadas e com tampas de mármore.²⁵ O sarcófago, que atualmente integra as Reservas de Arqueologia da Câmara Municipal de Elvas, corresponde ao único espólio (identificado) atribuído ao arqueossítio (EPE.li.001). Elaborado em mármore de elevada qualidade, de tipo Estremoz – Vila Viçosa, enquadra-se na forma 3 definida por Cagnat & Chapot (1916, I, p. 332, Fig. 176) e encontra bons paralelos noutras peças de fabrico local/regional (Rolo, 2018, I, pp. 162-163, nota 8).

Em função dos dados disponíveis resta-nos, por um lado, corroborar a ideia, proposta por

²² Registe-se a indicação do achado de cerca de 200 peças cerâmicas (Deus, Louro & Viana, p. 574; Viana & Deus, 1955b, p. 265), pregos e cardas (Viana & Deus, 1955b, p. 265), espólio não localizado/ identificado no decurso do nosso estudo.

²³ O arqueossítio em questão encontra-se classificado como *habitat*, e não como necrópole (DGPC, Portal do Arqueólogo, CNS 1940). Presumimos que tal classificação se prenda com a presença de diverso material de construção e fragmentos cerâmicos de época romana, ainda visíveis no terreno.

²⁴ Inv. CME/MME. A propósito, ver também Deus, Louro & Viana, 1955, p. 576, Est. III, n.ºs 14 e 15.

²⁵ Processo DGPC 95/1 (223): PNTA/98 – As Comunidades Pré-históricas dos 4º e 3º milénios na Região de Monforte; PNTA/2004 – Levantamento Arqueológico do concelho de Monforte.

Abel Viana e A. Dias de Deus, de uma possível cronologia pré-romana, eventualmente da II Idade do Ferro, para o conjunto de incinerações identificado num primeiro momento; e, por outro lado, sugerir para o sarcófago e demais inumações documentadas um *terminus post quem* do séc. III d.C.. Neste último caso, e atendendo a outras ocorrências de sarcófagos documentadas no atual território alto alentejano – como, por exemplo, em Pardais (Vila Viçosa), Silveirona (Estremoz), São Pedro dos Pastores (Monforte), e Torre de Palma (Monforte) –, considera-se provável que o núcleo de inumações identificado seja mais tardio, eventualmente enquadrável entre os séc.s IV – VI d.C..

3.2.5. Herdade de Fontalva (Santa Eulália, Elvas, Portalegre. CNS 4151. CMP 399. N 38° 59' 03.06" / W 7° 18' 00.30". Acrónimo – FNT)

As recolhas de materiais arqueológicos no arqueossítio de Fontalva assumiram contornos distintos das restantes necrópoles alto alentejanas estudadas. Com base nos dados conhecidos, confirma-se que A. Dias de Deus, pouco tempo antes do seu falecimento, terá obtido autorização do então proprietário da herdade, Ruy d'Andrade, para, em conjunto com Abel Viana, proceder a trabalhos de escavação na herdade e estudar o espólio entretanto reunido (Cardoso, 2008, p. 481, 6.169, p. 483, 6.163). Não nos foi possível, contudo, clarificar as vicissitudes que explicam esta ligação de Viana e Dias de Deus às recolhas ali realizadas. Na verdade, estamos em crer que nenhum dos dois terá, de facto, empreendido quaisquer trabalhos ou recolhas na herdade em questão, tendo estes, na sua maioria, ficado a cargo de Ruy d'Andrade. Ainda assim, é inquestionável a colaboração de Abel Viana no estudo dos materiais de Fontalva (Cardoso, 2008, p. 483, 6.163; Paço, Ferreira & Viana, 1957).

No que se refere às evidências funerárias romanas documentadas, contamos com a informação relativa a uma "*sepultura de 'lages brutas'*", explorada em 1906 por Thomaz João Pires, no sítio do alto do Pombal na dita herdade, e na qual terão sido exumadas cinco peças cerâmicas.²⁶ Por sua vez, na publicação dedicada às "antiguidades de Fontalva", é feita referência explícita ao contexto de "*uma sepultura romana*" (Paço, Ferreira & Viana, 1957, p. 130, Est. IX), ao qual se reportam algumas das peças que compõem a atual Coleção 76 do Museu Geológico [Paço & Ferreira, 1951, p. 416, (2); *ibid.*]. Não obstante, é quase total o nosso desconhecimento sobre as características morfológicas destes enterramentos e práticas rituais associadas. Para além da não identificação do local de implantação de tais evidências arqueológicas, os poucos dados disponíveis não nos permitem esclarecer se os dois contextos funerários referidos fariam parte de uma mesma necrópole ou se, pelo contrário, integrariam diferentes núcleos funerários, distribuídos pelo território da herdade e associados a tumulações de características e cronologias distintas.

Atendendo aos materiais atribuídos a Fontalva (77 peças) que integram a nossa amostra de estudo, parecem distinguir-se três momentos de ocupação ao longo do período romano e Alta Idade Média, sem que seja possível confirmar uma eventual continuidade entre si. Em primeiro lugar, tomando em linha de conta a epígrafe funerária (FNT.epi.001), e a presença de *terra sigillata* sudgálica (FNT.tss.001_1) entre os materiais atribuídos à sepultura de lajes identificada em 1906, sugere-se uma fase alto-imperial de tumulações, compreendida entre meados do séc. I e meados do séc. II d.C.. Em segundo lugar, considerando o conjunto funerário associado à sepultura documentada por Paço, Ferreira & Viana (1957), e em particular a lucerna (Ferreira, 1951; FNT.lu.001_2)

²⁶ CME/ BME: Catálogo do Museu Archeologico de Elvas, l., entrada n.º 586, II.a) Objectos Romanos, entradas n.ºs 693-697; Registo de Entradas de Objectos no Museu Municipal de Elvas, Arqueologia Romana.

e a indicação do achado de “*moedas do Baixo Império*” (Paço & Ferreira, 1951, p. 425), propõe-se para o enterramento em questão um âmbito cronológico dos séc.s III-IV d.C.. Por último, a fivela visigótica atribuída a Fontalva (FNT.mt.001), sem contexto de achado conhecido, remete-nos para um momento tardio da ocupação daquele local, já em pleno séc. VII ou eventualmente inícios da centúria seguinte (Arezes, 2011, p. 163; Ripoll, 1998, pp. 61-66, Fig. 4-A).

3.2.6. Chaminé (Barbacena e Vila Fernando, Elvas, Portalegre. CNS 1472. CMP 413. N 38° 54' 46.37"/ W 7° 16' 28.13". Acrónimo – CHA)

A descoberta e escavação dos primeiros enterramentos na Chaminé parece remontar a Outubro de 1948, na sequência dos trabalhos de iniciados por A. Dias de Deus na Herdade do Carrão em Janeiro desse mesmo ano (AFCB: Deus, [s.d.].b, pp. 7-8).²⁷ Tratava-se de um conjunto de cerca de 25 sepulturas de inumação, localizadas nas proximidades de estruturas habitacionais de cronologia romana. Em Abril de 1949, registou-se a descoberta de um segundo conjunto de sepulturas de inumação (cerca de 50), de tipologias construtivas diversas (AFCB: Deus, [s.d.].b, p. 11; Viana, 1950, p. 308 e legenda da Est. X, n.º 62). Foi no decurso da escavação deste segundo conjunto de sepulturas que, em meados da Primavera de 1949, ocorreu a descoberta do denominado «campo de urnas» da Chaminé: “*Tendo reparado que na abertura das sepulturas encontrava muitos restos de vasilhas, comecei [sic] a pesquisar o espaço compreendido entre as sepulturas e com espanto fui encontrando uma grande porção de urnas em barro, mais de cento e oitenta, com tamanhos que variam entre dez e cinquenta centímetros [sic] e cheias de ossos carbonizados [sic]*” (AFCB: Deus, [s.d.].b, p. 12; Viana, 1950, p. 309; Viana & Deus, 1950b, pp. 230-231). Ter-se-á explorado somente uma pequena deste espaço funerário, o qual se prolongaria “*pelo menos, em duas direcções, até um limite não verificado*” (AFCB: Deus, [s.d.].b, p. 12; Viana, 1950, p. 311). As informações sobre o número de urnas cinerárias que terão sido exumadas são contraditórias²⁸, pelo que optámos por assumir um número mínimo de 150 urnas, ressaltando-se, por um lado, a utilização abrangente e pouco criteriosa do termo ‘urna’ pelos ‘pesquisadores’ (Fabião, 1998, I, p. 373), e, por outro lado, a impossibilidade de apurar ao certo o número de sepulturas a que corresponderiam as ditas urnas escavadas. A maioria destas sepulturas documentaria a prática da incineração com deposição secundária, distinguindo-se dois tipos de enterramentos em urna: o tipo predominante, correspondente à deposição das urnas numa espécie de caixa, formada por lajes ou paredes de pedras de pequenas a médias dimensões, rodeada e coberta por amontoados de pedras, aparentemente sem uma disposição específica; e um segundo tipo, menos elaborado, que consistiria na coloca-

²⁷ Recorde-se que os sítios da Chaminé e da presumível *villa* do Carrão se situam a curta distância entre si (150 a 200 metros), separados pelo ribeiro do Carrão e pelo caminho de acesso aos atuais edifícios do Monte da Chaminé. Para além da aparente contemporaneidade (pelo menos parcial) do espaço funerário e do espaço de *habitat* (Carneiro, 2014, I, p. 121; 2015, pp. 129-130), os dois sítios terão sido escavados sensivelmente durante o mesmo período, entre Janeiro de 1948 e Outubro de 1949. A partir desta última data, A. Dias de Deus e Abel Viana viram-se forçados a cessar os trabalhos arqueológicos naquelas estações, tendo a responsabilidade legal pelos sítios do Carrão, Chaminé e Terrugem transitado para o então Museu Etnológico (Cardoso, 1999, p. 153; Viana & Deus, 1950b, p. 236; Viana & Deus, 1951, p. 91). Saliente-se que, de acordo com os dados conhecidos, nenhum dos referidos arqueossítios voltou a ser alvo de trabalhos arqueológicos desde então. Ver Rolo, 2018, I, pp. 66-76; 178-182.

²⁸ AFCB: Deus, [s.d.].b, p. 12; Heleno, 1951, p. 86; Viana, 1950, p. 309.

ção das urnas e restos incinerados em covachos simples ou aproveitando as cavidades naturais do subsolo, sem qualquer estrutura de caixa a servir-lhes de proteção, e apenas cobertas e/ou delimitadas por montículos de pedras, pouco visíveis à superfície (Viana, 1950, p. 309; Viana & Deus, 1950b, p. 230; Viana & Deus, 1951, p. 90; Viana & Deus, 1955a, p. 67; Viana & Deus, 1958, p. 4). De um modo geral, e com exceção da possível fíbula anular romana de tipo Ponte B51.1b/ Mariné 21.1 b (CHA.mt.043), para a qual se sugere um *t.p.q.* de meados do séc. I a.C., o conjunto de espólio presumivelmente associado a este momento de uso funerário da Chaminé atesta um âmbito cronológico de finais do séc. IV a inícios do séc. II a.C., conforme proposto por Fabião (1998, I, p. 383).²⁹ Esta cronologia é reforçada pela presença de peças como a espada de antenas de tipo Quesada VI (CHA.mt.047), a espada de tipo Quesada 2 (CHA.mt.058), mas também pela significativa representatividade de fíbulas anulares hispânicas classificáveis como Cuadrado 4/ Ponte 13 (CHA.mt.023 a CHA.mt.027, CHA.mt.029, e CHA.mt.031 a CHA.mt.035), e de fíbulas La Tène I/ Ponte 24 (CHA.mt.036 a CHA.mt.040). De igual modo, o material cerâmico parece remeter-nos para as balizas cronológicas definidas, destacando-se, entre a cerâmica manual, os copos de tipo I Nolen (CHA.cc.001 a CHA.cc.005) e os potes de tipo IV Nolen (CHA.cc.016, CHA.cc.017, CHA.cc.019 a CHA.cc.021), estes últimos igualmente representados na amostra de cerâmica torneada. Do conjunto da cerâmica a torno, sobressaem ainda as taças de tipo IV-f Nolen (CHA.mt.045 a CHA.mt.049) e os unguentários (CHA.cc.039 e CHA.mt.040), com paralelos nas formas 2 de Medellín (Lorrio, 1988-1989, p. 297, Fig. 7, E, n.º 2) e 13.A.I da cerâmica ibérica do Guadalquivir (Pereira Sieso, 1988, pp. 164 e 167, Fig. 14, n.º 7).

Numa das extremidades do campo de urnas foram identificados três locais onde se terá verificado a concentração de terra negra e cinzas, tendo por isso sido interpretados como possíveis *ustrina* (Viana, 1950, p. 311). Próximo de um destes locais – descrito como uma espécie de pavimento de pequenas pedras, com uma área não superior a 3 m² (Viana & Deus, 1950a, p. 69; Viana & Deus, 1958, p. 5) – foi identificado um enterramento de incineração, aparentemente *in bustum* e de cronologia alto imperial. Morfológicamente idêntico às demais tumulações em urna – depositado num covacho, delimitado e coberto por pedras (Viana & Deus, 1950a, p. 69) –, este enterramento forneceu um conjunto de oito recipientes cerâmicos (incluindo *terra sigillata* e cerâmica de paredes finas)³⁰, para além de uma pequena jarra de vidro datável de meados do séc. I d.C. (CHA.vi.001), e uma moeda da mesma centúria (Helena, 1951, p. 89; Viana & Deus, 1950a, p. 69; Viana & Deus, 1950b, p. 235; Viana & Deus, 1951, p. 91). Apesar da incongruência dos dados publicados (Viana & Deus, 1950a, p. 69; Viana & Deus, 1950b, p. 236; Viana & Deus, 1951, p. 91), parece-nos viável considerar a existência, não apenas de uma, mas de várias tumulações de cronologia alto imperial que ocupariam a mesma área do designado campo de urnas. De facto, o conjunto de 46 peças atribuíveis a época romana que compõem a nossa amostra de estudo da Chaminé afigura-se, em termos cronológicos, bastante uniforme, apontando para um momento de utilização circunscrito à segunda metade do séc. I d.C. e inícios da centúria seguinte. Não obstante, entendemos que os dados disponíveis não nos permitem afirmar a existência de um nex

²⁹ A peça CHA.mt.039, classificada como fíbula La Tène I/ Ponte 25 e, por conseguinte, associada a uma cronologia de meados do séc. VI – inícios do séc. IV a.C., afigura-se também um elemento dissonante entre o conjunto de espólio da Idade do Ferro. Contudo, o precário estado de conservação da peça implica que a respetiva classificação tipológica e cronologia sejam consideradas com as devidas reservas.

³⁰ Helena, 1951, p. 89; Viana & Deus, 1950b, p. 235; Viana & Deus, 1951, p. 91.

de continuidade entre os enterramentos da Idade do Ferro e os enterramentos de época romana, tal como propõem Frade & Caetano (1993, p. 850).

Ainda na mesma área identificou-se um conjunto de sepulturas de inumação, a uma cota máxima de 1 m de profundidade (Viana, 1950, p. 308) e assim descritas pelos seus ‘pesquisadores’: *“intercaladas nestes enterramentos de vasos e restos de incineração, havia umas quantas sepulturas formadas por pequenas lascas de pedra dispostas à maneira de cistas muito baixas e muito estreitas, semelhantes a pequenos canais com cerca de 2 m de comprimento por 1 palmo de largura e palmo e meio de fundo”* (Viana & Deus, 1950a, p. 68). Contabilizaram-se aproximadamente 50 enterramentos, com orientação este-oeste e disposição simétrica.³¹ A planta das sepulturas era retangular ou, na maioria dos casos, trapezoidal, e a arquitetura tumular diversificada: com paredes e cobertura formadas por pedras; em caixa, com paredes de lajes colocadas a prumo, e cobertura (e eventualmente fundo) também de lajes; ou construídas com telhas, e cobertas por telhas ou tijolos (AFCB: Deus, [s.d.].b, p. 11; Heleno, 1951, p. 89). Manuel Heleno descreveu ainda duas sepulturas *“em forma de barril”* (MNA: APMH/2/18/1, p. 11), pelo que se coloca a hipótese de eventuais paralelos com a planta das sepulturas 31 e 76 de Torre das Arcas. As sepulturas deste núcleo continham um ou mais esqueletos e apresentavam ossários depositados na zona dos pés, junto à parede lateral da sepultura (AFCB: Deus, [s.d.].b, p. 11; Viana, 1950, p. 308), ou numa cavidade anexa criada para o efeito (AFCB: Deus, [s.d.].b, p. 11; MNA: APMH/2/18/1, p. 11).³² O espólio associado aos enterramentos revelou-se escasso, sendo maioritariamente composto por objetos de adorno – *“Dentro duma sepultura encontrei além [sic] de dois brincos em cobre, um colar de contas redondas e outras em forma de pinhão. Estas contas eram de várias dimensões, todas de cor amarelo torrado. (...) outra tinha um brinco em cobre e nove contas em vidro de várias cores e com formas diferentes; noutra existiam uma vasilha em barro grosseiro, colocada ao lado direito, a [sic] altura do pescoço; noutras encontraram-se brincos, fibulas [sic], alfinetes recurvados, dois anéis [sic] e fragmentos [sic] de louça”* (AFCB: Deus, [s.d.].b, p. 11). Com base no espólio genericamente descrito, nas características conhecidas da arquitetura tumular e no rito praticado, propomos para este conjunto de enterramentos uma cronologia tardo-antiga. Apesar da não identificação/ localização do único recipiente cerâmico exumado neste núcleo funerário (AFCB: Deus, [s.d.].b, p. 11; Heleno, 1951, p. 89; Viana, 1950, p. 308), coloca-se a hipótese de que pudesse tratar-se de uma jarrinha, oferenda fúnebre que se vulgarizou entre as comunidades paleocristãs (Sánchez Ramos, 2007, p. 200).

No arqueossítio da Chaminé foi também identificado um outro núcleo de sepulturas de inumação (entre 25 a 30)³³, correspondente aos primeiros enterramentos descobertos e escavados

³¹ Este núcleo de inumações foi designado por Abel Viana como *“o cemitério n.º 2 da Chaminé”* (1950, Fig. 2, n.º 10).

³² Registe-se que, de acordo com os dados conhecidos, o material osteológico não era alvo da atenção dos pesquisadores. Desconhece-se qual a percentagem de material antropológico que terá chegado a ser recolhida nestas intervenções e qual o respetivo paradeiro.

³³ O número total de sepulturas exploradas não se afigura consensual – A. Dias de Deus menciona *“umas trinta”* (AFCB: Deus, [s.d.].b, p. 9); Manuel Heleno refere a exploração de 26 (MNA: APMH/2/18/1, p. 6); e nas publicações dedicadas às «necrópoles céltico-romano elvenses» indicam-se 25 (Deus, Louro & Viana, 1955, p. 568; Viana, 1950, p. 307). Dada a divergência entre os valores apresentados, assume-se a exploração de um número mínimo de 25 sepulturas.

por A. Dias de Deus naquele local, em Outubro de 1948 (AFCB: Deus, [s.d.]b, pp. 8-9; Viana, 1950, p. 306). As informações relativas a estas tumulações são bastante escassas. De acordo com os ‘pesquisadores’, estimava-se que o conjunto de enterramentos explorados pudesse corresponder a sensivelmente metade da área total da necrópole (Viana, 1950, p. 306). Este grupo de sepulturas situar-se-ia a cerca de 50 metros da área escavada do campo de urnas, próximo de um poço e de outros vestígios de construções de época romana identificados na Herdade da Chaminé (AFCB: Deus, [s.d.]b, p. 9; Deus, Louro & Viana, 1955, p. 569; Heleno, 1951, pp. 93-94). As tumulações apresentavam uma orientação norte-sul, planta retangular ou trapezoidal, e uma construção, mais ou menos elaborada, com estrutura em caixa e cobertura construídas com lajes, de granito ou xisto (Deus, Louro & Viana, 1955, p. 568; Viana, 1950, p. 306). O fundo das sepulturas poderia ser igualmente revestido com lajes ou formado por pedras de pequenas dimensões e argila (Heleno, 1951, p. 94). Este núcleo foi descrito como “duas necrópoles, em parte sobrepostas uma à outra” (Deus, Louro & Viana, 1955, p. 569).³⁴ A generalidade dos enterramentos continha um esqueleto (ou vários), em decúbito dorsal (Heleno, 1951, p. 94), e parco espólio associado – “Em duas outras encontrei vasilhas de barro grosseiro; noutras duas moedas romanas (datáveis do Baixo Império) e ainda noutras dois pedaços de ganchos de osso” (AFCB: Deus, [s.d.]b, p. 9), indiciando, à semelhança do núcleo de inumações anteriormente descrito, uma cronologia tardia.³⁵

No que se refere aos dois núcleos de inumações identificados na Chaminé, impõe-se esclarecer que os dados disponíveis não possibilitaram a distinção e identificação do espólio associado a cada um e, por conseguinte, o apuramento dos respetivos âmbitos cronológicos. Os materiais tardo-antigos analisados remetem-nos para cronologias genericamente compreendidas entre o séc. V e o séc. VII d.C.. Um dos anéis (CHA.mt.002), as fivelas (CHA.mt.003 e CHA.mt.005), e, em particular, os brincos com remate poliédrico (CHA.mt.009 a CHA.mt.012, e CHA.mt.015), enquadráveis no nível II definido por Ripoll (1998, pp. 48-50), apontam um *t.p.q.* de finais do séc. V d.C.. Por sua vez, os brincos com remate cilíndrico ou prismático (CHA.mt.013, CHA.mt.014, e CHA.mt.016 a CHA.mt.020), assim como outro anel (CHA.mt.001), são datáveis do séc. VI – VII d.C.. Com base na informação publicada, considera-se verosímil que os dois núcleos de sepulturas de inumação pudessem documentar diferentes fases de uso do espaço funerário da Chaminé. Neste sentido, e apesar de esta diferenciação não resultar evidente da análise do espólio disponível, mantemos a nossa proposta de que o conjunto formado pelas cerca de 25 tumulações com orientação norte-sul possa ter estado associado a um momento mais antigo, eventualmente enquadrável entre os séc.s III e IV d.C. e coevo da ocupação da *villa*. Esta proposta assenta na indicação do achado de moedas do Baixo Império nas sepulturas exploradas (AFCB: Deus, [s.d.]b, p. 9; Viana, 1950, p. 307) e no material cerâmico atribuído ao Carrão (Carrão.tscl.001 e Carrão.tscl.002) (Rolo, 2017). Para o núcleo das 50 inumações com orientação nascente-poente, sugere-

³⁴ Os autores citados dão conta de duas sobreposições de enterramentos, sendo que as sepulturas do estrato inferior se distinguem por apresentarem planta retangular, uma construção mais cuidada (com lajes) e maiores dimensões (Deus, Louro & Viana, 1955, p. 569; Viana, 1950, p. 306).

³⁵ Tendo em conta a mencionada proximidade deste conjunto de tumulações em relação aos vestígios de estruturas de época romana aparentemente relacionados com a *villa* do Carrão (AFCB: Deus, [s.d.]b, p. 9; Heleno, 1951, p. 93), coloca-se a hipótese de uma eventual ‘necropolização’ da área habitacional, em fase posterior ao seu abandono.

-se uma cronologia mais tardia, eventualmente compreendida entre os séc.s V-VII d.C. (Caetano, 2002, p. 331; Carneiro, 2015, p. 130).

3.2.7. Serrones (Barbacena e Vila Fernando, Elvas, Portalegre. CNS 5715. CMP 413. N 38° 54' 10.42'' / W 7° 21' 59.19''. Acrónimo – SER)

A identificação da necrópole de Serrones terá ocorrido em meados da década de 40 do séc. XX, com a descoberta fortuita (e posterior destruição) de uma sepultura por um trabalhador agrícola (Viana & Deus, 1955c, p. 23). Só em 1951, volvida cerca de uma década sobre este achado, A. Dias de Deus e Abel Viana terão iniciado os trabalhos de escavação da necrópole, explorando um total conhecido de 105 sepulturas (MRB: [s.a.], [s.d.]; MRB: Deus, [s.d.]), e não apenas as 92 divulgadas em algumas das publicações dos autores citados e em relatórios oficiais (AFCB: Viana, 31/12/1953, p. 4; Viana, 1955b, p. 8; Viana & Deus, 1955c, p. 23).³⁶ Os trabalhos de escavação terão continuado no decurso do ano de 1952 (aparentemente em simultâneo com a exploração da necrópole de Padrãozinho – MRB: Viana, 30/04/1952, p. 1). Neste caso, é bem evidente como a efetiva colaboração e orientação de Abel Viana nos trabalhos de campo e registos viabilizou a posterior publicação da descrição individualizada das sepulturas exploradas e indicação do respetivo espólio (Viana & Deus, 1955c).

A necrópole em análise reunia sepulturas de morfologias diversas, associadas, de forma aparentemente indiferenciada, à prática dos dois ritos funerários. Em função dos dados conhecidos, contabilizámos um número total de 41 inumações, 33 sepulturas de rito indeterminados e 31 incinerações (MRB: [s.a.], [s.d.]; Deus, [s.d.]). Relativamente a estas últimas, os dados disponíveis não são suficientemente esclarecedores quanto à representatividade da prática da cremação com deposição primária e deposição secundária. A par de algumas sepulturas de construção mais elaborada, a tipologia formal mais frequente, independentemente do rito associado, corresponderia ao covacho simples, de planta (sub)retangular, com cobertura formada por um amontoado de pedras e/ou lajes de xisto. A orientação predominante parece ter sido poente-nascente (Rolo, 2018, I, p. 208) e, do conjunto de 105 enterramentos documentados, contabiliza-se um total de 68 sepulturas (e não 63, de acordo com Frade & Caetano, 1993, p. 852) que não apresentariam espólio associado.³⁷ A composição dos conjuntos funerários variava entre um item e o valor máximo de 18 itens, correspondendo o número médio de peças por conjunto funerário a seis itens. De um modo geral, as evidências conhecidas parecem retratar algum cuidado na deposição das oferendas fúnebres, designadamente na escolha da posição e local que ocupavam no contexto sepulcral.

Do conjunto de 125 peças atribuídas a Serrones que integram a nossa amostra de estudo, cerca de 82% (102 itens) têm contexto de sepultura identificado, pelo que foi possível proceder à reconstituição parcial de alguns dos conjuntos funerários. O espólio reunido revelou-se bastante coerente, permitindo definir para os enterramentos em questão um âmbito cronológico compreendido entre a segunda metade do séc. I e os inícios do séc. II d.C.. Refira-se que, em

³⁶ Para além do conjunto de enterramentos intervencionado por A. Dias de Deus e Abel Viana, é de assinalar a identificação de outras sepulturas no sítio de Serrones e área envolvente (ver Rolo, 2018, I, pp. 203-204).

³⁷ Atendendo aos dados apurados, contraria-se a ideia de que as sepulturas sem espólio associado seriam, na sua maioria, sepulturas de incineração (Viana & Deus, 1955c, p. 32).

geral, o espólio datante sem contexto de sepultura conhecido corrobora esta moldura cronológica, nalguns casos restringindo-a à segunda metade da primeira centúria (como por exemplo, as peças SER.tss.003, SER.tsh.004, e SER.tsh.012). Assim, da nossa análise dos dados conhecidos, sai reforçada a ideia da existência de, pelo menos, dois momentos e núcleos distintos de enterramentos:

- um mais antigo, de cronologia alto-imperial³⁸, associado a sepulturas de incineração, maioritariamente em covacho simples e com cobertura de pedras ou lajes (com exceção das sepulturas 6 e 9), de orientações variadas, e incluindo oferendas fúnebres;
- e um núcleo posterior, tardo-antigo (eventualmente atribuível aos séc.s VI-VII d.C., conforme sugerido por Frade & Caetano, 1993, p. 860), associado, em termos gerais, a sepulturas de inumação, de tipologia formal diversa, sem espólio associado, e predominantemente orientadas no sentido oeste-este.

Dir-se-ia que o “nexo de continuidade” (Carneiro, 2014, I, p. 253) no uso do mesmo espaço funerário se encontra atestado pelos casos de sobreposições de enterramentos. Referimo-nos, por exemplo, às sepulturas 83, 88 e 89, todas elas de inumação, e cuja implantação se sobrepõe às sepulturas de incineração 82, 84 e 90, respetivamente, datáveis, grosso modo, do período alto-imperial. Neste caso, somos levados a assumir que a constatada prática dos dois ritos funerários no mesmo espaço (à semelhança do que se verifica para as necrópoles de Chaminé, Torre das Arcas ou Padrãozinho) parece apontar, não tanto para a contemporaneidade entre ambos (ao contrário do defendido em Viana, 1955b, p. 9), mas antes para uma sucessão cronológica, com um maior ou menor hiato temporal entre si. (Figura 5, p. 74)

3.2.8. Alcarapinha (Barbacena e Vila Fernando, Elvas, Portalegre. CNS 5716. CMP 413. N 38° 53' 57.70" / W 7° 18' 33.69". Acrónimo – ALC)

A descoberta de sepulturas romanas no sítio de Alcarapinha deverá remontar a 1940, altura das primeiras ‘pesquisas’, a cargo de A. Dias de Deus e A. Luís Agostinho, nos monumentos dolménicos ali identificados (Viana, 1950, pp. 294-295; Viana & Deus, 1955b, pp. 18-19 e 27; Viana & Deus, 1957, p. 98). As únicas informações conhecidas acerca do espaço funerário de presumível cronologia romana resumem-se a uma descrição atribuída ao preceptor-adjunto: “Todas as baixas que circundam os montes “alcarapinha” são ricas em água e o terreno é fértil e aí abundam também [sic] alicerces, cunhais de granito aparelhado, argamassa, telhas etc. Numa dessas baixas deparei com duas idas de pedra espetadas a prumo dando a impressão duma galeria de anta. Cavando entre elas verifiquei tratar-se duma sepultura. Continuando a escavação, descobri mais duas sepulturas paralelas a esta. Duas eram de forma trapezoidal e a outra era quadrada, com 80 centímetros [sic] de lado. As duas primeiras tinham somente os esqueletos enquanto que a [sic] terceira encontrei dois brincoes em cobre, tendo um deles uma conta de vidro” (AFCB: Deus, [s.d.].lb, pp. 2-3). Também o Pe. Henrique da Silva Louro dá conta da descoberta de uma necrópole naquele local, bem como do achado de “muitas tégulas” e de um marco milário conservando a inscrição CAES, “que se encontra na esquina do monte de Alcarapinha” (Louro, 1995², pp. 8-9).

Na visita realizada ao terreno, não nos foi possível identificar o possível local de implantação

³⁸ Corroboram-se as cronologias genericamente propostas para o espaço funerário de Serrones por J. Nolen (1985, pp. 143-146; 1995-1997, pp. 352-358) e H. Frade e J. C. Caetano (1993, pp. 852 e 860).

destes enterramentos. Sabe-se apenas que as três sepulturas de inumação exploradas se encontrariam dispostas paralelamente, com uma presumível orientação poente-nascente (AFCB: Deus, [s.d.]b, p. 3; Viana, 1950, pp. 293-294; Viana & Deus, 1955b, p. 27). Conforme descrito pelo autor, e ilustrado em planta constante de Viana & Deus, 1955b (p. 39, Fig. 8-1), duas das sepulturas apresentariam planta retangular/ trapezoidal, enquanto uma terceira sepultura (à qual supomos atribuir-se o escasso espólio encontrado) apresentaria uma planta sensivelmente quadrangular.³⁹ Atendendo às escassas evidências conhecidas – a aparente escassez de espólio fúnebre e a prática da inumação – sugere-se uma cronologia tardo-antiga para estes enterramentos.

3.2.9. Horta da Serra (São Brás e São Lourenço, Elvas, Portalegre. CNS 5706. CMP 413. N 38º 51' 48.23" / W 7º 14' 58.36". Acrónimo – HSE)

Em relatório elaborado por Abel Viana, pode ler-se: “*Fomos igualmente prevenidos de que na Horta da Serra estavam a ser destruídas sepulturas. Apenas chegamos a tempo de observar algumas [?] recolher os respectivos espólios*” (AFCB: Viana, 06/01/1954, p. 4). Por seu turno, a indicação dirigida a Dias de Deus – “*Mande-me todos os informes que tiver sobre a Horta da Serra. Desenhou as sepulturas? Tirou fotografias? / [...] tudo o que tiver vá mandando.*” (id., p. 2) – leva-nos a pensar que a exploração deste espaço funerário poderá ter sido, a par da escavação de Torre das Arcas, uma das últimas ‘pesquisas’ levadas a cabo pela dupla. No aparente contexto de “*salvamento*” (Carneiro, 2014, II, p. 175) acima descrito, ter-se-á explorado um conjunto de 15 sepulturas de incineração (Deus, Louro & Viana, 1955, p. 574). A referência à identificação de “*alicerces de uma casa provavelmente romana*” (Deus, Louro & Viana, 1955, p. 574)⁴⁰ parece sugerir a existência de uma possível área habitacional, eventualmente contemporânea (ou não) da utilização do espaço funerário.

De acordo com a única planta conhecida (MRB: [s.a.], [s.d.]a), assume-se uma orientação sul-norte para 11 dos 15 enterramentos escavados. As restantes sepulturas, com orientações SE-NO e E-O, parecem ocupar espaço livre entre as demais e uma zona mais periférica do núcleo escavado. Relativamente ao espólio recolhido, os ‘pesquisadores’ contabilizaram: “*20 vasilhas de barro, um anel, algumas tégulas com várias marcas, três moedas de bronze, romanas, e alguns pregos*”, para além de um fragmento de fíbula de bronze encontrado junto às presumíveis estruturas habitacionais identificadas nas proximidades (Deus, Louro & Viana, 1955, p. 574). Entre a nossa amostra de estudo contamos com um total, não de 20, mas sim de 24 peças cerâmicas atribuídas ao arqueossítio de Horta da Serra, sem contexto de sepultura conhecido.⁴¹ Relativamente ao restante espólio descrito pelos autores citados, desconhece-se o respetivo paradeiro. Com base nas cronologias propostas para o conjunto da cerâmica comum estudado, sugere-se que o *terminus post quem* destes enterramentos recue até à segunda metade do séc. I d.C., e que

³⁹ Note-se que não se identificou a existência de espólio atribuído ao presumível espaço funerário romano de Alcarapinha nas diferentes coleções museológicas a que tivemos acesso.

⁴⁰ Evidências não localizadas nos mais recentes trabalhos de prospeção realizados no local (DGPC: Roberto, S. & Frazão, V., *Prospeção* (2010) – Conservação corrente por contrato 2010/2013 - Distrito de Portalegre).

⁴¹ Nos casos das peças HSE.cc.001, HSE.cc.005, HSE.cc.006, HSE.cc.008, HSE.cc.012, HSE.cc.013, HSE.cc.016, HSE.cc.018 e HSE.cc.020, a atribuição ao arqueossítio de Horta da Serra não é segura e deve ser encarada com as devidas reservas.

o *terminus ante quem* não ultrapasse os finais do séc. II/ inícios do séc. III d.C. A presença de um prato de *terra sigillata* hispânica da forma Drag. 18 (HSE.tsh.001) remete-nos para uma cronologia centrada entre a segunda metade do séc. I e os inícios do séc. II d.C. Contudo, parece-nos arriscado extrapolar e assumir a cronologia da produção e utilização desta forma cerâmica para a globalidade dos enterramentos identificados.

3.2.10. Torre das Arcas (São Brás e São Lourenço, Elvas, Portalegre. CNS 4326. CMP 413. N 38º 51' 43.54" / W 7º 13' 04.13". Acrónimo – TDA)

Em inícios de Junho de 1953 António Dias de Deus terá tomado conhecimento do achado de sepulturas na herdade de Torre das Arcas (Viana & Deus, 1955a, p. 244). Porém, a primeira notícia conhecida, alusiva à descoberta de enterramentos de cronologia romana no local, data de 1897 e diz respeito a “*duas sepulturas de tijolos unidas, (...); descobertas por ocasião de se proceder á [sic] surriba de uns terrenos da horta denominada da «Torre das Arcas» (...)*” (CME/ BME: Registo de Entradas de Objectos no Museu Municipal de Elvas, Arqueologia Romana, Arqueologia Romana; Pires, 1901, p. 12, n.º 37; Pires, 1931, p. 114). Assumindo que a exploração deste espaço funerário tenha decorrido entre Junho e Novembro de 1953 (AFCB: Viana, 19/11/1953, p. 1), estamos em crer que Torre das Arcas correspondeu a uma das últimas necrópoles exploradas por A. Dias de Deus e Abel Viana. Em relatório elaborado em finais desse mesmo ano, o arqueólogo minhoto dava conta: “*Tivemos também notícia de que na Herdade da Torre das Arcas iam iniciar o desbravamento de uma parcela de terreno onde já haviam aparecido em tempos algumas sepulturas. / Graças à boavontade [sic] do rendeiro, pudemos explorar 79 sepulturas de incineração.*” (AFCB: Viana, 31/12/1953, p. 4).

Nas palavras dos ‘pesquisadores’, tratava-se de uma “*necrópole de inumação e incineração, muito complexa*” (Deus, Louro & Viana, 1955, p. 547). Desconhece-se a extensão total da necrópole, bem como a área total escavada por Abel Viana e A. Dias de Deus.⁴² Os autores deram-nos a conhecer a identificação e escavação de um conjunto de 79 sepulturas, associadas a diferentes ritos e a um assinalável polimorfismo (Deus, Louro & Viana, 1955, p. 574; Viana & Deus, 1955a). Com vista a uma leitura integrada do arqueossítio, a esta amostra de 79 enterramentos entendemos somar o conjunto de três sepulturas de inumação exploradas, num primeiro momento, pelo funcionário da Colónia Correcional (Viana & Deus, 1955a, p. 244), e localizadas a cerca de 200m para norte da área posteriormente escavada; bem como os dois enterramentos descobertos em finais do séc. XIX (Pires, 1931, p. 114), perfazendo assim um total de 84 sepulturas identificadas em Torre das Arcas. Os escassos dados conhecidos sobre estas cinco sepulturas e o facto de a respetiva localização não se encontrar indicada na única planta de que dispomos da necrópole (Viana & Deus, 1955a, Fig. 1) não nos permitem perceber qual a posição que ocupariam em relação ao núcleo dos 79 enterramentos, e em que medida poderiam ou não ter feito parte de um único espaço funerário.

A orientação predominante dos enterramentos seria nascente-poente, independentemente do rito associado. Do conjunto de sepulturas exploradas contabilizam-se 17 sepulturas de inci-

⁴² Na visita efetuada ao local, constatou-se que a presumível área de implantação da necrópole se encontra, hoje em dia, ocupada por uma plantação de vinha.

neração, 44 inumações, e 18 sepulturas de rito indeterminado.⁴³ Há ainda que contar com as três inumações (com ossários) exploradas numa primeira fase por A. Dias de Deus (Viana & Deus, 1955a, p. 224), bem as duas sepulturas identificadas em 1897, cujo rito, atendendo à arquitetura tumular e ao parco espólio associado, presumimos tratar-se igualmente de inumação. No que respeita às incinerações, as evidências conhecidas parecem indiciar a prática de incinerações com deposição secundária. Questionamo-nos sobre a eventual prática de incinerações *in busta*, e em que medida as sepulturas 59, 78 e 79 poderiam corresponder a testemunhos da mesma. Por sua vez, e no que se refere às inumações, confirma-se a reutilização de sepulturas através do recurso a ossários, prática documentada em 13 dos 79 enterramentos explorados. Na sua maioria (em 82% dos casos), as sepulturas apresentavam planta retangular (Deus, Louro & Viana, 1955, p. 575; Viana, 1955b, p. 12). No que respeita à arquitetura tumular propriamente dita, distinguimos três tipologias transversais aos distintos grupos de sepulturas documentados, isto é, comuns às sepulturas de incineração, inumação e de rito indeterminado (Viana, 1955b, pp. 11-12; Viana & Deus, 1955a, p. 264):⁴⁴

- tumulações em covacho, de planta retangular, com cobertura de telhas (em telhado de duas águas, em camada horizontal simples ou em camada dupla);
- tumulações com estrutura em caixa, de planta retangular, formada por telhas, e com eventual cobertura igualmente composta por telhas;
- e enterramentos em covachos simples, sem indicação de revestimento parietal ou cobertura conservados.

Do núcleo das 79 sepulturas, somente 19 não terão fornecido espólio.⁴⁵ Os conjuntos funerários identificados apresentariam, em média, entre dois a quatro itens. Na maioria dos casos, seriam compostos por espólio cerâmico e/ou metálico, distinguindo-se de outras necrópoles alto alentejanas, quer pelo elevado número de lucernas (21 exemplares, distribuídos por 20 sepulturas – Viana, 1955b, p. 17; Viana & Deus, 1955a), quer pela escassez de material vítreo (documentado em cinco enterramentos) e aparente ausência de *terra sigillata* e cerâmica de paredes finas (Viana & Deus, 1955a, pp. 257-265). Os enterramentos com espólio associado correspondiam, indiferenciadamente, a sepulturas de incineração, inumação e rito indeterminado, observando-se, por exemplo, nos casos das sepulturas 17 (inumação) e 38 (incineração), cada qual com um conjunto funerário composto por dez peças, que a opção por um ou outro rito não seria, *a priori*, critério determinante para uma maior ou menor quantidade de oferendas fúnebres. Por sua vez, se considerarmos os enterramentos que não terão fornecido espólio, constatamos que correspondem predominantemente a sepulturas de inumação.

⁴³ A diferença entre os valores acima apresentados e os valores constantes das publicações (Frade & Caetano, 1993, p. 856; Viana, 1955b, p. 12; Viana & Deus, 1955a) prende-se com a classificação da sepultura 8 como sepultura de incineração, e não de inumação, conforme indicado por Viana & Deus (1955a, Fig.1 e p. 254). A nossa opção baseia-se na descrição do contexto sepulcral feita pelos ‘pesquisadores’, e em particular na alusão a uma “*pequena uma (...), llena de fragmentos de huesos*” (Viana & Deus, 1955a, p. 246).

⁴⁴ Para uma análise mais detalhada do polimorfismo das tumulações em Torre das Arcas, consultar Rolo, 2018, I, pp. 230-232.

⁴⁵ O número de enterramentos sem espólio contabilizado baseia-se em Viana & Deus, 1955a. Não é coincidente com os valores apresentados por Abel Viana – 15 (1955c, p. 12) e 22 (*id.*, p. 9), e fica muito aquém das 32 mencionadas por H. Frade e J. Carlos Caetano (1993, p. 856).

O conjunto de espólio analisado atribuído a Torre das Arcas é composto por 120 peças, tendo sido possível identificar, com maior ou menor segurança, o contexto de sepultura de 94 itens (78% do total), distribuídos por 38 sepulturas. Em 18 casos verificou-se a reconstituição integral dos conjuntos de oferendas fúnebres associados aos enterramentos (sepulturas 3, 4, 9, 13, 16, 20, 21, 27, 35, 38, 45, 49, 50, 52, 56, 61, 65 e 68). Ainda que a amostra de materiais reunidos esteja longe de corresponder ao total de espólio contabilizado pelos ‘pesquisadores’ (Deus, Louro & Viana, 1955, p. 575), foi possível obter uma leitura diacrónica da utilização do espaço funerário. Assim, os enterramentos mais antigos, associados à prática da incineração, remetem-nos para o séc. I d.C.. Veja-se, por exemplo, a sepultura 39: a presença de uma lucerna tipologicamente classificável como Dressel-Lamboglia 11B (TDA.lu.014_39) parece apontar para a cronologia mais alta entre o espólio identificado – séc. I d.C., eventualmente inícios da centúria seguinte (Morillo Cerdán, 2015, pp. 356-357). Porém, e a confirmar-se a efetiva ausência de cerâmica de paredes finas entre os materiais identificados na escavação da necrópole, sugerir-se-ia que o *terminus post quem* deste momento de tumulação não fosse anterior a finais do séc. I ou inícios do séc. II d.C.. Um segundo momento de utilização, desta feita genericamente datável de meados do séc. II – séc.s III/IV d.C., parece ser documentado pela maioria dos enterramentos. No núcleo de tumulações associadas a este arco cronológico contam-se incinerações, inumações e sepulturas de rito indeterminado. Em função dos dados apurados, e corroborando a interpretação de H. Frade e J. C. Caetano (1993, pp. 860 e 870), é possível, por um lado, atestar a simultaneidade da prática dos dois ritos funerários em Torre das Arcas, e, por outro, documentar a prática da inumação naquele espaço a partir de meados do séc. II d.C.. Neste sentido, atente-se aos exemplos das sepulturas 40, 43, 50, e 56, todas elas inumações, cujos conjuntos funerários incluíam lucernas do tipo Dressel-Lamboglia 28A (TDA.lu.005_50, TDA.lu.002_56b e duas lucernas não localizadas). Paralelamente, as sepulturas 8 e 38, ambas incinerações, contariam também com lucernas de tipologia idêntica (TDA.lu.001_38 e uma lucerna não localizada); e, no caso da sepultura 45, a presença de um grande bronze de Cómodo (Viana & Deus, 1955a, p. 261, nota 9) sugere a prática deste rito durante o último quartel do séc. II d.C.. Em rigor, a incineração parece ter-se mantido como opção escolhida na necrópole de Torre das Arcas até, pelo menos, meados do séc. III d.C., conforme indicia a presença de uma lucerna classificável como Luzón 63 entre o conjunto funerário da sepultura 7 (TDA.lu.013_7). Por último, distinguimos uma terceira fase de tumulações, que se caracteriza pela prática exclusiva do rito da inumação, associada a sepulturas de feição ‘visigótica’ (Frade & Caetano, 1993, p. 860) e a cronologias alti-medievais. Salientamos, por exemplo, as sepulturas 27 e 68, cada qual com um jarro como única oferenda fúnebre (TDA.cc.021_27 e TDA.cc.22_68), cujos paralelos formais com os tipos 10 e 9B de Flörchinger (1998, p. 14), respetivamente, nos levam a corroborar a atribuição de uma cronologia dos séc.s VI – VII d.C. a este núcleo de enterramentos, tal como proposto por Frade & Caetano (1993, p. 860). (Figura 6, p. 75)

3.2.11. Horta das Pinas (São Vicente e Ventosa, Elvas, Portalegre. CNS 1686. CMP 414. N 38º 55' 48.87"/ W 7º 9' 53.76"). Acrónimo – HPI)

O arqueossítio de Horta das Pinas corresponde a uma necrópole de incineração, da qual terão sido exploradas cerca de 61 sepulturas, entre Março e Agosto de 1950 (Viana, 1955c, p. 552; Viana & Deus, 1958, p. 10). As condições da descoberta e da tomada de conhecimento deste espaço funerário foram assim descritas por A. Dias de Deus: “*Como se fez o achado? Há pouco mais*

dum mês tendo procedido à descoberta e abertura duma sepultura na Herdade de Alcarapinha, fui informado pela mulher do guarda da Herdade que havia uns três ou quatro anos numa propriedade que um cunhado trazia à venda, apareceram três ou quatro sepulturas, cobertas com tijolos e que de dentro delas tinham retirado muitas tijelinhãs [sic] e barris; que os seus filhos brincavam com essas vasilha pois pareciam brinquedos de crianças, sendo natural até que a irmã ainda tivesse algumas das tijelinhãs [sic]. Depois de telefonicamente pedir autorização ao dono da herdade, Snr. Pompeu Caldeira, e por este senhor me ter autorizado as escavações, resolvi visitar o local e informar-me do que havia” (MRB: Deus, [s.d.], p. 1).

A necrópole ocuparia uma extensão de cerca de quatro hectares, tendo sido apenas parcialmente escavada (Viana, 1955c, p. 553; Viana & Deus, 1958, pp. 10 e 21). O núcleo intervencionado corresponderia ao denominado “campo de urnas céltico-romano” (Viana, 1955c, p. 552), localizado na zona mais setentrional de uma área mais vasta onde terão sido identificadas outras sepulturas. Configurava um espaço funerário de enterramentos em urna (MRB: Deus, [s.d.], p. 2), associados a espólio diverso e à prática da incineração, quer *in busta* (Viana & Deus, 1958, p. 14), quer com deposição secundária. Os autores fazem referência à identificação de dez *ustrina*, dispostos ao longo da área de necrópole explorada, e descritos como “pequenos espaços rectangulares, lajeados e cobertos de lençóis de cinzas” (Viana & Deus, 1958, p. 14).⁴⁶ As sepulturas dispunham-se de forma aparentemente aleatória mas contígua, apresentando, em regra, uma orientação nascente-poente, ainda que nalguns casos se tenha verificado uma orientação sul-norte (MRB: Deus, [s.d.], p. 2; Viana, 1955c, p. 552; Viana & Deus, 1958, p. 10). O grupo de sepulturas escavado permitiu a distinção de cinco tipos de tumulações em urna (Viana & Deus, 1958, pp. 10-11), aqui genericamente descritos:

- covachos delimitados por uma fileira de pedras colocadas a esmo, e com cobertura composta por duas a quatro tégulas, formando um telhado de duas águas. A urna e eventual espólio associado seriam colocados, sem organização aparente, no meio das cinzas;
- covacho simples, no qual eram depositadas as cinzas e o espólio funerário, com cobertura formada por um amontoado de pedras e terra. Trata-se da tipologia formal menos elaborada e com paralelos nas tumulações da Chaminé;
- estrutura em caixa, de planta retangular, composta por lajes. De um modo geral, estas sepulturas apresentar-se-iam delimitadas e cobertas por pedras ou, nalguns casos, com uma dupla cobertura composta por uma ou duas tégulas e, sobre esta(s), pedras e terra;
- covacho simples, com cobertura de lajes ou tégulas, e posteriormente delimitado e tapado por pedras e terra;
- e estrutura em caixa, formada por tégulas dispostas verticalmente, e com cobertura de uma ou duas tégulas, posteriormente tapadas por pedras e terra.

Para além das tipologias descritas, registe-se ainda a aparente existência de sepulturas com estrutura em caixa, composta por tégulas ou lajes, e cobertas por lajes de pequenas dimensões (Deus, Louro & Viana, 1955, p. 570; Viana & Deus, 1958, Fig. 4-8). A este conjunto de sepulturas há ainda que acrescentar outras “três ou quatro” (MRB: Deus, [s.d.], p. 1) identificadas num mo-

⁴⁶ Ressalve-se que o número de *ustrina* identificados em Horta das Pinas difere nas várias publicações, contabilizando-se ora nove destas estruturas (Deus, Louro & Viana, 1955, p. 570; Viana, 1955c, p. 552), ora dez (Viana & Deus, 1958, p. 14, Fig. 2). No presente trabalho, assume-se este último valor, de acordo com a planta da área funerária escavada (id., Fig. 2).

mento anterior à intervenção de A. Dias de Deus. De planta retangular e com cobertura de tégulas, presume-se que não tenham chegado a ser intervencionadas – “*Segundo mais tarde me informaram, as sepulturas encontradas na parte mais ao sul do local onde eu comecei a exploração, são rectangulares com cerca de 2 m de comprido, cobertas por tegulas [sic]; que dentro não encontraram nada senão fragmentos de ossos misturados com terra preta, carvão e cinzas. Será mais antigo o local em que principiei a escavação? Futuras explorações desifrarão [sic] o enigma.*” (id., pp. 1-2).

Da nossa amostra de estudo fazem parte 170 peças atribuídas a Horta das Pinas, sem qualquer indicação de contexto de sepultura. O conjunto de *terra sigillata* documentado aponta para um âmbito cronológico enquadrável, grosso modo, entre o séc. I e inícios do séc. II d.C.. Se considerarmos a cronologia dos exemplares de *terra sigillata* sudgálica, e em particular da taça Drag. 35 marmoreada (HPI.tss.004), somos levados a definir um *t.p.q.* da segunda metade do séc. I d.C. para o espaço funerário. As formas menos comuns de *terra sigillata* hispânica deste conjunto, designadamente as formas Hispânica 54 (HPI.tsh.001) e Hispânica 1 (HPI.tsh.002), bem como a presença de exemplares morfológicamente enquadráveis na variante antiga da forma Drag. 24/25 produzida no centro oleiro de *Tritium Magallum* (HPI.tsh.003 e HPI.tsh.008), reforçam esta baliza cronológica. Por sua vez, o exemplar da forma Drag. 27 atribuído ao oleiro *Attius Paternus* (HPI.tsh.006) leva-nos a propor um *t.a.q.* não posterior a inícios/ meados do séc. II d.C. (Bustamante, 2013, pp. 189-190). No mesmo sentido, destacamos os dois unguentários de tipo Isings 6 (HPI.vi.019 e HPI.vi.020) por corresponderem aos exemplares com a cronologia mais alta – séc. I a.C. - finais do séc. I d.C. (Isings, 1957, pp. 22-23) – entre o material vítreo que integra a nossa amostra de estudo. No grupo dos metais encontramos, todavia, elementos que apontam para outros momentos de possível utilização do espaço funerário. Referimo-nos, em primeiro lugar, a uma fíbula de tipo Alcores/ Ponte 8a/ Schüle 2f (HPI.mt.001), o exemplar mais antigo entre o espólio metálico atribuído às necrópoles alto alentejanas em análise, e a uma possível fíbula anular hispânica (HPI.mt.003), exemplares que parecem indiciar um momento de utilização do espaço funerário anterior à fase alto imperial inferida para a maioria dos restantes materiais. Por sua vez, outras duas peças – uma fivela (HPI.mt.006) e uma pulseira (HPI.mt.008) – parecem sugerir uma utilização da necrópole num momento tardo-antigo (séc.s III-IV d.C.). Assim, em função do exposto e considerando a impossibilidade de reconstituir os conjuntos funerários e precisar cronologicamente os diferentes contextos, considera-se que o núcleo de enterramentos escavados em Horta das Pinas corresponde a uma fase alto imperial de uso da necrópole, compreendida entre a segunda metade do séc. I e os inícios do séc. II d.C.. Tal não invalida, conforme parece sugerir algum do espólio, que a necrópole não possa ter tido uma diacronia de utilização mais alargada, estendendo-se, de forma ininterrupta ou não, até à Idade do Ferro e Antiguidade Tardia.

3.2.12. Terrugem (Terrugem e Vila Boim, Elvas, Portalegre. CNS 5700. CMP 427. N 38° 50' 48.40"/ W 7° 20' 32.00"). Acrónimo – TRG)

A denominada “*estação romano-visigótica*” da Terrugem (Deus, Louro & Viana, 1955, p. 571) parece ter sido explorada por A. Dias de Deus entre os anos de 1947 e 1949.⁴⁷ Reflexo destas pesquisas foram as inúmeras ofertas de espólio recolhido nas “*sepulturas (luso-romanas)*” e “*nas ruínas próximas das sepulturas luso-romanas da Terrugem*”, por parte do funcionário da

⁴⁷ Relativamente às descobertas e pesquisas arqueológicas realizadas na Herdade de Santo António da Terrugem, veja-se a descrição deixada por A. Dias de Deus, transcrita em Rolo, 2018, I, pp. 251-253.

Colónia Correccional, ao antigo Museu Municipal de Elvas (CME/ BME: Registo de Entradas de Objectos no Museu Municipal de Elvas, Arqueologia Romana e Luso-Romana e Arqueologia Visigótica e Árabe). À visita de Manuel Heleno ao arqueossítio, a 28 de Outubro de 1949 (MNA: APMH/2/18/1, p. 27) ⁴⁸, sobreviria, em finais desse mesmo ano, a proibição e interrupção definitiva das explorações no arqueossítio da Terragem.

A par de um presumível núcleo habitacional de época romana, de significativa extensão e “com elevados índices de conforto” (Carneiro, 2014, II, p. 204), o achado do primeiro conjunto de sepulturas reporta-se a meados das décadas de 20-30 do séc. XX (AFCB: Deus, [s.d.].]b, pp. 6-7). Os dados a respeito destas tumulações são escassos, e Abel Viana viria a descrevê-las simplesmente como “várias sepulturas isoladas, com cerâmica” (1950a, p. 304). Para além destas sepulturas, terá sido também identificado um enterramento em covacho, sem revestimento e aparentemente associado à prática da incineração, situado na zona alta da encosta ao longo da qual se distribuíam as demais evidências arqueológicas ali observadas (Viana, 1950, p. 304). Este enterramento encontrar-se-ia, portanto, afastado do espaço funerário identificado e explorado nas faldas da dita elevação, isto é, na zona mais próxima da povoação atual. Atendendo às características gerais da tumulação e à respetiva implantação topográfica, coloca-se a hipótese de estarmos perante um núcleo de enterramentos distinto, quicá associado a uma fase mais antiga da ocupação daquele local. O espaço funerário escavado pelo preceptor da Colónia de Vila Fernando foi descrito como “umcemitério [sic] com umas trinta sepulturas” (AFCB: Deus, [s.d.].]b, p. 4), desconhecendo-se a extensão total da necrópole e a representatividade do conjunto das sepulturas exploradas. Tratar-se-ia de uma necrópole de inumação, composta maioritariamente por sepulturas de planta trapezoidal, com distintas orientações (SE-NO, NE-SO, N-S, E-O), sendo a predominante NE-SO (Viana, 1950, Fig. 19). Todas as tumulações documentadas apresentavam em comum uma estrutura em caixa, construída com lajes ou cerâmica de construção, podendo distinguir-se quatro tipologias fundamentais: sepulturas integralmente construídas com lajes de xisto, incluindo a cobertura; sepulturas com paredes laterais de xisto (colocadas a prumo) e cabeceiras formadas por um único tijolo; sepulturas construídas com tégulas (fundo, paredes e cobertura); e sepulturas (total ou parcialmente) construídas com placas de mármore, incluindo a cobertura (AFCB: Deus, [s.d.].]b, pp. 4-5; Deus, Louro & Viana, 1955, p. 571; Viana, 1950, pp. 300-301). A maioria dos enterramentos explorados apresentavam ossários, sob duas formas – depositados em compartimentos laterais, anexos à parede exterior das sepulturas e construídos com lajes ou tijolos; ou misturados com a inumação mais recente (em regra, colocados à cabeceira ou aos pés da sepultura), podendo chegar a um número máximo de 8 indivíduos por sepultura (AFCB: Deus, [s.d.].]b, p. 5; MNA, APMH/2/18/1, p. 2; Viana, 1950, p. 301, Fig. 2-8 e 9). As sepulturas escavadas distribuíam-se ao longo das faces sul, nascente e poente de uma construção de planta retangular, com aparelho de granito. Aparentemente não apresentariam uma organização espacial definida, mantendo distâncias irregulares entre si (AFCB: Deus, [s.d.].]b, p. 4), sem traçarem uma malha de ‘arruamentos’ que facilitasse a circulação no espaço funerário, tal como comumente se regista em contextos funerários tardos-antigos (Deus, Louro & Viana, 1955, p. 572; Viana, 1950, p. 301 e Fig. 19). A proximidade dos enterramentos em relação ao edifício, bem como a identificação de uma presumível colher litúrgi-

⁴⁸ “O sítio do cemitério foi lavrado. Viam-se em grande area [sic] vestígios de materiais de construção romanos. Uns arcos de fornalha (hipocausto) foram destruídos./ Moedas de Constantino II no Museu de Elvas” (MNA: APMH/2/18/1, p. 27).

ca, com a inscrição *AELIAS VIVAS IN CHRISTO (chrismon)* (TRG.mt.012), numa inumação infantil⁴⁹, parecem sugerir uma eventual função cultural e simbólica do mesmo. Este apresenta-se então convertido em polo centralizador do espaço funerário, num aparente contexto de emulação da prática de enterramentos *ad sanctos*, eventualmente associado a um fenómeno de “necropolização” de antigas áreas residenciais. Por seu turno, os dois numismas (reconvertidos em objetos de adorno ou amuletos – TRG.nm.001 e TRG.nm.002) identificados sob um dos silhares do edifício (AFCB: Deus, [s.d.]b, p. 5), parecem indiciar um *terminus post quem* do séc. IV d.C. para a construção. A propósito, refira-se o achado de uma rosácea em mármore (TRG.li.001), cujos paralelos conhecidos tendem a ser interpretados como possíveis elementos arquitetónicos de edifícios de culto, designadamente igrejas rurais (Morena López, 1999, pp. 99, 104-105, 108, Lâm. I).

A nossa amostra de estudo conta com 36 itens atribuídos ao arqueossítio da Terrugem. Tendo em conta a descrição das recolhas ali realizadas (AFCB: Deus, [s.d.]b), ficou por identificar um conjunto significativo de materiais, os quais, presumimos, correspondam ao resultado de várias sondagens, e não apenas da exploração da área funerária propriamente dita. Entre as limitações impostas pelo espólio reunido contam-se a impossibilidade de reconstituição dos conjuntos funerários e a dificuldade em identificar quais os materiais provenientes de contextos funerários e contextos não funerários. Deste modo, as inferências de ordem cronológica ficam limitadas à distinção de dois momentos fundamentais de ocupação do arqueossítio. Por um lado, a presença de cerâmica de paredes finas (TRG.pf.001) e de um fragmento de fíbula de charneira triangular, de tipo Alésia/ Ponte 41.1a (TRG.mt.002), apontam para um momento alto imperial, centrado entre a segunda metade do séc. I e os inícios/ meados do séc. II d.C..⁵⁰ Por outro lado, dispomos de um conjunto de peças que, independentemente do respetivo contexto de achado, nos remetem para um momento mais tardio compreendido, grosso modo, entre os séc.s IV e VI d.C.. A continuidade do uso funerário do espaço durante este período encontra-se atestada, por exemplo, por um brinco de remate poliédrico (TRG.mt.001), pela colher de *Aelia* (TRG.mt.012), ou pela bacia metálica (TRG.mt.015) com paralelos em Sutton Courtenay (Miles, 1976) e Cubas de la Sagra (Vigil-Escalera, 2015; Montero Ruiz, 2015).⁵¹

3.2.13. Herdade da Camugem (Terrugem e Vila Boim, Elvas, Portalegre. CNS 5701. CMP 427. N 38° 50' 26.30"/ W 7° 16' 32.15". Acrónimo – CMG)

A necrópole da Camugem terá sido explorada em inícios do mês de Agosto de 1949 (MRB: Deus, 07/08/1949), mas o achado das primeiras evidências parece remontar a 1906, altura em que terão sido descobertas e oferecidas ao antigo Museu Municipal de Elvas, por Francisco Mar-

⁴⁹ Somente o Pe. Henrique da Silva Louro refere tratar-se de um enterramento infantil (Louro, 1948, p. 347; Louro, 1964, pp. 8-9); A. Dias de Deus e Abel Viana descrevem-na apenas como uma sepultura de menores dimensões (AFCB: Deus, [s.d.]b, p. 5; Viana, 1950, p. 301).

⁵⁰ Questionamo-nos se a sepultura de incineração identificada por volta dos anos 1945-1946 poderia enquadrar-se neste lapso temporal e corresponder a um primeiro momento de ocupação e utilização funerária daquele espaço.

⁵¹ A não localização do material cerâmico (em particular das duas lucernas) associado ao conjunto de sepulturas de inumação identificadas nas décadas de 20/ 30 do século passado (AFCB: Deus, [s.d.]b, p. 7), inviabiliza uma leitura cronológica dessas evidências funerárias. Tendo em conta o rito praticado, limitamo-nos a sugerir um *t.p.q.* não anterior ao séc. III d.C..

ques da Silveira Pinto, duas lápides funerárias procedentes da Herdade da Camugem.⁵² Em Junho de 1949, no decurso de trabalhos agrícolas, identificou-se uma sepultura de inumação, nas circunstâncias descritas por A. Dias de Deus: “*Em fins de Junho de 1949 o Médico da freguesia de Vila Boim, Senhor Dr. Baguinho, informou-me de que tinha aparecido uma sepultura na herdade da Camuge [sic], daquela freguesia. Só em sete de Agosto dispus de tempo para visitar aquele local e proceder a pesquisas. A sepultura que um trabalhador tinha encontrado, estava aberta e com os ossos dispersos pelas imediações. Esta sepultura tem a orientação nascente poente e mede 1,96 de comprimento 0,55 a cabeceira e 0,44 aos pés e 0,50 de alto. Era formada por lages postas a prumo e a cobertura era também [sic] de lages. Sondando o terreno que fica aos lados encontrei a uns oitenta centímetros [sic] de distância da sepultura, uma outra (...). Era formada por lages como a primeira sepultura mas tinha a cobri-la alem [sic] de seis lages uma pedra (...). (...)/ A sepultura tinha um esqueleto completo e continha mais um crânio*” (AFCB: Deus, [s.d.]b, p. 13). De acordo com a informação publicada, Abel Viana terá acompanhado A. Dias de Deus na visita realizada ao local em Agosto de 1949, na sequência do alerta dado pelo médico municipal (Viana, 1950, pp. 313-314).

Em Março de 1986, voltou a registar-se nova descoberta (fortuita) de uma sepultura na Herdade da Camugem, parcialmente destruída pelos trabalhos agrícolas – “*(...) a campa já lhe faltavam pesa [sic] de cobertura e a terra estava remexida, os ossos envoltos com a terra*” (Proc. DGPC/DRCA 4.07.003; Encarnação, 1988, FE 25: 116). Desconhece-se ao certo a implantação desta sepultura em relação aos demais enterramentos explorados no arqueossítio; porém, as semelhanças ao nível da arquitetura tumular e rito funerário levam-nos a considerar verosímil tratar-se do mesmo espaço funerário. Na verdade, o conjunto de enterramentos documentado revela-se, em moldes gerais, bastante homogéneo. As três sepulturas identificadas durante a primeira metade do séc. XX, associadas à prática da inumação e ossário, apresentavam orientação SE-NO (MRB: Deus, 07/08/1949, p. 2) e planta trapezoidal, com estrutura em caixa, formada por lajes de mármore (Deus, Louro & Viana, 1955, p. 571; Viana, 1950, p. 314;). No que se refere ao primeiro enterramento identificado em Junho de 1949, parece ter-se tratado de uma inumação dupla, com dois esqueletos colocados a par (Deus, Louro & Viana, 1955, p. 571, n.º 41; Viana, 1950, p. 313). O segundo enterramento apresentaria igualmente uma estrutura em caixa, contendo o esqueleto completo de um indivíduo adulto e um crânio, sem qualquer espólio associado (MRB: Deus, 07/08/1949, p. 1; Deus, Louro & Viana, 1955, p. 571; Viana, 1950, pp. 314-315). A estrutura tumular era constituída por lajes de mármore (paredes laterais e cobertura) e “*pequenas lajes de xisto verde*” (fundo) (MRB: Deus, 07/08/1949, p. 1; Viana, 1950, p. 314). A principal característica distintiva desta sepultura residia na (re)utilização de duas lápides funerárias, uma colocada no topo da cabeceira (IRCP 585; CMG.epi.001), ao alto, e outra disposta como laje de cobertura (IRCP 597; CMG.epi.002), também na zona da cabeceira, ambas com a face epigrafada voltada para o interior (MRB: Deus, 07/08/1949, p. 1; Viana, 1950, p. 314).⁵³ A lápide dedicada a Sexto

⁵² Catálogo CMG.epi.3 e CMG.epi.4 (CME/ BME: Catálogo do Museu Archeologico de Elvas, II-Epoca historica, a) Objectos romanos, n.ºs 698 e 699; Registo de Entradas de Objectos no Museu Municipal de Elvas, Arqueologia Romana; Pires, 1931, p. 133; Encarnação, 1984, n.ºs 592 e 594, p. 656).

⁵³ Note-se que as diversas fontes disponíveis são contraditórias quanto ao posicionamento das lápides (AFCB: Deus, [s.d.]b, p. 13; MRB: Deus, 07/08/1949; Viana, 1950, p. 314). Optámos por privilegiar a informação que nos pareceu mais fidedigna (MRB: Deus, 07/08/1949).

Soio Quartião e a Catínia Máxima (CMG.epi.002), reutilizada na cobertura do segundo enterramento identificado, sugere a existência de um sepulcro de casal num momento anterior de uso daquele espaço funerário (Caetano, 2002, p. 319). A terceira sepultura explorada encontrava-se incompleta à data da sua descoberta, faltando-lhe o topo da cabeceira e mais de metade das lajes de cobertura (Viana, 1950, p. 315, Fig. 20 – G e G¹). Em função da planta conhecida desta tumulação (Viana, 1950, p. 315, Fig. 20 – A3 e G), supõe-se que apresentaria uma morfologia genericamente idêntica às restantes duas, com exceção para a construção de uma das paredes laterais com pequenas lajes aparelhadas e sobrepostas, formando uma espécie de murete.

A sepultura de inumação identificada em 1986 apresentaria, à semelhança das anteriores, uma estrutura em caixa, de planta trapezoidal, formada por 10 lajes de xisto e cobertura igualmente constituída por lajes e “*uma placa de mármore com um letreiro romano*” (Proc. DGPC/DRCA 4.07.003; Caetano, 2002, p. 317). Do material osteológico recolhido, pode inferir-se a prática de ossário (Proc. DGPC/DRCA 4.07.003), sem que seja possível assegurar que algum dos indivíduos inumados correspondesse a *Galaetia Severa*, a quem se presta homenagem na lápide funerária que se encontrava a servir de cobertura da sepultura (Encarnação, 1988, FE 25: 116).⁵⁴ De tipologia e características análogas às anteriormente referidas (id.), é-nos difícil apurar, à luz dos dados disponíveis, se a lápide terá sido encontrada no contexto original de utilização ou se, pelo contrário, e tal como em dois dos casos anteriores, corresponderia a um reaproveitamento numa sepultura mais tardia.

O único espólio conhecido atribuído à necrópole da Camugem corresponde às cinco lápides funerárias epigrafadas já mencionadas. Estas peças integram a Coleção de Arqueologia do antigo Museu Municipal de Elvas e encontram-se estudadas por José d’Encarnação (1984; 1988). Para além das duas placas recolhidas no decurso das intervenções de A. Dias de Deus – CMG.epi.001 (IRCP 585) e CMG.epi.002 (IRCP 597), a opção de incluir na nossa amostra de estudo as lápides descobertas em 1906 - CMG.epi.003 (IRCP 592) e CMG.epi.004 (IRCP 594), e em 1986 – CMG.epi.005 (FE 116), justificou-se pela intenção de obter um entendimento tão completo quanto possível do(s) espaço(s) funerário(s) da Camugem. Assim, e em função das evidências conhecidas, propõem-se dois momentos fundamentais de utilização desta necrópole: um primeiro momento, datável do séc. I d.C. e correspondente ao contexto original das placas funerárias; e uma fase posterior, documentada pelos enterramentos escavados, para a qual se sugere, de forma genérica, um enquadramento cronológico dos séc.s III-V d.C.⁵⁵

3.2.14. Padrãozinho (Ciladas, Vila Viçosa, Évora. CNS 1310. CMP 427. N 38° 49’ 12.05’’ / W 7° 17’ 07.83’’. Acrónimo – PDZ)

O sítio de Padrãozinho encontra-se implantado na metade superior do território administrativo da freguesia de Ciladas e corresponde à única necrópole romana explorada pela parceria Abel Viana e A. Dias de Deus no território do atual concelho de Vila Viçosa. A realização de escavações no local parece reportar-se aos anos de 1951 e 1952 (MRB: Deus, [s.d.]; MRB: Deus, [s.d.]; MRB: Viana, 30/04/1952, p. 1), e os dados conhecidos apontam para a orienta-

⁵⁴ Agradecemos ao Professor Doutor José d’Encarnação pelas informações gentilmente facultadas sobre o estudo da peça.

⁵⁵ Dada a ausência de espólio datante associado aos enterramentos desta fase mais tardia, a cronologia proposta baseia-se na morfologia e orientação das sepulturas, aliadas à prática da inumação.

ção e colaboração de Abel Viana nos trabalhos (AFCB: Viana, 31/12/1953, p. 3; MRB: Viana, 30/04/1952, p. 1).

Tratava-se de um “conjunto de necrópoles” (Deus, Louro & Viana, 1955, p. 577, nota 2), das quais se terão explorado cerca de 189 sepulturas (Carneiro, 2014, II, pp. 426-247; Frade & Caetano, 1993, p. 853; Viana & Deus, 1955c, pp. 1-3), distribuídas por diferentes núcleos funerários, identificados como Padrãozinho 1, Padrãozinho 2, Padrãozinho 3, e Padrãozinho 4. Ressalve-se que, não obstante a informação publicada, a visita ao terreno não nos permitiu confirmar, com segurança, a localização dos diferentes núcleos de enterramentos documentados no Monte do Padrãozinho.⁵⁶ Os dados conhecidos (Carneiro, 2014, II, p. 426-427; Viana & Deus, 1955c, p. 2) sugerem ainda a identificação de uma provável área residencial que, atendendo à proximidade geográfica, facilmente se conceberia que tivesse servido as populações que se fizeram enterrar nos espaços funerários de Padrãozinho (se não ao longo de toda a diacronia de utilização destes, pelo menos num lapso temporal mais ou menos alargado).⁵⁷

Da designada **necrópole n.º 1 de Padrãozinho** terão sido exploradas 54 sepulturas de inunção, nalguns casos com ossário(s) (Viana & Deus, 1955c, pp. 1-2). Todas as sepulturas apresentavam orientação este-oeste, distribuindo-se em alinhamentos paralelos entre si, no sentido norte-sul (ibid.). Revelaram uma construção cuidada, apresentando, por norma, estrutura em caixa, de planta retangular ou trapezoidal (predominando a primeira), formada por lajes de xisto (Viana & Deus, 1955c, p. 1) e agrupável em três grupos formais distintos:

- sepulturas em caixa, construída com lajes colocadas à vertical, e com cobertura de uma ou duas lajes;
- sepulturas em caixa formadas por pequenos muretes de placas de xisto sobrepostas, e com cobertura de lajes, mais volumosas e menos afeiçoadas do que na tipologia anterior;
- e sepulturas em caixa análogas ao primeiro grupo descrito, ou seja, compostas por lajes de xisto dispostas verticalmente, mas diferenciando-se deste pelo facto de apresentarem as lajes dos topos elevadas cerca de 0,50 m em relação às lajes laterais, sendo algumas delas visíveis à superfície (Frade & Caetano, 1993, p. 853; Viana & Deus, 1955, pp. 1-2).

Dos cerca de 54 enterramentos explorados somente cinco terão fornecido espólio, exclusivamente constituído por metais, estando ausentes a cerâmica (com exceção de um fragmento de *tegula* encontrado no fundo de uma sepultura) e os vidros (Viana & Deus, 1955c, p. 2). Contamos, pois, com oito peças atribuídas a Padrãozinho 1, sem indicação do respetivo contexto de sepultura. Um anel (PDZ1.mt.002) e dois dos três brinco exumados (PDZ1.mt.003 e PDZ1.mt.004) parecem sugerir uma datação tardia para o núcleo funerário. Também os paralelos identificados para a peça PDZ1.mt.002 (Alarcão, A. *et al.*, 1979, n.ºs 152-154, Pl. XXXI; Barrero Martín, 2013, pp. 88-89) reforçam a atribuição de cronologia tardo-antiga, eventualmente compreendida entre os séc.s VI – VIII d.C..

A área do denominado **núcleo 2 de Padrãozinho** encontrar-se-ia cortada por um caminho rústico e, por conseguinte parcial ou quase totalmente destruída, à data da respetiva identifi-

⁵⁶ Em recentes trabalhos de prospeção, realizados no âmbito da elaboração da Carta Arqueológica de Vila Viçosa (Calado & Mataloto, 2020), ter-se-á identificado o designado “T.C. 59” (Viana & Deus, 1955c, Fig. 3), viabilizando assim uma clarificação mais precisa da localização dos diferentes núcleos funerários de Padrãozinho.

⁵⁷ A propósito, ver Rolo, 2018, I, pp. 274-275.

cação (AFCB: Viana, 06/01/1954, p. 3). Na palavras de Abel Viana, “*as pesquisas foram muito limitadas*” (Viana, 1955b, p. 12), tendo sido exploradas apenas sete sepulturas (MRB: [s.a.], [s.d.] d; Viana & Deus, 1955c, p. 2, Fig. 2). Descrita como “*la más antigua de las necrópolis de O Padrãozinho*” (Viana & Deus, 1955c, p. 2), tratava-se de uma necrópole de incineração, cujas sepulturas correspondiam a simples covachos, de forma circular, contendo uma ou mais urnas cerâmicas com os restos incinerados (incluindo eventual espólio), e delimitados e cobertos por amontoados de pequenas pedras (Frade & Caetano, 1993, p. 853; Viana, 1955b, p. 10; Viana & Deus, 1955c, pp. 2, 9 – Fig. 6, n.ºs 2, 3, 4 e 6). As características das tumulações e as evidentes semelhanças com o campo de urnas da Chaminé, “*sin los elementos que (...) aseguran la fecha del siglo III e comienzos del II a.C.*” (Viana & Deus, 1955c, p. 23), terão levado os ‘pesquisadores’ a atribuir-lhe um enquadramento cronológico anterior ao séc. I a.C. (Frade & Caetano, 1993, p. 859; Viana & Deus, 1955c, pp. 2 e 23). Contudo, a ausência de espólio identificado como sendo proveniente de Padrãozinho 2, impossibilita uma datação precisa da respetiva diacronia de uso funerário.⁵⁸

A **necrópole n.º 3 de Padrãozinho** não terá chegado a ser intervencionada, tendo-se unicamente procedido à respetiva identificação no terreno (Viana & Deus, 1955c, p. 3). As informações disponíveis no que respeita ao rito praticado e morfologia dos enterramentos são contraditórias.⁵⁹ Em nosso entender, afigura-se verosímil que, conforme assumido por Frade & Caetano (1993, p. 853), os enterramentos deste núcleo apresentassem características similares aos de Padrãozinho 1 – sepulturas em caixa, formadas por lajes de xisto, parcialmente reconhecíveis à superfície do solo, e, presume-se, também associadas à prática da inumação (Viana, 1955b, p. 26, nota 5; Viana & Deus, 1955c, p. 3). A não escavação deste núcleo de enterramentos e a decorrente ausência de espólio conhecido inviabilizam inferências de ordem cronológica, pelo que nos limitamos a colocar a hipótese de, à semelhança de Padrãozinho 1, poder estar associado a uma cronologia tardo-romana ou altimedieval.

O núcleo funerário de **Padrãozinho 4** corresponderia a um conjunto de sepulturas de incineração escavadas no subsolo xistoso (a cerca de 0,60<0,80cm de profundidade), de tipologia diversa e dispostas de forma aparentemente aleatória (Viana & Deus, 1955c, p. 4-7, Fig. 4). Terão sido exploradas 128 sepulturas (Viana, 1955b, p. 17; Viana & Deus, 1955c, p. 4, Fig. 3), desconhecendo-se a extensão da área intervencionada e a percentagem de enterramentos que poderá ter ficado por identificar. Para além de “*simples enterramentos de urnas em covachos, ao parecer pré-romanas*” (Deus, Louro & Viana, 1955, p. 577, nota 2), as tumulações de Padrãozinho 4 apresentavam, na sua maioria, a forma de caixas de planta retangular escavadas no substrato rochoso, não raras vezes forradas por lajes de xisto ou tégulas (MRB: Deus, [s.d.]; Viana & Deus, 1955c, pp. 3-4).⁶⁰ A quase totalidade destes enterramentos apresentaria uma orientação norte-sul (Viana & Deus, 1955c, p. 3), interpretada não tanto como a materialização de uma intencionalidade simbólica, mas sim como uma adaptação às características do terreno xistoso em que as

⁵⁸ Aparentemente, as sepulturas de Padrãozinho 2 terão fornecido somente material cerâmico (Viana, 1955b, p. 12).

⁵⁹ Ver Rolo, 2018, I, p. 278.

⁶⁰ Os dados apurados levam-nos a discordar da alegada condição de exceção das sepulturas formadas por lajes ou tégulas, conforme publicado em Viana & Deus, 1955c (p. 4).

sepulturas foram escavadas (Viana, 1955b, p. 12). Das 128 sepulturas exploradas, apenas 25 apresentariam uma orientação distinta (nascente-poente), sem que nos pareça possível estabelecer uma eventual correlação entre esta e a morfologia tumular e/ou a cronologia dos enterramentos. Os ‘pesquisadores’ definiram nove tipos genéricos de tumulações, cada qual comportando ligeiras variações morfológicas ao modelo padrão (Viana & Deus, 1955c, pp. 4 e 7; Frade & Caetano, 1993, pp. 853-854):

- covachos de planta retangular, com uma moldura ladeando todo o contorno da sepultura e destinada a servir de apoio à respetiva cobertura. A cobertura, de configuração diversa, podia ser constituída por lajes ou pequenas placas de xisto, tégulas (uma ou duas camadas), ou ainda tijolos, dispostos na horizontal. Tratar-se-ia da tipologia formal mais comum entre os enterramentos documentados;
- tipologia semelhante à anterior, diferenciando-se desta pela disposição das tégulas da cobertura – em forma de telhado de duas águas e diretamente assentes no fundo da sepultura (MRB: Deus, [s.d.]; Viana & Deus, 1955c, p. 4 e Fig. 4 – II);
- covachos, de configuração sensivelmente circular, mantendo uma moldura ao longo de todo o contorno, e apresentando uma cobertura formada por duas tégulas dispostas em telhado de duas águas (Viana & Deus, 1955c, p. 4 e Fig. 4 - III);
- estrutura em caixa formada por tégulas (ocasionalmente substituídas por tijolos ou, num único caso documentado, por fragmentos de *dolia*⁶¹) (id., p. 4 e Fig. 4 – IV);
- estrutura em caixa composta por paredes duplas de tégulas nos lados maiores, e uma laje em cada um dos topos, podendo a parte superior destas lajes encontrar-se mais ou menos visível à superfície do solo (id., p. 4 e Fig. 4 – V);
- fossas simples, escavadas no subsolo e sem revestimento parietal, com cobertura formada por duas lajes, e delimitadas por amontoados de pedras de pequenas dimensões (id., p. 4 e Fig. 4 – VI);
- tumulações com dois planos diferenciados. De planta retangular, estas sepulturas apresentariam, a uma cota inferior, um plano destinado a conter os restos incinerados, com cobertura de tégulas dispostas na horizontal; e, a uma cota sensivelmente superior e disposto paralelamente ao primeiro, um segundo plano reservado para a colocação do espólio funerário e com cobertura composta por uma tégula (Viana & Deus, 1955c, p. 4 e Fig. 4 – VII);
- fossas com planta em L invertido, reservando-se o depósito lateral para a colocação do espólio funerário (id., p. 7, Fig. 4 – VIII);
- e, por último, estrutura em caixa, de planta quadrangular, composta por quatro tégulas. Encontravam-se tendencialmente implantadas em zonas do terreno onde o subsolo não era rochoso ou onde o afloramento se encontrava a uma cota muito profunda (id., p. 7 e Fig. 4 – IX). De assinalar ainda a existência de um conjunto de sepulturas que, não apresentando revestimento ou cobertura conservados, assumiam a forma de simples covachos escavados no subsolo rochoso, com semelhanças com as tumulações documentadas nas necrópoles de Horta das Pinas e Padrão. Vejam-se, por exemplo, as sepulturas 44, 107 e 108.

Os ‘pesquisadores’ dão conta da identificação, nas proximidades da sepultura 17 de Padrãozinho 4, de uma área empedrada, com cerca de dois metros quadrados de superfície e coberta

⁶¹ Apesar desta indicação por parte dos autores citados, não nos foi possível identificar qual a sepultura de Padrãozinho 4 com estrutura construída com fragmentos de *dolia*.

por cinzas, identificada como *ustrinum* (MRB: [s.a.], [s.d.]; Frade & Caetano, 1993, p. 854; Viana & Deus, 1955c, p. 6 – Fig. 5, XVII, p. 8). Esta informação, reforçada pela descrição genérica conhecida das sepulturas e pelo âmbito cronológico indiciado pelo espólio funerário, leva-nos a considerar estarmos perante a prática (senão exclusiva, pelo menos predominante) de incineração com deposição secundária, confirmando-se a identificação de, pelo menos, dois possíveis *ustrina* neste espaço funerário (MRB: Deus, [s.a.]).

Do total de enterramentos explorados em Padrãozinho 4, contabilizaram-se 26 sepulturas que não terão fornecido espólio e cerca de 35 cujas oferendas associadas não foi possível identificar/localizar.⁶² Entre as restantes, os conjuntos funerários documentados tendiam a ser compostos, em média, por quatro a sete peças. Sublinhe-se que do total analisado de 208 peças atribuídas ao arqueossítio de Padrãozinho, a maioria (171 itens) reportam-se a Padrãozinho 4.⁶³ Foi possível identificar o contexto de achado de cerca de 149 peças, associadas a 64 dos 128 enterramentos, e proceder à reconstituição integral dos conjuntos funerários das sepulturas 27, 39, 105, 106, 115, e 128. Com base na nossa análise, somente 23 conjuntos funerários, ou seja, cerca de 18% dos enterramentos de Padrãozinho 4, terão fornecido espólio datante, como cerâmicas finas ou vidros. De um modo geral, estes conjuntos de oferendas fúnebres permitem-nos traçar uma diacronia de utilização funerária compreendida, grosso modo, entre meados do séc. I e meados do séc. III, eventualmente extensível a inícios do séc. IV d.C.. Entre os enterramentos mais antigos, destaca-se a sepultura 52, cujo espólio funerário, composto pela associação de uma taça de *terra sigillata* sudgálica da forma Ritt. 9 (PDZ4.tss.001_52), um *mortarium* de *terra sigillata* hispânica da forma Drag. 29/ 37 (PDZ4.tsh.001_52), e uma anforeta de possível tipo Isings 15 (PDZ4.vi.001_52), nos leva a inferir uma cronologia do terceiro quartel do séc. I d.C.. Por sua vez, as sepulturas mais tardias documentam a continuidade do uso funerário daquele espaço ao longo do séc. III, e quiçá inícios do séc. IV d.C.. Vejam-se, por exemplo, a sepultura 20, cujo conjunto funerário incluiria uma lucerna de tipo Luzón 62 (PDZ4.lu.007_20); as sepulturas 27, 50, 73 e 91, todas elas contando com uma lucerna Dressel-Lamboglia 30 (A/ B) entre as oferendas fúnebres (PDZ4.lu.008_27, PDZ4.lu.004_50, PDZ4.lu.003_73, PDZ4.lu.001_91); ou ainda a sepultura 81, com uma lucerna enquadrável no tipo Deneauve XIA (PDZ4.lu.005_81).

Em suma, da nossa análise do espólio atribuído ao arqueossítio de Padrãozinho, sobressaem três ideias fundamentais: em primeiro lugar, a representatividade dos materiais datáveis de meados do séc. I a meados do séc. III/ IV d.C.; em segundo lugar, a verosimilhança de um uso do espaço funerário num momento anterior ao período alto imperial (Viana & Deus, 1955c, p. 23); e, por último, a evidência de uma continuidade de ocupação/ utilização funerária do local durante a primeira metade do séc. IV d.C. e numa fase ainda mais avançada da Antiguidade Tardia, designadamente em pleno séc. VI d.C.. Em função dos dados disponíveis, assumimos que a longa diacronia de utilização funerária do sítio configura, mais do que uma linha ininterrupta de continui-

⁶² No que respeita aos enterramentos sem espólio associado, torna-se difícil destrinçar em que medida tal ausência se deve a uma efetiva inexistência de oferendas fúnebres ou, pelo contrário, decorre de uma opção dos ‘pesquisadores’ sempre que, na sua perspetiva, o estado de conservação das peças inviabilizava ou, em rigor, não justificava, a respetiva recolha (Viana, 1955b, p. 9; Viana & Deus, 1955c, p. 7).

⁶³ A par do espólio identificado como sendo proveniente de Padrãozinho 1 e de Padrãozinho 4, contamos com 29 peças genericamente atribuídas a Padrãozinho, de contextos não identificados e com cronologias diversas (desde Alto Império ao séc. VI d.C.).

dade, uma sucessão de momentos, mais ou menos longos, durante os quais o local foi escolhido como espaço de necrópole por diferentes comunidades (diferentes, quanto mais não fosse, a nível geracional). Neste caso, e tal como referem Frade & Caetano (1993, p. 861), a prática documentada dos dois ritos funerários – incineração e inumação – parece estar associada à existência de distintos núcleos e fases de uso funerário daquele espaço, não se verificando a coexistência da prática de ambos num mesmo núcleo de enterramentos. (Figura 7, p. 76)

3.2.15. Olival da Silveirinha (Terrugem e Vila Boim, Elvas, Portalegre. Inédito. CMP 427. N 38° 48' 35.52'' / W 7° 22' 52.06''. Acrónimo – OSL)

A única referência conhecida ao arqueossítio de Olival da Silveirinha corresponde a um conjunto de anotações manuscritas, da autoria de Abel Viana, nas quais o arqueólogo dá conta de ter procedido à escavação de uma sepultura romana na área da Tapada Real de Vila Viçosa, no dia 17 de Novembro de 1961 (AFCB: Viana, 17/11/1961). Na visita ao local não nos foi possível identificar quaisquer evidências arqueológicas que possibilitassem uma identificação do sítio da sepultura em causa. Aparentemente ter-se-á tratado de um achado ocasional, no decurso de trabalhos agrícolas, uma vez que Abel Viana menciona a destruição acidental de duas das lajes de cobertura da dita sepultura pela charrua de um trator (id.). A sepultura encontrar-se-ia a apenas cerca de 15 cm do nível do solo e apresentava uma estrutura em caixa, de planta retangular, construída e coberta com lajes de xisto “inteiriças” (id.). A cobertura seria composta por três lajes de xisto, dispostas transversalmente sobre a caixa tumular. Não obstante as dimensões da sepultura (comprimento máximo – 186 cm, largura máxima – 105 cm), o achado, no seu interior, de “uma tégula, bastante queimada, com cinza e carvões” (id.) sugere tratar-se de uma incineração. A par dos ecofactos e da cerâmica de construção romana, a sepultura explorada terá também fornecido um numisma, presumivelmente um bronze médio de Cláudio (id.), espólio que não nos foi possível identificar/ localizar.⁶⁴ Assim sendo, limitamo-nos a propor para o enterramento um hipotético *terminus post quem* de meados/ inícios da segunda metade do séc. I d.C. (41-54 d.C.). O rito funerário praticado leva-nos a sugerir um *t.a.q.* não posterior a inícios/ meados do séc. III d.C.

3.2.16. Anta do Carvão (Ciladas, Vila Viçosa, Évora. CNS 1311. CMP 427. N 38° 48' 30.06'' / W 7° 15' 31.3''. Acrónimo – CRV)

O monumento em questão terá sido explorado por António Dias de Deus e o Pe. Henrique da Silva Louro em meados de Março de 1949 (AFCB: Deus, [s.d.].b, p. 10).⁶⁵ À data o arqueossítio já teria sido devassado e espoliado – “uma mulherzinha que por ali passou e qu[e] habitava no monte, disse-nos que nos não cansássemos em procurar os ossos porque havia uns quatro anos, quando ali lavrava[m] uns trabalhadores, tinham levantado uma pedra e que cavando debaixo

⁶⁴ Dada a ausência de outras informações ou de uma eventual descrição da peça por parte de Abel Viana, sugere-se para a referida moeda um enquadramento cronológico lato, compreendido entre os anos 41 e 52 d.C. e correspondente ao imperialato de Cláudio, ou eventualmente mais tardio, de finais do séc. II d.C., a tratar-se de Cláudio II, da dinastia Severa.

⁶⁵ Abel Viana (1950, pp. 311-312; 1955c, p. 551) faz remontar a exploração da anta da Herdade do Carvão por A. Dias de Deus ao ano de 1948. Atendendo a informação constante de fontes documentais (AFCB: Deus, [s.d.].b, pp. 9-10), optou-se por considerar mais fidedigna a indicação da intervenção no arqueossítio em meados de 1949.

dela, encontraram um esqueleto” (ibid.). Em visita ao sítio pudemos não só confirmar a implantação da anta conforme indicada por Viana & Deus (1955b, p. 22), mas também verificar o precário estado de conservação em que atualmente esta se encontra, em virtude da respetiva utilização como moroço, não nos tendo sido possível identificar a estrutura da presumível sepultura (tardo-) romana que terá ocupado o interior da galeria.

As informações disponíveis são muito escassas. Sabe-se que, no interior da câmara da anta se encontravam “*duas pedras (lages) postas a prumo e que nos deram a impressão de uma sepultura*” (AFCB: Deus, [s.d.].b, p. 10). A sepultura em questão, de planta retangular e orientação nascente-poente, estaria associada à prática da inumação – “*fora descoberta uma sepultura entre aquelas pedras, e (...) da mesma tinham retirado muitos ossos*” (ibid.). Desconhece-se a eventual presença de oferendas fúnebres e a possível existência de outros enterramentos, coetâneos da reutilização da anta, no território envolvente. Sem dados adicionais sobre o enterramento em análise, eventuais inferências de ordem cronológica encontram-se irremediavelmente condicionadas. Ainda assim, sugerimos tratar-se de uma sepultura tardo-antiga, quer pela morfologia formal e rito associado, quer pela presumível ausência de espólio.⁶⁶

3.2.17. Herdade do(s) Queimado(s) (Ciladas, Vila Viçosa, Évora. CNS 5308. CMP 427. N 38º 47' 57.30" / W 7º 14' 02.05". Acrónimo – HDQ)⁶⁷

A propósito do arqueossítio da Herdade do(s) Queimado(s), A. Dias de Deus referiu: “*Por um trabalhador que se entrega ao arranco de arvoredos para fabrico de carvão fui informado de que encontrara um bloco de mármore aparelhado, na Herdade do Queimado e perto dele havia restos dumassepulturas [sic] que lhe constava terem sido profanadas há mais de 50 anos. Convidei para me acompanhar àquele local o Snr. Padre Louro e no mês de Março de 1949 lá fomos em busca de uma e outra coisa. O bloco de mármore é a parte superior de um cipo, mas sem qualquer legenda. Cerca de uns duzentos metros encontramos um grande cemitério com mais de 20 sepulturas be[m] vizíveis [sic]. De três que abrimos, duas já [sic] não tinham cobertura e a terceira tinha a tapá-la quatro lages. Os esqueletos estavam completos mas muito decompostos. O cemitério estava situado em duas pequenas ondulações de terreno, num vale, e tinha a disposição nascente poente. As sepulturas que abri eram trapezoidais e formadas por (?) ardosias [sic] colocadas verticalmente. Nos montes que pelo lado nascente circundam o cemitério, há bastantes vestígios de habitações.*” (AFCB: Deus, [s.d.].b, pp. 9-10). Abel Viana, por seu turno, faz recuar estas intervenções a 1948 – “*Em Fevereiro de 1948, António Dias e o Padre Henrique Louro foram pesquisar um cemitério romano (?) na Herdade do Queimado, subúrbios de Jeromenha*” (Viana, 1950, pp. 311-312). Seja como for, importa sublinhar que a identificação de sepulturas romanas no sítio da Herdade dos Queimados é anterior às ‘pesquisas’ de António Dias de Deus.⁶⁸ Em 1898, ter-se-

⁶⁶ Nas coleções museológicas a que pudemos ter acesso não se identificou, qualquer espólio passível de provir do enterramento em estudo.

⁶⁷ Note-se que o topónimo registado na CMP (n.º 427, 1: 25 0000) corresponde a ‘Monte da Queimada’, e não a Herdade do(s) Queimado(s), ainda que ao longo do presente trabalho se tenha assumido a correspondência entre os topónimos e se tenha optado por manter a designação utilizada pelos ‘pesquisadores’.

⁶⁸ AFCB: Deus, [s.d.].b, p. 10; CME/ BME: Catálogo do Museu Archeologico de Elvas, II-Epoca historica, a) Objectos romanos, n.º 674; Pires, 1901, p. 13, n.º 39.

-á identificado uma primeira sepultura, construída com tégulas e cujo único espólio conhecido corresponde a um jarro de cerâmica comum (ibid.), peça não identificada no decurso da nossa investigação. Desconhece-se qual a implantação topográfica deste enterramento e o respetivo posicionamento em relação às sepulturas que viriam a ser encontradas em meados da década de 40 da centúria seguinte. Em 1905, uma nova aquisição, por parte da Câmara Municipal de Elvas, de espólio proveniente da Herdade do(s) Queimado(s) parece documentar a descoberta de uma segunda sepultura no local – “*um pequeno cordão (partido) de ouro. / Encontrado numa sepultura, na herdade dos Queimados, freguesia das Cilladas, concelho de Villa Viçosa. Adquirido pela Camara Municipal em 4 d’Abril 1905*” [CME/ BME: Catálogo do Museu Archeologico de Elvas, II-Epoca historica, a) Objectos romanos, n.º 674]. Supõe-se que estes dois enterramentos identificados possam corresponder aos “*restos dumassepulturas [sic] (...) profanadas há mais de 50 anos*”, aos quais A. Dias de Deus alude nas suas anotações (AFCB: Deus, [s.d.]b, p. 10).

Em função dos dados conhecidos, assume-se que, das mais de 20 sepulturas de inumação identificadas pelo preceptor, somente três terão sido escavadas, duas das quais já sem cobertura e a outra conservando ainda uma cobertura formada por quatro lajes (ibid.). Este conjunto de tumulações afigura-se homogéneo, sendo composto por sepulturas de planta trapezoidal, com estruturas em caixa, formadas por lajes de xisto colocadas a prumo, e aparentemente sem espólio associado (id., pp. 9-10). A necrópole apresentaria uma orientação este-oeste que, supomos, seria comum a todos os enterramentos.

Tendo em conta a tipologia formal das sepulturas exploradas, bem como a suposta ausência de oferendas fúnebres, sugere-se para o conjunto em causa uma cronologia tardo-antiga, eventualmente centrada nos séc.s III-V d.C.. Em relação às duas primeiras sepulturas identificadas no local, a escassez de dados disponíveis impossibilita um apuramento do respetivo âmbito cronológico e a eventual confirmação da ideia da possível existência de dois núcleos funerários, correspondentes a dois momentos distintos de uso daquele espaço.

3.2.18. Padrão (Assunção, Ajuda, São Salvador e Santo Ildefonso, Elvas, Portalegre. CNS 1472. CMP 427. N 38º 46' 34.27" / W 7º 13' 15.72". Acrónimo – PAD)

De acordo com a informação disponível, a descoberta da necrópole do Padrão terá ocorrido em Setembro de 1948 (Viana & Deus, 1950a, p. 70; Viana & Deus, 1950b, p. 236; Viana, 1955c, p. 551; Viana & Deus, 1951, p. 92; Viana & Deus, 1958, p. 6). À data ter-se-á identificado uma primeira sepultura, logo destruída por trabalhadores que laboravam na ampliação da rede viária, sem que A. Dias de Deus tenha tido oportunidade de observá-la; e ainda outras quatro, nas quais o preceptor da Colónia Correccional haveria de recolher algum espólio (Viana & Deus, 1950b, p. 236; Viana & Deus, 1951, p. 92).⁶⁹ Segundo a ‘versão oficial’, só em Novembro de 1949, volvido mais de um ano sobre a descoberta do sítio, se teriam iniciado os trabalhos de escavação, a cargo de A. Dias de Deus (Viana & Deus, 1950b, pp. 236-241; Viana & Deus, 1951, p. 92; Viana & Deus, 1958, pp. 6-8). Porém, tendo em conta a existência de um considerável volume de espólio, atribuído ao Padrão, recolhido “*antes de Outubro de 1949 e entregue ao Museu Municipal*

⁶⁹ O Monte do Padrão ocupa uma posição paralela em relação ao troço da atual Estrada Nacional 373, no limite do concelho de Elvas com o de Vila Viçosa. Sem a identificação de quaisquer vestígios de superfície na visita realizada ao local, coloca-se a hipótese de parte do espaço funerário (senão mesmo a totalidade) poder ter sido destruída na sequência da construção do troço viário.

de *Elvas*” (Viana & Deus, 1958, p. 60), torna-se evidente que os trabalhos de exploração desta necrópole terão sido levados a cabo em data anterior à ‘oficialmente’ veiculada nas publicações citadas – provavelmente entre finais de 1948/ meados de 1949 até finais do ano seguinte, e que, pelo menos até ao Verão de 1949, A. Dias de Deus terá assumido estas ‘pesquisas’ em nome individual, ou melhor, ainda sem contar com a colaboração de Abel Viana. Sabe-se que em Dezembro de 1950 se contabilizavam cerca de 20 enterramentos identificados (Viana, 1955c, pp. 551-552) e que, na tarde do dia 25 de Abril de 1952, o arqueólogo e o funcionário da Colónia Correcional realizaram uma visita ao arqueossítio (MRB: Viana, 30/04/1952, p. 1).

O espaço funerário em análise corresponderia a uma necrópole de incineração, classificada como “*céltico-romana*” (Viana, 1955c, p. 551) e composta por 20 sepulturas de morfologia diversa.⁷⁰ Desconhece-se qual a área total escavada e em que medida o número de enterramentos explorados seria (ou não) representativo da globalidade da necrópole. Esta encontrar-se-ia orientada no sentido norte-sul, com as sepulturas dispostas paralelamente entre si, configurando uma distribuição cuidada e racional do espaço (Viana & Deus, 1950b, p. 236). No que concerne ao rito, as fontes disponíveis referem em exclusivo a prática da incineração (Deus, Louro & Viana, 1955, p. 569; Viana, 1955b, p. 8; Viana & Deus, 1951, pp. 92 e 95). A configuração de grande parte das tumulações, a par da aparente ausência de estruturas passíveis de serem identificadas como *ustrina*, parecem sugerir a prática de incineração *in busta*. Um dos aspetos distintivos deste espaço funerário prende-se com a diversidade formal das várias tumulações identificadas, agrupáveis, em nosso entender, em duas tipologias formais básicas:

- simples covachos abertos no substrato xistoso, de configuração irregular (circular a elipsoidal), com um diâmetro máximo variável entre os 80 e os 150 cm, e com cobertura de tégulas, lajes ou amontoados de pedras de pequenas dimensões. Tratava-se da morfologia predominante entre as sepulturas documentadas;
- e tumulações estruturadas em caixa, de planta regular, com um comprimento máximo de 140cm e uma largura máxima de 55cm, com as paredes, topos e cobertura formados por tégulas ou lajes, ou por lajes (paredes e cobertura) e pedras (topos).

Em duas das sepulturas exploradas (sepulturas 10 e 18), de configuração distinta (uma em covacho e outra em caixa estruturada, respetivamente), verificou-se a existência de um pequeno compartimento, de planta quadrangular, num dos topos das tumulações, aparentemente destinado a servir para depósito do espólio funerário.⁷¹ Em vários casos, como, por exemplo, nas sepulturas 6, 13, 17 ou 10 e 18, observou-se uma ‘arrumação’ intencional das oferendas nos contextos sepulcrais (Rolo, 2018, l. P. 313), contrariando-se assim a ideia de uma generalizada deposição aleatória e desordenada do espólio (Frade & Caetano, 1993, p. 851).

A nossa amostra de estudo inclui 51 peças atribuídas à necrópole de Padrão, valor não coincidente com o total de cerca de 87 peças (excluindo fragmentos de cerâmica e vidro) contabiliz-

⁷⁰ O número de sepulturas acima apresentado baseia-se no cruzamento dos dados constantes das publicações (Viana, 1955c, pp. 551-552; Viana & Deus, 1950b, pp. 237-241; Viana & Deus, 1951, pp. 92-95; Viana & Deus, 1958, pp. 6-8). Aos cinco enterramentos identificados numa primeira fase, há que acrescentar as mais de uma dezena de sepulturas (aparentemente 15) posteriormente exploradas por A. Dias de Deus (Viana & Deus, 1958, pp. 6-8).

⁷¹ Para uma descrição individualizada da morfologia das tumulações da necrópole de Padrão, ver Rolo, 2018, l, pp. 310-312.

zado em Deus, Louro & Viana (1955, pp. 569-570). Deste conjunto de materiais, somente uma percentagem minoritária – cerca de 14% (7 itens) – apresenta contexto de sepultura conhecido, correspondendo o material remanescente a espólio genericamente atribuído àquele espaço funerário. A propósito dos materiais exumados Abel Viana declarou – “*nos espólios havia perfeita uniformidade*” (Viana, 1955c, p. 551) e “*apesar de alguns covachos serem idênticos aos da época pré-romana, os espólios eram todos de época romana*” (Viana, 1955b, p. 11). Esta alegada uniformidade encontra confirmação no conjunto de cerâmicas finas analisado. Os exemplares de *terra sigillata* hispânica das formas Drag. 27 (PAD.tsh.001) e Drag. 36 (PAD.tsh.002), e as lucernas enquadráveis nos tipos Dressel-Lamboglia 5 (PAD.lu.001_7) e Dressel-Lamboglia 28/ Deneauve VIIIIC (PAD.lu.002) remetem-nos para um âmbito cronológico compreendido, grosso modo, entre a segunda metade do séc. I e o séc. III d.C.. Se tivermos em conta a presença de cerâmica de paredes finas, representada pelas formas Mayet XLIII e XLIII-A (PAD.pf.001, PAD.pf.002, PAD.pf.003 e PAD.pf.004), vemo-nos forçados a recuar o *t.a.q.* proposto até inícios do séc. II d.C., reforçando-se a ideia de uma utilização do espaço funerário em plena época alto imperial, conforme sugerido por Frade & Caetano (1993, p. 851). Há, todavia, que registar que, entre o espólio reunido, as peças PAD.cc.027, PAD.mt.005_10 e PAD.mt.010, revelam-se elementos dissonantes do restante conjunto, pelas suas características formais e âmbito cronológico. Atendendo, por um lado, à relativa coerência, a nível cronológico, da amostra de materiais analisada, e, por outro, à origem incerta das três peças mencionadas, não nos parece que estas possam constituir indicadores seguros de uma ocupação e/ou utilização funerária do arqueossítio durante a Idade do Ferro (no caso da taça de tipo Nolen IV-f – PAD.cc.027, e da fíbula La Tène I – PAD.mt.005_10) ou Antiguidade Tardia (no caso do brinco de remate em botão circular – PAD.mt.010), ainda que esta possibilidade não deva ser ignorada.

3.2.19. Monte da Ovelheira (Assunção, Ajuda, São Salvador e Santo Ildefonso, Elvas, Portalegre. CNS 5697. CMP 428. N 38° 51' 06.51" / W 7° 08' 09.36". Acrónimo – MOV)

A documentação consultada revelou-se omissa quanto ao arqueossítio do Monte da Ovelheira, sendo por isso a referência constante de Deus, Louro & Viana, 1955 (pp. 572-573) a única que conhecemos sobre os vestígios e as recolhas realizadas naquele local. Ignoramos a data das pesquisas e quais os agentes das mesmas; porém, supõe-se que tenham ficado a dever-se à iniciativa de A. Dias de Deus e/ou do Pe. Henrique da Silva Louro, e ocorrido sensivelmente entre 1940 e 1949, antes do início da colaboração do funcionário da Colónia Correccional com Abel Viana.⁷² Desconhece-se qual a extensão da área escavada, bem como o paradeiro dos materiais ali identificados e recolhidos nos trabalhos levados a cabo na década de 40.

No âmbito do presente estudo, interessa-nos, em particular, a descoberta de “*uma sepultura coberta por três lâminas de mármore pulido [sic]*”, “*num dos ângulos do alicerce de uma sala com um dos lados em semicírculo*” (id., p. 573). Na visita ao local não nos foi possível identificar evidências do compartimento absidado acima descrito, pelo que se desconhece o local de implantação do enterramento documentado. Tampouco nos foi possível identificar eventuais evi-

⁷² Na base de dados do Portal do Arqueólogo (DGPC) atribui-se a escavação do Monte da Ovelheira a Abel Viana. Tal informação afigura-se-nos pouco crível, tendo em conta o método de trabalho do arqueólogo minhoto e o estado atual dos nossos conhecimentos sobre as ‘pesquisas’ levadas a cabo na região alto alentejana no segundo quartel do séc. XX.

dências de outras sepulturas na área do Monte da Ovelheira. Confirmou-se, porém, a existência de numerosos vestígios de construções de época romana que parecem configurar uma estrutura habitacional de grandes dimensões, com diferentes áreas funcionais (Deus, Louro & Viana, 1955, p. 572; Carneiro, 2014, II, p. 205).⁷³

Atendendo aos escassos dados conhecidos, presumimos que a sepultura identificada corresponderia a uma sepultura de inumação, de planta regular, eventualmente em covacho escavado no subsolo e sem revestimento parietal, mas com cobertura de placas de mármore (provavelmente anepígrafas). Desconhece-se a orientação do enterramento e a eventual associação a outras sepulturas que pudessem configurar uma área de necrópole. Interpretando a omissão sobre a eventual existência de espólio como sinónimo da efetiva ausência de oferendas, reforçar-se-ia a ideia de um âmbito cronológico tardo-antigo. Por sua vez, a implantação do enterramento (Deus, Louro & Viana, 1955, p. 573) leva-nos a inferir um reaproveitamento e necropolização de eventuais estruturas habitacionais, entretanto desativadas.

Integram a nossa amostra de estudo 14 itens atribuídos ao arqueossítio do Monte da Ovelheira. De notar que estes correspondem, em exclusivo, a espólio de recolhas de superfície relativamente recentes, sem que se possa estabelecer qualquer associação às ‘pesquisas’ efetuadas na década de 40 e, em particular, ao contexto funerário então identificado.⁷⁴ O facto de não ter sido possível identificar o paradeiro dos materiais recolhidos na primeira metade do século passado⁷⁵ levou-nos a optar por incluir este conjunto no nosso estudo, com o intuito de documentar um pouco melhor a realidade arqueológica do Monte da Ovelheira e assumindo, *a priori*, que os materiais em questão somente seriam passíveis de fornecer eventuais indicadores genéricos para a cronologia de ocupação do arqueossítio. Assim, o único fragmento de cerâmica de paredes finas que integra esta amostra (MOV.pf.001) permite-nos (apesar das reservas em relação à identificação da respetiva tipologia formal) corroborar um horizonte cronológico de ocupação do arqueossítio recuável até, pelo menos, à primeira metade do séc. I d.C. Por sua vez, os fragmentos de *terra sigillata* clara A e D (MOV.tscl.001 e MOV.tscl.002, respetivamente) remetem-nos para cronologias de meados do séc. II d.C. e dos séc.s IV-V d.C., indo assim ao encontro da ideia de diferentes fases de ocupação do local, desde o Alto Império até ao Baixo Império (Almeida, 2000, p. 126). À luz dos dados disponíveis, não é possível avaliar se houve ou não continuidade nesta vivência do espaço ao longo da extensa diacronia que os materiais nos sugerem, e se a cronologia da área funerária identificada terá sido igualmente abrangente ou não. Ainda assim, e tendo em conta os elementos conhecidos – morfologia formal da sepultura, presumível prática de inumação e ausência de oferendas fúnebres – propõe-se para o enterramento documentado uma cronologia tardo-antiga, eventualmente enquadrável entre os séc.s III e V d.C..

⁷³ A propósito, ver Rolo, 2018, I, pp. 315-316.

⁷⁴ Com exceção da peça identificada como MOV.li.001, doada à antiga instituição museológica elvense em 1905, todo o restante material da Ovelheira se encontra atribuído a prospeções realizadas em finais do séc. XX.

⁷⁵ Os ‘pesquisadores’ referem-se à recolha de “*uma base de coluna, em mármore*” e ao achado de “*fragmentos de vasilhas de vidro e de variada cerâmica, inclusive sigillata e barbotina*” (Deus, Louro & Viana, 1955, p. 573).

3.2.20. São Rafael (Assunção, Ajuda, São Salvador e Santo Ildefonso, Elvas, Portalegre. CNS 5691 (?).⁷⁶ CMP 428. N 38° 46' 22.49" / W 7° 11' 39.97". Acrónimo – SRF)

Para além dos monumentos megalíticos, Abel Viana e A. Dias de Deus fazem referência aos “*abundantíssimos vestígios da ocupação romana*” identificados, quer no outeiro de São Rafael, quer nos montes circundantes, chegando mesmo a afirmar que “*todas as «malhadas» e currais, assim como os numerosos montes de pedras que por ali há assentam en [sic] alicerces de casas, talvez habitações da época romana ou dos séculos a seguir*” (Viana & Deus, 1957, pp. 96-97). Este reaproveitamento de elementos de construção de época romana confirma-se na própria estrutura da capela de São Rafael.

Num raio de aproximadamente 30 metros em torno do local do antigo edifício religioso é possível identificar evidências de sepulturas, com orientações diversas, mas de tipologia idêntica. Presume-se que o conjunto de tumulações ainda bem visíveis corresponda à necrópole de inumação mencionada por Deus, Louro & Viana (1955, p. 573). Estamos em crer que a necrópole não terá sido intervencionada pelos autores citados, tendo-se estes limitado a constatar (e referenciar) tais evidências arqueológicas no decurso do levantamento dos monumentos megalíticos ali existentes (Viana & Deus, 1957, pp. 96-97). A ausência de dados conhecidos sobre o material osteológico e/ou eventual espólio funerário associado aos enterramentos leva-nos a colocar a hipótese de aquele espaço funerário poder ter sido espoliado em época anterior às incursões arqueológicas dos ‘pesquisadores’ de Vila Fernando. No terreno pudemos observar um conjunto de cerca de duas dezenas de sepulturas, de planta retangular/ trapezoidal, com estrutura em caixa, formada por lajes de xisto dispostas a prumo. Com orientação norte-sul e este-oeste, dispõem-se, em geral, paralelamente entre si. Os enterramentos concentram-se na plataforma aplanada que se estende diante da fachada da antiga capela, tendo-se identificado duas sepulturas, com orientação norte-sul, mas de tipologia formal análoga às restantes, no lado norte do edifício religioso, próximo da parede lateral. Neste âmbito, é de registar que, no decurso de trabalhos de prospeção realizados em 1995 no âmbito do Levantamento Arqueológico e Patrimonial do Alqueva, foi identificado no sítio de São Rafael um conjunto de quatro sepulturas em caixa, de planta retangular e formadas por placas de xisto, ocupando uma área de sensivelmente 100 m² [Processo DGPC 7.16.3/14-10(1)]. O referido achado encontra-se classificado como necrópole medieval – São Rafael 6 (CNS 21158). A confirmar-se uma eventual proximidade com o local de implantação da necrópole de inumação referenciada por Deus, Louro & Viana (1955, p. 573), e considerando as aparentes semelhanças formais e rituais entre as diversas tumulações identificadas, é sugestivo pensar que este conjunto de quatro enterramentos possa corresponder a parte integrante do mesmo espaço funerário dado a conhecer na década de 50.

Sem quaisquer informações sobre eventual espólio associado aos enterramentos documentados, não se afigura segura a atribuição de uma cronologia romana ao espaço funerário em estudo, conforme proposto por Deus, Louro & Viana (1955, p. 573). Na verdade, e de acordo com a informação publicada, o único espólio conhecido atribuído à necrópole de inumação de São Rafael corresponde a uma ara anepígrafa (ibid.), cujo paradeiro desconhecemos. Apesar da não localização da peça, a indicação do motivo decorativo representado na mesma – uma rosácea ladeada por duas palmas (ibid.) – remete-nos para a iconografia paleocristã e, por conseguinte,

⁷⁶ O Código Nacional de Sítio 5691 designa uma *villa*, aparentemente associada a uma necrópole de inumação (DGPC: Portal do Arqueólogo).

para um âmbito cronológico mais tardio do que o inicialmente sugerido pelos ‘pesquisadores’. Em função dos dados disponíveis, propomos uma cronologia tardo-romana a alti-medieval (Carneiro, 2014, II, pp. 207-208), eventualmente compreendida entre os séc.s V a VII d.C..⁷⁷

3.2.21. Cardeira (União das freguesias de Alandroal, São Brás dos Matos e Juromenha, Alandroal, Évora. CNS 1473. CMP 441. N 38° 45' 43.22"/ W 7° 15' 16.83". Acrónimo – CRD)

A necrópole de incineração, identificada no sítio do Monte da Cardeira, ocuparia “*uma breve planura da margem esquerda da ribeira de Mures cerca de três quilómetros antes da sua confluência no Guadiana*” (Viana & Deus, 1958, p. 8). Apesar da não identificação de evidências arqueológicas de superfície na visita ao local, a indicação “*cerca de três quilómetros antes da sua confluência no Guadiana*” (ibid.) aponta para o achado de sepulturas a sensivelmente 250m para nordeste dos edifícios do antigo monte. A descoberta de sepulturas neste local terá ocorrido na Primavera de 1950, no decurso da realização de trabalhos agrícolas (Viana & Deus, 1950a, p. 69; Viana & Deus, 1958, p. 8).⁷⁸ As três sepulturas identificadas terão sido destruídas e espoliadas pelos trabalhadores rurais, tendo-se recuperado unicamente uma falcata (CRD.mt.001) e uma ponta de lança (CRD.mt.002) (Viana & Deus, 1958, p. 8-9).⁷⁹ Na documentação consultada não se identificaram quaisquer referências à realização de ‘pesquisas’ no sítio da Cardeira. De acordo com a ‘versão oficial’, Abel Viana e A. Dias de Deus teriam procedido a um reconhecimento da área, poucos dias após a ocorrência do achado da tumulação que fornecera a falcata, limitando-se a observar a morfologia dos três enterramentos identificados (Viana & Deus, 1958, pp. 9-10). À luz dos dados conhecidos, esta suposta ausência de intervenção parece-nos pouco verosímil (Fabião, 1998, I, p. 392). Tendo em conta a informação de que “*os trabalhadores destroçaram os espólio funerários*” e de que apenas se teriam conservado as duas peças metálicas anteriormente mencionadas (Viana & Deus, 1950a, p. 70), como explicar o conjunto de vidros atribuídos à necrópole da Herdade da Cardeira publicados por Abel Viana (1960-1961, p. 32, n.ºs 7, 51, 52 e 73, Fig.s 9, 12, 15 e 18, Est.s I, III e V), senão pela realização de recolhas no arqueossítio em questão. Parecem reforçar esta ideia, por um lado, a indicação, facultada pelo próprio arqueólogo, de que, à data da publicação citada, se encontrava em preparação um estudo sobre as “*necrópoles de Jerumenha (Escola e Cardeira)*” (id., p. 42), o qual nunca terá chegado a publicar-se; e, por outro lado, a indicação de informações orais relativas a uma escavação levada a cabo no Monte da Cardeira (Calado, 1993, p. 29, n.º 7).

No que respeita ao espaço funerário em análise, Abel Viana refere a identificação de “*três*

⁷⁷ Presume-se, portanto, que o uso daquele espaço como área funerária preceda a edificação da ermida medieval, mas coloca-se a possibilidade de poder ter sido coetâneo de um eventual edifício mais antigo, de função cultural ou outra, existente no mesmo local.

⁷⁸ Na verdade, Abel Viana e A. Dias de Deus referem-se a uma tumulação destruída “*há alguns anos atrás*” (Viana & Deus, 1958, p. 9), o que sugere que a existência de sepulturas no sítio da Cardeira já seria conhecida antes de 1950.

⁷⁹ A doação destas peças ao antigo Museu Municipal de Elvas pelo então proprietário da herdade, José Vicente de Abreu, em finais de Maio de 1950 (CME/ BME: Registo de Entradas de Objectos no Museu Municipal de Elvas, Arqueologia Pré e Proto-Histórica), contradiz a informação publicada, de acordo com a qual o achado das sepulturas teria ocorrido em Junho de 1950 (Viana & Deus, 1950a, p. 69; Viana & Deus, 1958, p. 8).

covachos” (1955c, p. 8), associados à prática da incineração e sem orientação determinável (Viana, 1955c, p. 12). Desconhece-se qualquer planta da necrópole, sabendo-se apenas que as sepulturas identificadas distavam entre si entre 20 a 50 cm (Viana & Deus, 1958, p. 9) e que, de um modo geral, apresentavam uma tipologia formal idêntica às sepulturas das necrópoles da Chaminé e Horta das Pinas, revelando, contudo, um maior cuidado na construção (Viana & Deus, 1950a, p. 69; Viana & Deus, 1958, p. 9). Corresponderiam a tumulações em caixa, de planta retangular (circa 0,80 m x 0,60 m), formadas por paredes de lajes de grauvaque, dispostas a prumo ou ligeiramente inclinadas para fora, e reforçadas de modo a compor paredes duplas ou triplas (Viana & Deus, 1950a, p. 69). A cobertura das tumulações seria igualmente composta por lajes (duas a três), assentando a laje inferior diretamente sobre a abertura da urna cinerária (Viana & Deus, 1958, p. 9). Os enterramentos seriam ainda delimitados e assinalados por pedras dispostas em cunha, consolidadas com terra misturada com pedras de menores dimensões (Viana & Deus, 1950a, p. 69; *ibid.*). Uma das tumulações encontradas pelos trabalhadores rurais conteria “*uma urna cheia de cinzas e fragmentos de ossos queimados*” (Viana & Deus, 1958, p. 8). Porém, a informação disponível não é suficientemente elucidativa quanto à prática prevalente – incineração *in busta* ou incineração com deposição secundária.

Da nossa amostra de estudo fazem parte 9 peças genericamente atribuídas à necrópole do Monte da Cardeira. Deste conjunto de peças apenas quatro apresentam proveniência devidamente identificada e podem, com segurança, ser atribuídas à necrópole – uma falcata (CRD.mt.001), uma lança de ferro (CRD.mt.002), e dois unguentários de vidro (CRD.vi.001, CRD.vi.002). As restantes seis peças correspondem a espólio cerâmico cuja proveniência se afigura incerta, uma vez que se encontram atribuídas indistintamente aos sítios da Cardeira/ Juromenha. Em relação à falcata e à lança de ferro, recorde-se que estas terão sido encontradas “*dentro de uma sepultura, junto de uma urna que foi destruída pelos achadores*” (Viana & Deus, 1958, p. 61). Provavelmente associados a uma “*sepultura de elite*”, o estado de conservação destes dois itens parece refletir, mais do que uma eventual inutilização intencional e ritual, uma “*deformação das peças em contexto fúnebre*” (Fabião, 1998, I, p. 387 e 392). Trata-se de espólio conotado com o mundo ‘ibérico’, testemunhando uma clara influência meridional num quadro regional amplamente marcado por uma matriz cultural de tipo ‘céltico’ (*id.*, pp. 388-391). A tipologia destes exemplares de armamento obriga-nos a fazer recuar o *t.p.q.* daquele espaço funerário até à Idade do Ferro, corroborando assim a ideia de Abel Viana (1955, p. 8). Contudo, o restante espólio conhecido define um enquadramento cronológico distinto – vejam-se os exemplares de *terra sigillata* sudgálica e hispânica das formas Drag. 24/25 e 27 (CRD.tss.002, CRD.tsh.001, CRD.tss.001) e os unguentários de vidro de tipo Isings 16 e Isings 18 (CRD.vi.001 e CRD.vi.002), que sugerem um contexto circunscrito ao séc. I d.C.. Assim, a confirmar-se a atribuição dos materiais estudados a sepulturas exploradas no sítio da Cardeira, somos levados a considerar dois momentos de utilização funerária daquele espaço: um primeiro momento que recuará até à II Idade do Ferro, mais propriamente aos séc.s IV-III a.C.; e um eventual segundo momento, que abarcaria, genericamente, o período compreendido entre a segunda metade do séc. I d.C. e os inícios da centúria seguinte.

3.2.22. Juromenha (União das freguesias de Alandroal, São Brás dos Matos e Juromenha, Alandroal, Évora. CNS não identificado. CMP 441. N 38° 44' 28.66"/ W 7° 14' 24.26". Acrónimo – JUR)

Em relatório oficial datado de 31 de Dezembro de 1953, Abel Viana dava conta: “*Ao abrirem*

os alicerces para o novo edifício das Escolas Primárias de Jerumenha acharam-se várias sepulturas romanas que, segundo nos informaram, continham cerâmica abundante e variada, assim como vasilhas de vidro./ Uma parte dos objectos foi destruída pelos cabouqueiros, e outra parte (?) levada para Lisboa pelo engenheiro que lá foi vistoriar a obra” (AFCB: Viana, 06/01/1954, p. 4). Segundo os dados apurados, o conjunto de enterramentos romanos explorados por A. Dias de Deus terá sido identificado na área atualmente ocupada pelo edifício da antiga escola primária, construída nos inícios da década de 50 do século XX. Coloca-se a hipótese de o espaço funerário em causa poder estender-se para norte e nascente, indo assim ao encontro de informações orais que aludiam ao “achado de restos ósseos, cerâmica e vidros descobertos há poucos anos (nos inícios da década de 80, presume-se), aquando da abertura de valas para os alicerces do novo edifício da Junta de Freguesia, a cerca de 20 metros da necrópole atrás referida (necrópole identificada e explorada por A. Dias de Deus)” (Processo DGPC/ DRCA 2.01.001, vol. 1, pp. 10-11).⁸⁰ A data das pesquisas realizadas pelo funcionário da Colónia Correccional não é segura. A descoberta deverá remontar a finais de 1949, e os trabalhos ali desenvolvidos a essa mesma época e/ou aos inícios do ano seguinte, mais propriamente a Janeiro de 1950 (AFCB: Viana, 29/12/1949, p. 2; MRB: Deus, 04/01/1950).

Estima-se um número mínimo de nove enterramentos explorados, associados (se não na totalidade, pelo menos na sua maioria) à prática da incineração (MRB: Deus, 04/01/1950). As tumulações corresponderiam, em geral, a simples cavidades abertas no subsolo rochoso, sem revestimento parietal, e com cobertura de tégulas e lajes, configurando aquilo que Dias de Deus apelidou de “urnas-sepulturas” (id., p. 3). Os dados conhecidos indiciam a prática da incineração com deposição secundária (id., p. 2), destinando-se cada covacho a conter os despojos do processo de cremação e eventual espólio funerário. A orientação dominante parece ter sido oeste-este e a descrição de ‘filas’ de enterramentos (id., pp. 2-3) sugere uma conceção organizada do espaço funerário. Considerando a localização da sepultura de incineração de cronologia alto imperial, identificada em meados da década de 90 do séc. XX,⁸¹ afigura-se-nos pouco verosímil que esta pudesse tratar-se de parte integrante da necrópole documentada por A. Dias de Deus e Abel Viana, ainda que o espólio da primeira (*terra sigillata*, paredes finas e cerâmica comum) nos pareça remeter para uma cronologia idêntica à desta última. Com base em outras evidências de época romana atribuídas a Juromenha (IRCP 439, 479, 458; Calado, 1993, p. 31, n.º 34), considera-se plausível a existência de diferentes espaços funerários que, coetâneos ou não, estivessem ao serviço das diversas comunidades que habitariam aquela área.

No que respeita ao espólio exumado, identificou-se um conjunto de sete peças atribuídas a Juromenha, sem contexto de sepultura conhecido. O conjunto reunido remete-nos para um horizonte cronológico comum, enquadrável entre a segunda metade do séc. I e os inícios do séc. II d.C. A presença de um exemplar de *terra sigillata* sudgálica da forma Drag. 15/17 (JUR.tss.001) confere à amostra disponível um *t.p.q.* não anterior a inícios/meados do séc. I d.C. (Morais, 2015, p. 132; Roca Roumens, 2005, p. 124). Por sua vez, o exemplar de *terra sigillata* hispânica da forma Drag. 15/17 com marca do oleiro *Valerius Paternus* (JUR.tsh.001), ou ainda o unguentário de

⁸⁰ Informações orais recolhidas em 1988, por ocasião da campanha de trabalhos arqueológicos a cargo da equipa luso-francesa chefiada por Fernando Branco Correia.

⁸¹ CNS 21126/ Juromenha 3, Processo DGPC 7.16.3/ 14.10(1).

vidro com paralelos formais aproximados na forma Isings 26-a (JUR.vi.001), reforçam a ideia de um t.a.q. não extensível para além dos inícios/ primeiro quartel do séc. II d.C..⁸² (Gráfico 3, p. 77)

4. CONSIDERAÇÕES FINAIS

Da nossa investigação parece ficar claro que, a par de alguma ‘arqueologia de salvamento/ emergência’ levada a cabo pelos funcionários da Colónia Correccional de Vila Fernando, entre meados da década de 30 e meados da década de 50 do séc. XX, estes pretenderam, acima de tudo, dar azo a uma atividade concebida como recreativa, que visava a recolha de objetos (os chamados “tesouros”) para as respetivas coleções particulares, ocasionalmente convertidos em fontes de rendimento. As limitações do método de registo e escavação (ou, em rigor, a ausência deste) haveriam de ditar inevitáveis lacunas na interpretação dos arqueossítios intervencionados. É nossa convicção de que o “passo salvador” (Viana, 1955b, p. 24) que permitiu resgatar alguma informação sobre os sítios e respetivo espólio, se ficou a dever a Abel Viana. A intervenção norteadora do arqueólogo, alavancada no reconhecimento da importância daquelas descobertas, possibilitou que um conjunto de recolhas feitas por uns “doidos das pedras” (AFCB: Deus, [s.d.]b, p. 1) se convertesse numa etapa fundamental da investigação arqueológica regional, e num caso de estudo singular à escala nacional.

Os dados conhecidos sobre as denominadas «necrópoles céltico-romanas elvenses» devolvem-nos a imagem de um conjunto de espaços funerários rurais, ao longo de um extenso arco cronológico, que abarca desde finais do séc. IV-inícios do séc. II a.C. até aos séc.s VI-VIII d.C.. Esta longa diacronia coloca em perspetiva os fenómenos de aculturação, continuidade/ estabilidade e transformação/ rutura, que marcaram a vida das comunidades que habitaram o território em análise, desde a II Idade do Ferro até ao período altimedieval, e que, inevitavelmente, se plasmaram na conceção e tratamento da morte. As cronologias apuradas realçam a ideia da existência de “*nexos de continuidade no mundo funerário*” (Carneiro, 2014, I, p. 253), de que constituem ilustrativo exemplo necrópoles como Eira do Peral, Chaminé ou Padrãozinho. A par disso, reforçam a ideia de uma maior utilização destes espaços funerários durante os séculos I e II d.C., ainda que esta perceção apenas reflita o estado atual do nosso conhecimento sobre a paisagem funerária romana nesta área regional (Frade & Caetano, 1993, p. 859). Assim, a par da continuidade da prática da incineração e dos enterramentos em urna

⁸² Em Juromenha, para além de um bronze de Maxêncio (Deus, Louro & Viana, 1955, p. 578, nota 3), de contexto desconhecido e não localizada, terá sido igualmente encontrado, em circunstâncias e data por apurar, um conjunto de 20 moedas, datáveis dos séculos III e IV d.C., genericamente apelidadas como “o tesouro de Juromenha” (Nolen, 2004, p. 26). Acerca deste conjunto, ver Conejo Delgado & Rolo, 2018.

até época alto-imperial (Jiménez Díez, 2006, pp. 72-75), assiste-se a uma paralela e progressiva assimilação dos hábitos romanos, com a adoção, entre outros, de novas arquiteturas tumulares, de um novo tipo de cultura material e do ‘hábito’ epigráfico. Por sua vez, a paulatina difusão do Cristianismo e da nova mundividência associada foi acompanhada pela transformação da estrutura sociocultural das comunidades e, na sequência de um novo olhar sobre o mundo dos vivos, por um renovado entendimento do mundo dos mortos. Exemplo expressivo deste novo entendimento é a introdução da prática da inumação nestes espaços funerários, a partir da segunda metade do séc. II d.C., ou, à semelhança de outras regiões da *Hispania* (Vaquerizo Gil & Vargas, 2001, p. 161), a progressiva diminuição do número de oferendas fúnebres nos contextos tardo-antigos (Frade & Caetano, 2004, p. 337). A prática da *tumulatio ad sanctos* ou a emulação deste fenómeno através da valorização das sepulturas de indivíduos considerados ilustres ou virtuosos entre as comunidades locais (como parece documentar-se, por exemplo, na necrópole da Terrugem) converte-se num privilégio para os devotos da nova religião (Vaquerizo Gil, 2010, p. 18), ditando novas formas de apropriação do espaço.

Assim, e independentemente das limitações que possamos imputar à atuação dos intervenientes nestas ‘pesquisas’ alto alentejanas, ‘salvou-se’ do desconhecimento total a existência destas necrópoles e tornou-se possível, por um lado, a “*constituição de um corpus de materiais arqueológicos*” (Almeida, 2000, p. 26) e de arqueossítios, fundamental para o conhecimento da época romana (e não só) no atual Alto Alentejo; e, por outro lado, o esboço de um retrato (ainda que parcelar) das práticas funerárias na área geográfica em questão, especialmente entre finais da Idade do Ferro e a Antiguidade Tardia (Frade & Caetano, 1993; Rolo, 2018). Para nenhuma outra região do atual território português dispomos de um tão expressivo volume de informação sobre um conjunto de arqueossítios ligados entre si, quer pelo contexto histórico das recolhas e trabalhos realizados, quer, sobretudo, pela natureza das evidências arqueológicas e por integrarem, grosso modo, o mesmo aro geográfico e cronológico. Olhando para trás, e considerando a história da investigação arqueológica nacional, não deixa de ser paradoxal que, graças às polémicas ‘pesquisas’ dos funcionários da Colónia Correccional de Vila Fernando e à intervenção de Abel Viana, a atual região alto alentejana (e, em particular, o território elvense) constitua um caso de referência para o estudo do mundo funerário *in rure*, no território da antiga província da *Lusitania*.

SIGLAS E ABREVIATURAS

AFCB – Arquivo da Fundação da Casa de Bragança

APAMCV – Arquivo Pessoal António Martins da Costa Viana

APMH – Arquivo Pessoal Manuel Heleno (Museu Nacional de Arqueologia)

Catal. – Catálogo/ Catalogue

CME/BME – Câmara Municipal de Elvas/ Biblioteca Municipal de Elvas

CME/ MME – Câmara Municipal de Elvas/ (antigo) Museu Municipal de Elvas

DGPC – Direção Geral do Património Cultural

DRCA – Direção Regional de Cultura do Alentejo

FCB – Fundação da Casa de Bragança

Inv. – Inventário

IRCP – *Inscrições Romanas do Conventus Pacensis* (Encarnação, 1984)

MGEO/ LNEG/ LGM – Museu Geológico/ Laboratório Nacional de Energia e Geologia/ Laboratório de Geologia e Minas

MNA – Museu Nacional de Arqueologia

MRB – Museu Regional de Beja

TAQ – *terminus ante quem*

TPQ – *terminus post quem*

DOCUMENTAÇÃO E FONTES CITADAS

CARTOGRAFIA

Carta da Capacidade de Uso dos Solos, Folha 33-C, 1:50 000.

Carta das Ocorrências Minerais de Portugal, 1: 500 000.

Carta Militar de Portugal (C.M.P.), 1: 25 000, Folha 385 – Arronches, 2008.

Carta Militar de Portugal (C.M.P.), 1: 25 000, Folha 386 – Degolados (Campo Maior), 2008.

Carta Militar de Portugal (C.M.P.), 1: 25 000, Folha 398 – Veiros (Estremoz), 2007.

Carta Militar de Portugal (C.M.P.), 1: 25 000, Folha 399 – Santa Eulália (Elvas), 2008.

Carta Militar de Portugal (C.M.P.), 1: 25 000, Folha 412 – Santo Aleixo (Portalegre), 2007.

Carta Militar de Portugal (C.M.P.), 1: 25 000, Folha 413 – Vila Boim (Elvas), 2008.

Carta Militar de Portugal (C.M.P.), 1: 25 000, Folha 414 – Elvas, 2008.

Carta Militar de Portugal (C.M.P.), 1: 25 000, Folha 426 – Vila Viçosa, 2008.

Carta Militar de Portugal (C.M.P.), 1: 25 000, Folha 427 – Terrugem (Elvas), 2008.

Carta Militar de Portugal (C.M.P.), 1: 25 000, Folha 428 – Casas Novas (Elvas), 2008.

Carta Militar de Portugal (C.M.P.), 1: 25 000, Folha 440 – Alandroal, 1970.

Carta Militar de Portugal (C.M.P.), 1: 25 000, Folha 441 – Juromenha (Alandroal), 2008.

ACERVO DOCUMENTAL DA CÂMARA MUNICIPAL DE ELVAS / BIBLIOTECA MUNICIPAL DE ELVAS (CME/BME)

Catálogo do *Museu Archeologico de Elvas*.

Registo de Entradas no Museu Municipal de Elvas.

ARQUIVO DA FUNDAÇÃO DA CASA DE BRAGANÇA (AFCB)

DEUS, A. D., [s.d.]a – Carta [s.l.] endereçada a Manuel Heleno [manuscrito; policopiado, incompleto]. Arquivo da Fundação da Casa de Bragança.

DEUS, A. D., [s.d.]b – *Descobertas arqueológicas no concelho de Elvas* [dactilografado; policopiado]. Arquivo da Fundação da Casa de Bragança.

DEUS, A. D., 29/01/1955 – Relatório endereçado ao Conselho Administrativo da Casa de Bragança [dactilografado]. Arquivo da Fundação da Casa de Bragança.

PAÚL, A. P. L., 19/01/2011 – Carta [Coimbra] endereçada à Fundação da Casa de Bragança [dactilografado; policopiado]. Arquivo da Fundação da Casa de Bragança.

VIANA, A., [s.d.] – *Paço Ducal de Vila Viçosa. Secção Arqueológica* [manuscrito; policopiado]. Arquivo da Fundação da Casa de Bragança.

VIANA, A., 14/09/1949 – Carta [Beja] endereçada a António Luís Gomes [dactilografado]. Arquivo da Fundação da Casa de Bragança.

VIANA, A., 10/12/1949 – Carta [Beja] endereçada a A. Dias de Deus [dactilografado; policopiado]. Arquivo da Fundação da Casa de Bragança.

VIANA, A., 29/12/1949 – Carta [Beja] endereçada a A. Dias de Deus [dactilografado, com anotação manuscrita; policopiado]. Arquivo da Fundação da Casa de Bragança,

VIANA, A., 06/03/1951 – Carta [Beja] endereçada a João de Figueiredo [dactilografado; policopiado]. Arquivo da Fundação da Casa de Bragança.

VIANA, A., 19/11/1953 – Carta [Beja] endereçada a A. Dias de Deus [dactilografado; policopiado]. Arquivo da Fundação da Casa de Bragança.

VIANA, A., 06/01/1954 – Carta [Beja] endereçada a A. Dias de Deus [manuscrito; policopiado]. [Inclui AFCB: Viana, 31/12/1953] Arquivo da Fundação da Casa de Bragança.

VIANA, A., 31/12/1953 – Relatório relativo ao ano de 1953 [dactilografado; policopiado]. [In AFCB: Viana, 06/01/1954] Arquivo da Fundação da Casa de Bragança.

VIANA, A., 05/05/1961 – Carta [Beja] endereçada a A. Luís Gomes [dactilografado; policopiado]. Arquivo da Fundação da Casa de Bragança.

VIANA, A., 17/11/1961 – Documento intitulado “Olival da Silveirinha = Tapada Ducal, em Vila Viçosa” [manuscrito; policopiado]. [In AFCB: Viana, [s.d.] – *Paço Ducal de Vila Viçosa. Secção Arqueológica.*] Arquivo da Fundação da Casa de Bragança.

ACERVO DOCUMENTAL DO MUSEU NACIONAL DE ARQUEOLOGIA (MNA)

Arquivo Pessoal Manuel Heleno: APMH/5/1/324/5_2/19; APMH/2/18/1.

ACERVO DOCUMENTAL DO MUSEU REGIONAL DE BEJA (MRB)

[s.a.], [s.d.]a – *Horta da Serra* (planta) [manuscrito]. Museu Regional de Beja. Pasta 97.

[s.a.], [s.d.]b – *Necrópole dos Serrones* (planta) [manuscrito]. Museu Regional de Beja. Pasta 97.

[s.a.], [s.d.]c – Planta do campo de urnas (Padrãozinho) [manuscrito]. Museu Regional de Beja. Pasta 39.

[s.a.], [s.d.]d – Planta da necrópole de Padrãozinho 2 [manuscrito]. Museu Regional de Beja. Pasta 39.

DEUS, A. D. (?), [s.d.]a – *Campo de urnas do Padrãozinho* [manuscrito]. Museu Regional de Beja. Pasta 97.

DEUS, A. D. (?), [s.d.]b – *Descobertas em 31-10-951/ Padrãozinho* [manuscrito]. Museu Regional de Beja. Pasta 97.

DEUS, A. D. (?), [s.d.]c – Listagens de fotografias de espólio, sem título [manuscrito]. Museu Regional de Beja. Pasta 97.

DEUS, A. D. (?), [s.d.]d – *Necrópole dos Serrones* [manuscrito]. Museu Regional de Beja. Pasta 97.

DEUS, A. D. (?), [s.d.]e – *Padrãozinho*. Anotações relativas às sepulturas 55 a 58 e 89 a 128 de Padrãozinho 4 [manuscrito]. Museu Regional de Beja. Pasta 97.

DEUS, A. D., [s.d.]f – *Descoberta das “Pinas”*. Anotações relativas à descoberta da necrópole de Horta das Pinas [manuscrito]. Museu Regional de Beja. Pasta 97.

DEUS, A. D., 07/08/1949 – *Achados em 7-8-949* [manuscrito]. Museu Regional de Beja. Pasta 97.

DEUS, A. D. (?), 04/01/1950 – *Explorações efectuadas em 4 de Janeiro de 1950* [manuscrito]. Museu Regional de Beja. Pasta 97.

VIANA, A., 10/04/1952 – *A Secção Arqueológica do Paço Ducal de Vila Viçosa* [dactilografado]. Museu Regional de Beja. Pasta 39.

VIANA, A., 30/04/1952 – Cópia de carta [Beja] endereçada ao Presidente do Conselho Administrativo da Fundação da Casa de Bragança, A. Luiz Gomes [dactilografado]. Museu Regional de Beja. Pasta 97.

VIANA, A., 21/01/1955 – Carta [Beja] endereçada a A. Dias de Deus [dactilografado]. Museu Regional de Beja. Pasta 97.

VIANA, A., 09/08/1955 – *António Dias de Deus*. Cópia de documento enviado para A. A. Mendes Corrêa [dactilografado]. Museu Regional de Beja. Pasta 40.

VIANA, A. (?), 10/08/1955 – *António Dias de Deus*. Cópia de documento enviado para Garcia Bellido [dactilografado]. Museu Regional de Beja. Pasta 40.

ARQUIVO PESSOAL DO DR. ANTÓNIO MARTINS DA COSTA VIANA (APAMCV)

VIANA, A., 30/04/1955 – Carta [Beja] endereçada a Mário Viana [dactilografado]. Arquivo Pessoal do Dr. António Martins da Costa Viana.

DIREÇÃO GERAL DO PATRIMÓNIO CULTURAL (DGPC)

Arquivo Arqueológico Nacional (Palácio Nacional da Ajuda)

Processo 7.16.3/ 14-10(1) – GONÇALVES, A. M.ª; LOPES, V. (1995-1996) – Levantamento Arqueológico e Patrimonial do Alqueva. 2 vols.

Processo 95/1(223): Projecto de Investigação As comunidades pré-históricas dos 4º e 3º milénios na região de Monforte.

ROBERTO, S.; FRAZÃO, V. – Prospecção (2010) – Conservação corrente por contrato 2010/ 2013 – Distrito de Portalegre.

Direção Regional de Cultura do Alentejo (DRCA)

Processo DGPC/ DRCA 2.01.001 – CORREIA, F. (1988-1997) – Intervenção Arqueológica na Fortificação de Juromenha. 4 vols..

Processo DGPC/ DRCA 4.07.003.

BIBLIOGRAFIA

ALARCÃO, A. (1960-1961) – Algumas peças de *terra sigillata* na secção arqueológica do Paço Ducal de Vila Viçosa. *Conímbriga*. Coimbra. II-III, pp. 181-201.

ALARCÃO, A. (1988) – *Recensões Bibliográficas*. *Conímbriga*. Coimbra. XXVII, pp. 205-207.

ALARCÃO, A.; PONTE, S. (1976) – As lucernas romanas do Paço Ducal de Vila Viçosa. *Conímbriga*. Coimbra. XV, pp. 73-90.

ALARCÃO, J. (1968) – Vidros romanos de museus do Alentejo e Algarve. *Conímbriga*. Coimbra. VII, pp. 7-39.

ALARCÃO, J. (1975) – Bouteilles carrées au fond décoré du Portugal romain. *Journal of Glass Studies*. New York. XVII, pp. 47-53.

ALARCÃO, J. (1978) – Vidros romanos do Alentejo no Museu Nacional de Arqueologia (Lisboa). *Conímbriga*. Coimbra. XVII, pp. 101-112.

ALARCÃO, J. (1988) - *Roman Portugal*. Vol. II: *Gazetter, fasc. 3: Évora – Faro - Lagos*. England: Warminster, Aris & Phillips Ltd.

ALARCÃO, J.; ALARCÃO, A. (1967) – Vidros romanos do Museu Arqueológico de Vila Viçosa. *Conímbriga*. Coimbra. V, pp. 2-31.

ALARCÃO, J.; ETIENNE, R.; ALARCÃO, A.; PONTE, S. (1979) – *Fouilles de Conímbriga*. Vol. VII: *Trouvailles diverses – Conclusions générales*. Paris: Diffusion de Bocard.

ALMEIDA, M.ª J. (2000) – *Ocupação rural romana no actual concelho de Elvas*. Dissertação de Mestrado apresentada à Faculdade de Letras da Universidade de Coimbra. <https://estudogeral.sib.uc.pt/handle/10316/9786>

ÁLVAREZ PÉREZ, A.; DOMÈNECH DE LA TORRE, P.; LAPUENTE MERCADAL, P.; PICHARD MARTÍ, À.; ROYO PLUMED, H. (2009) – *Marbles and stones of Hispania. Exhibition Catalogue*. Asmosia IX International Conference (Tarragona, 8-13th June 2009). Tarragona: Institut Català d'Arqueologia Clàssica.

AREZES, A. (2010) – *Elementos de Adorno Altomedievicos em Portugal (Séc.s V a VIII)*. Dissertação de Mestrado em Arqueologia (2º Ciclo) apresentada à Faculdade de Letras da Universidade do Porto. <https://repositorio-aberto.up.pt/handle/10216/56093>

AREZES, A. (2011) – *Elementos de Adorno Altomedievicos em Portugal (Séc.s V a VIII)*. [s.l.]: Toxosoutos.

AREZES, A. (2014) – *Ocupação “Germânica” na Alta Idade Média em Portugal: as necrópoles dos séculos V a VIII*. Dissertação de Doutoramento em Arqueologia apresentada à Faculdade de Letras da Universidade do Porto. <https://repositorio-aberto.up.pt/handle/10216/78898?locale=pt>

AZEVEDO, P. A. (1896) – Extractos archeologicos das «Memorias parochiaes de 1758». *O Archeologo Português*. Lisboa. Série I, vol. 2, pp. 252-264.

BARRERO MARTÍN, N. (2013) – *Catálogo de Toréutica de la Antigüedad Tardía (Siglos IV-VIII d.C.) del Museo Nacional de Arte Romano – Bronces y Orfebrería*. Cuadernos Emeritenses, 38. Mérida: MNAR.

BRITO, R. S. (2000) – *Nordeste Alentejano em mudança*. Lisboa: Edições Inapa.

BUSTAMANTE ÁLVAREZ, M. (2013) – La *terra sigillata* hispânica en *Augusta Emerita*. Estudio tipocronológico a partir de los vertederos del subúrbio norte. *Anejos de Archivo Español de Arqueología*. LXV. Mérida.

CAETANO, J. C. (2002) – Necrópoles e ritos funerários no Ocidente da Lusitania Romana. In VAQUERIZO GIL, D., coord. – *Espacios y Usos Funerários en el Occidente Romano*. Córdoba: Universidad de Córdoba. Vol. I, pp. 313-334.

CAGNAT, R.; CHAPOT, V. (1916) – *Manuel d'Archéologie Romaine. Tome Premier – Les monuments. Décoration des monuments*. Sculpture. Paris: A. Picard.

CALADO, M. (1993) – *Carta Arqueológica do Alandroal*. Alandroal: Câmara Municipal do Alandroal.

CALADO, M.; MATALOTO, R. (2020) – *Terra Marmoris. Carta Arqueológica de Vila Viçosa*. Lisboa: Eds. Vieira da Silva.

CARDOSO, J. L. (1999) – O Professor Mendes Corrêa e a arqueologia portuguesa. *Al-Madan*. Almada. II série, 8, pp. 138-156.

CARDOSO, J. L. (2008) – Correspondência selecionada enviada a O. da Veiga Ferreira: cinquenta anos de atividade arqueológica (1946 – 1995). *Estudos Arqueológicos de Oeiras*. Oeiras. 16, pp. 383-751.

CARNEIRO, A. (2005) – Espólio da necrópole romana da Herdade dos Pocilgais (Fronteira). Uma leitura integrada. *O Arqueólogo Português*. Lisboa: Museu Nacional de Arqueologia. Série IV, 23, pp. 283-320.

CARNEIRO, A. (2014) – *Lugares, tempos e pessoas. Povoamento rural no Alto Alentejo*. Coimbra: Imprensa Universidade de Coimbra. 2 vols. https://digitalis.uc.pt/pt-pt/livro/lugares_tempos_e_pessoas_povoamento_rural_romano_no_alto_alentejo_vol_i

https://digitalis.uc.pt/pt-pt/livro/lugares_tempos_e_pessoas_povoamento_rural_romano_no_alto_alentejo_vol_ii

CARNEIRO, A. (2015) – Morre-se há muito tempo sobre a terra. Topografia funerária e sociedade no Alto Alentejo em época romana. In *Actas do II Congresso de Arqueologia de Transição: o mundo funerário*, Évora: CHAIA, pp. 125-139.

CARNEIRO, A. (2017) – Epigrafe proveniente de Porto das Escarninhas (Arronches). *Ficheiro Epigráfico*. Coimbra. 150, n.º 606.

CONEJO DELGADO, N.; ROLO, M. (2018) – O tesouro de Juromenha. Breves notas para a história da Arqueologia alto alentejana. *Revista Portuguesa de Arqueologia*. Lisboa. 21, pp. 169-179.

DELGADO, M. (1968) – *Terra Sigillata* Clara de museus do Alentejo e Algarve. *Conímbriga*. Coimbra. VII, pp. 41-65.

DEUS, A. D.; LOURO, Pe. H. S.; VIANA, A. (1955) – Apontamento de estações romanas e visigóticas da re-

gião de Elvas (Portugal). In *III Congreso Nacional de Arqueología, Galicia, 1953 – (Actas)*. Zaragoza: [s.n.], pp. 568-578.

DEUS, A. D.; VIANA, A. (1953) – Mais três dólmens da região de Elvas (Portugal). Separata de *Zephyrus IV – Seminario de Arqueología de la Universidad de Salamanca, Homenaje a Cesar Moran Bardon*. Salamanca. IV, pp. 227-240.

ENCARNAÇÃO, J. d' (1984) – *Inscrições romanas do Conventus Pacensis*. Coimbra: Instituto de Arqueologia da Faculdade de Letras da Universidade de Coimbra.

ENCARNAÇÃO, J. d' (1988) – *Ficheiro Epigráfico*. Suplemento de *Conímbriga*. Coimbra. 25, n.º 116.

FABIÃO, C. (1998) – *O mundo indígena e a sua romanização na área céltica do território hoje português*. Dissertação de Doutoramento apresentada à Faculdade de Letras da Universidade de Lisboa. Texto policopiado. 3 Vols.

FERREIRA, O. V. (1951) – Antiguidades de Fontalva (Elvas). II. Lucerna romana. *Revista de Guimarães*. Guimarães: Sociedade Martins Sarmento. 61 (3-4), pp. 421-425. http://www.csarmento.uminho.pt/docs/ndat/rg/RG061_19.pdf

FLÖRCHINGER, A. (1998) – Romanische Gräber in Südspanien. Beigaben- und Bestattungssitte in westgotenzeitlichen Kirchennekropolen. Rahden/Westf.: Verlag Marie Leidorf GmbH.

FRADE, H.; CAETANO, J. C. (1993) – Ritos Funerários Romanos no Nordeste Alentejano. In *II Congresso Peninsular de História Antiga – Actas* (Coimbra, 1990). Coimbra: Faculdade de Letras da Universidade de Coimbra, pp. 847-887.

FRADE, H.; CAETANO, J. C. (2004) – Ritos funerários romanos. In Medina, J., ed. (2004) – *História de Portugal*. Lisboa: Ediclube. Vol. III, pp. 143-159.

GONÇALVES, F. (1970) – Contribuição para o conhecimento geológico dos mármore de Estremoz. *Estudos, Notas e Trabalhos*. Porto: Serviço de Fomento Mineiro. XX, 1-2, pp. 201-209.

GONÇALVES, F. (1971) – *Subsídios para o conhecimento geológico do Nordeste Alentejano*. Lisboa: Serviços Geológicos de Portugal. 18.

HELENO, M. (1951) – Arqueologia de Elvas, Notícia Preliminar. *O Arqueólogo Português* (separata). Lisboa. Nova Série, vol. I, pp. 83-100.

HENRIQUES, H. (2014) – Marginalidade e reeducação de menores em Portugal: a Colónia de Vila Fernando (1880-1940). *Estudios Humanísticos. Historia*. Léon. 13, pp. 145-164.

HENRIQUES, H.; VILHENA, C. (2013) – Imprensa e regeneração de menores delinquentes. A Colónia Agrícola de Vila Fernando (1ª metade do séc. XX). In Hernández Díaz, J. M.ª, ed. (2013) – *Prensa Pedagógica y Patrimonio Histórico Educativo. Contribuciones desde la Europa Mediterránea e IberoAmérica*. Salamanca: Ediciones Universidad de Salamanca, pp. 245-256.

ISINGS, C. (1957) – *Roman Glass from dated finds*. Gronigen: J.B. Wolters.

JIMÉNEZ DÍEZ, A. (2006) – Contextos funerarios en la transición del mundo prerromano al romano en el sur peninsular. *Anales de Arqueología Cordobesa*. Córdoba. 17, vol. I, pp. 67-98. <https://www.uco.es/ucopress/ojs/index.php/anacor/article/view/8181/7657>

LOPES, A. F. (2015) – *Contributo para a Carta Arqueológica do Concelho de Arronches*. Dissertação de Mestrado em Arqueologia e Ambiente apresentada à Universidade de Évora (Escola de Ciências Sociais, Departamento de História). Texto policopiado. 2 Vol.s.

LOPES, L. (2003) – *Contribuição para o conhecimento tectono-estratigráfico do Nordeste Alentejano. Transversal Terena – Elvas. Implicações económicas no aproveitamento de rochas ornamentais existentes na região (Mármore e Granitos)*. Tese de Doutoramento na especialidade de Geologia Estrutural apresentada à Universidade de Évora.

LOPES, M.ª C. (2000) – *A cidade romana de Beja: percursos e debates acerca da “civitas” de Pax Iulia*. Tese de Doutoramento em Arqueologia apresentada à Faculdade de Letras da Universidade de Coimbra. <http://hdl.handle.net/10316/582>

LOPES, M.ª H. (2011) – *O internamento de jovens delinquentes – história de uma instituição – Vila Fernando (1895-1962)*. Dissertação de Mestrado apresentada à Universidade Portucalense. Porto. http://www.memoriamedia.net/bd_docs/ELVAS/TeseMariaHelenaLopes.pdf

LORRIO ALVARADO, A. J. (1988-1989) – Cerámica gris orientalizante de la necrópolis de Medellín (Badajoz). *Zephyrus: Revista de prehistoria y arqueología*. Salamanca. 41-42, pp. 283-314.

LOURO, Pe. H. S. (1948) – Inscrição cristã de há 1.600 anos encontrada na Terrugem. *Etnhos*. Lisboa. Vol. III, pp. 347-348.

LOURO, Pe. H. S. (1964) – *Terrugem*. Évora: Gráfica Eborense.

LOURO, Pe. H. S. (1966) – *Monografia Histórica de Vila Fernando*. Évora: Gráfica Eborense.

LOURO, Pe. H. S. (1995²) – *Monografia Histórica de Vila Fernando*. Vila Fernando: A. J. Nabais Fernandes.

MACIEL, T. (2015) – Abel Viana, A. Dias de Deus e José Lopes: Vila Fernando, Elvas, meados do século passado. *Estudos Regionais*. Viana do Castelo. II série, n.º 9, pp. 195-199.

MARINÉ ISIDRO, M.ª (2001) – Fíbulas Romanas en Hispania: La Meseta. *Anejos de Archivo Español de Arqueología*, XXIV. Madrid: CSIC.

MAYET, F. (1975) – *Les Céramiques à parois fines de la Péninsule Ibérique*. Paris: Diffusion du Bocard.

MAYET, F. (1984) – *Les céramiques sigillées hispaniques. Contribution à l'histoire économique de la Péninsule Ibérique sous l'Empire Romain*. Paris: Publications du Centre Pierre Paris. 2 vols.

MILES, D. (1976) – Two Bronze Bowls from Sutton Courtenay. *Oxoniensia*. XLI, pp. 70-76.

MONTERO RUIZ, I. (2015) – La vajilla metálica de Camino de Santa Juana en el contexto de la producción metalúrgica romana. In AA.VV. (2015) – *Esperando tempos mejores. Las ocultaciones tardorromanas del s. V d.C. en Cubas de la Sagra (Comunidad de Madrid)*. Museo Arqueológico Regional de la Comunidad de Madrid. Madrid: B.O.C.M, pp. 75-82.

MORAIS, R. (2015) – La *terra sigillata* gálica: un indicador esencial en los registros estratigráficos altoimperiales. In FERNÁNDEZ OCHOA, C.; MORILLO, A.; ZARZALEJOS PRIETO, M., eds. – *Manual de cerámica romana II. Cerámicas romanas de época altoimperial en Hispania. Importación y producción*. Alcalá de Henares: Museo Arqueológico Regional; Madrid: Colegio Oficial de Doctores y Licenciados en Filosofía y Letras y en Ciencias, Sección de Arqueología. Madrid: B.O.C.M, pp. 79-148.

- MOREIRA, N.; MOURINHA, N. (2018) – Património Edificado no Triângulo do Mármore; evidências para a utilização contínua do mármore de Estremoz desde época medieval à idade contemporânea. In ROLO, M., coord. – *Arqueologia 3.0 – II. Comunicação, Divulgação e Socialização da Arqueologia*. [s.l.]: Fundação da Casa de Bragança, pp. 171-206.
- MORENA LÓPEZ, J. A. (1999) – Hallazgos arqueológicos de época visigoda en Cañete de las Torres (Córdoba). *Antiquitas*. Córdoba. 10, pp. 97-114.
- MORILLO CERDÁN, A. (2015) – Lucernas romanas en *Hispania*: entre lo utilitario y lo simbólico. In FERNÁNDEZ OCHOA, C.; MORILLO, A.; ZARZALEJOS PRIETO, M., eds. – *Manual de cerámica romana II. Cerámicas romanas de época altoimperial en Hispania. Importación y producción*. Alcalá de Henares: Museo Arqueológico Regional; Madrid: Colegio Oficial de Doctores y Licenciados en Filosofía y Letras y en Ciencias, Sección de Arqueología. Madrid: B.O.C.M, pp. 321-428.
- NOLEN, J. S. (1985) – *Cerâmica comum de necrópoles do Alto Alentejo*. Lisboa: Fundação Casa de Bragança.
- NOLEN, J. S. (1995-1997) – Acerca da cronologia da cerâmica comum das necrópoles do Alto Alentejo: novos elementos. *O Arqueólogo Português*. Lisboa. IV série, 13/15, pp. 347-392.
- NOLEN, J. S. (2004) – *Roteiro – Museu de Arqueologia do Castelo de Vila Viçosa*. [s.l.]: Fundação Casa de Bragança.
- PAÇO, A.; FERREIRA, O. V. (1951) – Antiguidades de Fontalva (Elvas). I. Fivela Visigótica. *Revista de Guimarães*. Guimarães: Sociedade Martins Sarmento. 61 (3-4), pp. 416-421. http://www.csarmento.uminho.pt/docs/ndat/rg/RG061_19.pdf
- PAÇO, A.; FERREIRA, O. V.; VIANA, A. (1957) – Antiguidades de Fontalva. Neo-eneolítico e época romana. *Zephyrus*. Salamanca: Ediciones Universidad de Salamanca. Vol. 8, pp. 111-133. http://campus.usal.es/~revistas_trabajo/index.php/0514-7336/article/view/3637/3654
- PEREIRA SIESO, J. (1988) – La cerámica ibérica de la cuenca del Guadalquivir. I. Propuesta de clasificación. *Trabajos de Prehistoria*. Madrid. 45, pp. 143-174.
- PINTO, I. V. (2003) – *A cerâmica comum das villae romanas de São Cucufate (Beja)*. Lisboa: Universidade Lusíada Editora - Coleção Teses.
- PIRES, A. T. (1901) – Catalogo do Museu Archeologico de Elvas. *O Archeologo Português*. Lisboa, VI, pp. 209-236.
- PIRES, A. T. (1931) – *Excertos de um estudo sobre a toponymia elvensis*. Elvas: A. José de Carvalho.
- PONTE, S. (1986) – Algumas peças metálicas de necrópoles romanas dos distritos de Portalegre e de Évora. *Conímbriga*. Coimbra. XXV (Separata), pp. 99-129.
- PONTE, S. (2006) – *Corpus signorum das fibulas proto-históricas e romanas de Portugal*. Casal de Cambra: Caleidoscópio.
- QUESADA SANZ, F. (1997) – El armamento ibérico. Estudio tipológico, geográfico, funcional, social y simbólico de las armas en la Cultura Ibérica (siglos VI – I a.C.). *Monographies Instrumentum 3 (2 vols.)*. Montagnac: Éditions Monique Mergoil.
- RIBEIRO, M. (1929) – *Portugal: o Alentejo*. Lisboa: Imprensa Nacional de Lisboa.

RIBEIRO, O.; LAUTENSACH, H.; DAVEAU, S. (1995³) – *Geografia de Portugal*. Vol. I – *A posição geográfica e o território*. Lisboa: Edições Sá da Costa.

RIPOLL LÓPEZ, G. (1998) – *Toréutica de la Bética (siglos VI y VII d.C.)*. Barcelona.

ROCA ROUMENS, M. (2005) – Terra Sigillata Sudgálica. In ROCA ROUMENS, M.; FERNÁNDEZ GARCÍA, M.ª I., coords. – *Introducción al estudio de la cerámica romana. Una breve guía de referencia*. Málaga: Universidad de Málaga, pp. 117-137.

ROLO, M. (2010) – *A necrópole romana da Rouca (Alandroal, Évora)*. Tese de Mestrado em Arqueologia apresentada à Faculdade de Letras da Universidade de Lisboa. <https://repositorio.ul.pt/handle/10451/4248>

ROLO, M. (2017) – O contributo dos trabalhos de Abel Viana e António Dias de Deus para o conhecimento do mundo funerário romano no termo sul do Alto Alentejo (Portugal) e o arqueossítio da Chaminé como caso de estudo. *Cuadernos de Arqueología de la Universidad de Navarra*. Pamplona. Vol. 25.

ROLO, M. (2018) – *O Mundo Funerário Romano no Nordeste Alentejano (Portugal) – O Contributo das Intervenções de Abel Viana e António Dias de Deus*. Tese de Doutoramento em História – Especialidade de Arqueologia apresentada à Faculdade de Letras da Universidade de Lisboa. <https://repositorio.ul.pt/handle/10451/37249>

SAA, M. (1967) – *As grandes vias da Lusitânia – o itinerário de Antonino Pio*. Lisboa: Tipografia Sociedade Astória. Vol. VI.

SÁNCHEZ RAMOS, I. (2006) – La cristianización de las necrópolis de Cordvba. Fuentes escritas y testimonios arqueológicos. *Archivo Español de Arqueología*. 80, pp. 191-206. <http://aespa.revistas.csic.es/index.php/aespa/article/view/33/33>

SEPÚLVEDA, E.; CARVALHO, A. (1998) – Cerâmica romana de paredes finas. *Conímbriga*. Coimbra. 37, pp. 233-265.

VAQUERIZO GIL, D. (2010) – *Necrópolis urbanas en Baetica*. Tarragona: Universidad de Sevilla, Institut Català d'Arqueologia Clàssica.

VAQUERIZO GIL, D.; VARGAS, S. (2001) – Tipología y evolución de los ajuares. In VAQUERIZO GIL, D., coord. – *Funus Cordubensium. Costumbres funerarias en la Cordoba romana*. Córdoba: Universidad de Córdoba, pp. 158-161.

VARELA, A. (1915) – *Theatro das Antiguidades d'Elvas com a historia da mesma cidade e descripção das terras da sua Comarca*. Elvas: A. J. Torres de Carvalho.

VIANA, A. (1950) – Contribuição para a arqueologia dos arredores de Elvas. *Trabalhos de Antropologia e Etnologia*. Porto. 12: 3-4, pp. 289-322.

VIANA, A. (1955a) – António Dias de Deus. *Trabalhos de Antropologia e Etnologia*. XV, 1-2, pp. 1-2.

VIANA, A. (1955b) – Notas da arqueologia alto-alentejana. (Materiais do Paço Ducal de Vila Viçosa). *Separata A Cidade de Évora*. Évora. 10: 33-34 (Julho-Dezembro 1955), pp. 5-28.

VIANA, A. (1955c) – Notas de Corografia Arqueológica. *Brotéria*. Lisboa. LXI, n.º 6, pp. 544-556.

VIANA, A. (1956) – *Algumas notas sobre António Dias de Deus e suas pesquisas arqueológicas no concelho de Elvas*. Beja: Minerva Comercial.

VIANA, A. (1960-1961) – Vidros romanos em Portugal, Breves notas. *Trabalhos de Antropologia e Etnologia*. Porto. 18: 1-2, pp. 5-42.

VIANA, A.; DEUS, A. D. (1950a) – A exploração de algumas necrópoles céltico-romanas do concelho de Elvas. In *Actas do XIII Congresso da Associação Portuguesa para o Progresso das Ciências*. Lisboa: Imprensa Portuguesa. Tomo VIII, pp. 67-74.

VIANA, A.; DEUS, A. D. (1950b) – Necropolis celtico-romanas del concejo de Elvas (Portugal). *Archivo Español de Arqueología*. Madrid. 23 (80), pp. 229-254.

VIANA, A.; DEUS, A. D. (1951) – Notas para el estudio de la edad del hierro en el concejo de Elvas (Portugal). Separata de *Crónica del VI Congreso Arqueológico del Sudeste, Alcoy 1950*. Cartagena: Publicaciones de la Cátedra de Arqueología, Epigrafía y Numismática, de la Universidad de Zaragoza.

VIANA, A.; DEUS, A. D. (1952) – Exploración de algunos dólmenes de la region de Elvas. Portugal. Separata de *la Crónica del II Congreso Arqueológico Nacional (Madrid, 1951)*. Cartagena: [s.n.], pp. 185-201.

VIANA, A.; DEUS, A. D. (1955a) – Necropolis de la Torre das Arcas. *Archivo Español de Arqueología*. Madrid. 28 (92), pp. 244-265.

VIANA, A.; DEUS, A. D. (1955b) – Notas para o estudo dos dólmenes da região de Elvas. Separata de *Trabalhos de Antropologia e Etnologia*. Porto. 15: 3-4 (separata).

VIANA, A.; DEUS, A. D. (1955c) – Nuevas necropolis celto-romanas de la region de Elvas (Portugal). *Archivo Español de Arqueología*. Madrid. 28, pp. 33-68.

VIANA, A.; DEUS, A. D. (1957) – Mais alguns dólmenes da região de Elvas (Portugal). Separata do *IV Congreso Arqueológico Nacional*. Zaragoza: Tipografía "La Académica", pp. 89-100.

VIANA, A.; DEUS, A. D. (1958) – Campos de urnas do concelho de Elvas. *O Instituto*. Coimbra. 118, pp. 133-193.

VIANA, A. M. C. (1996) – Biobibliografia de Abel Viana. Separata de *Estudos Regionais*. Viana do Castelo: Centro de Estudos Regionais.

VIGIL-ESCALERA GUIRADO, A. (2015) – Ocultaciones de la primera mitad del siglo V d.C. en el interior de Hispania. In AA.VV. (2015) – *Esperando tempos mejores. Las ocultaciones tardorromanas del s. V d.C. en Cubas de la Sagra (Comunidad de Madrid)*. Museo Arqueológico Regional de la Comunidad de Madrid. Madrid: B.O.C.M, pp. 39-54.

FIGURAS
FIGURES

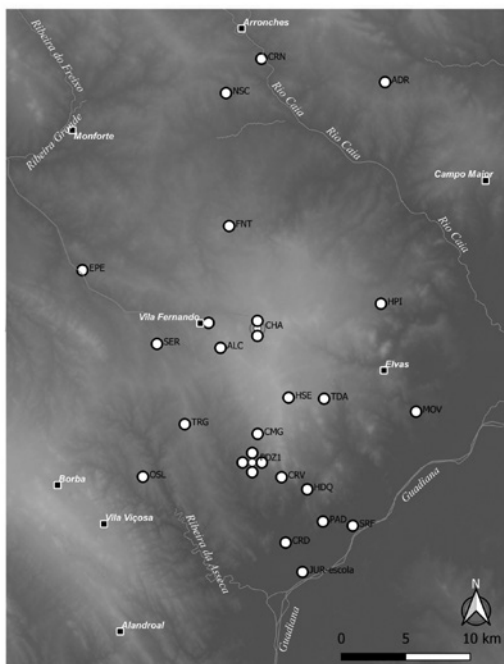
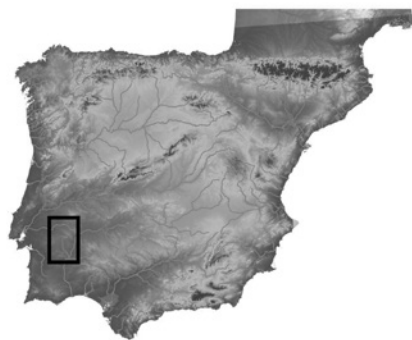


Figura 1 – Enquadramento geográfico do território em análise, incluindo a localização dos espaços funerários estudados. (Autoria: Jesús García Sánchez).

Figure 1 – Geographical setting of the the territory under analysis, including the location of the funerary spaces studied. (Author: Jesús García Sánchez)



Figura 2 – Vista atual da entrada principal do antigo Centro Educativo de Vila Fernando (Elvas). (Foto da autora)

Figure 2 – Present-day view of the main entrance of the former Vila Fernando Educational Centre [Centro Educativo de Vila Fernando] (Elvas). (Photo by the author)

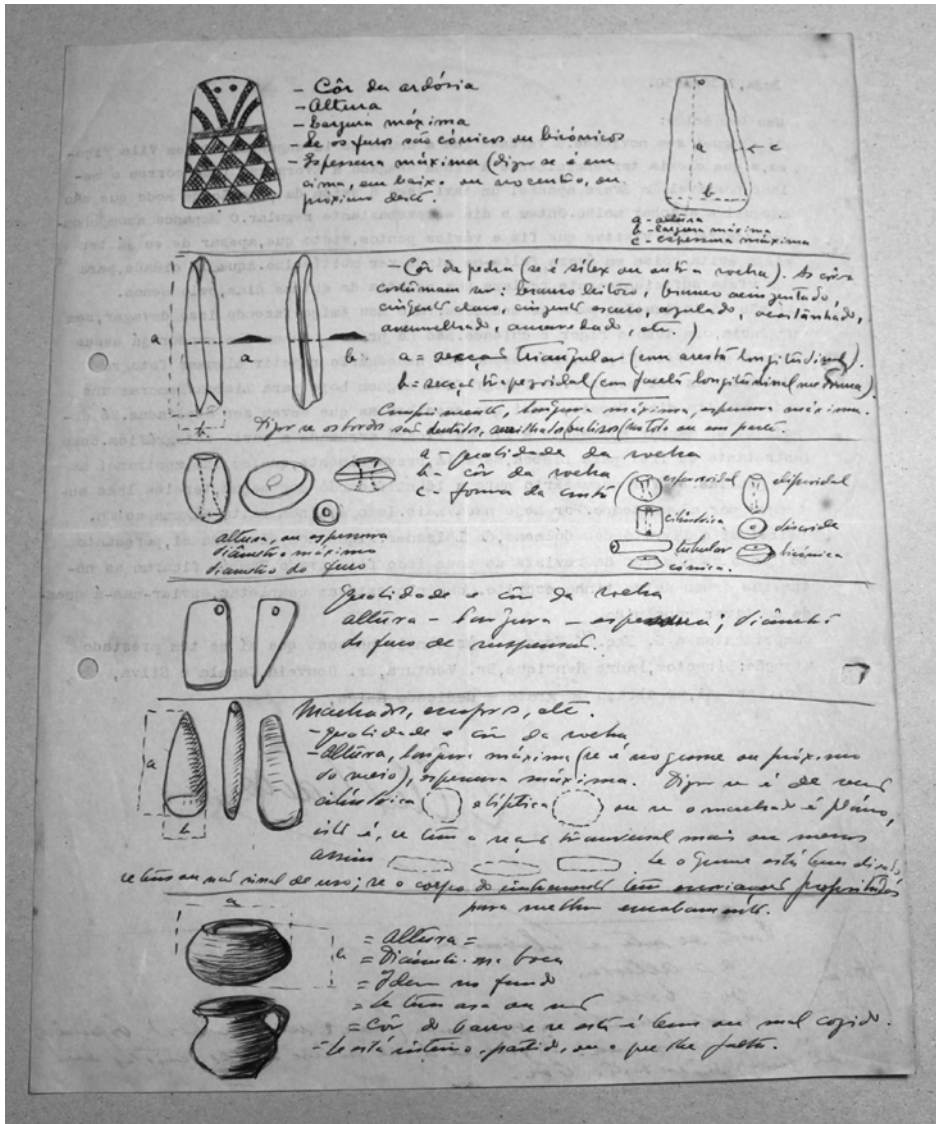


Figura 3 – Excerto de carta endereçada por Abel Viana a A. Dias de Deus (Beja, 07/10/1950), na qual inclui as “indicações para as medições” dos materiais arqueológicos e recomenda “Vá o meu amigo fazendo isso devagar, sem urgência, com todo o rigor e cuidado”. (© MRB; foto da autora)

Figure 3 – Excerpt from a letter written by Abel Viana to A. Dias de Deus (Beja, 07/10/1950), in which he includes the “indications for the measurements” of the archaeological materials and recommends “My friend, do it slowly and without urgency, with full accuracy and care”. (© MRB, transl.; photo by the author)

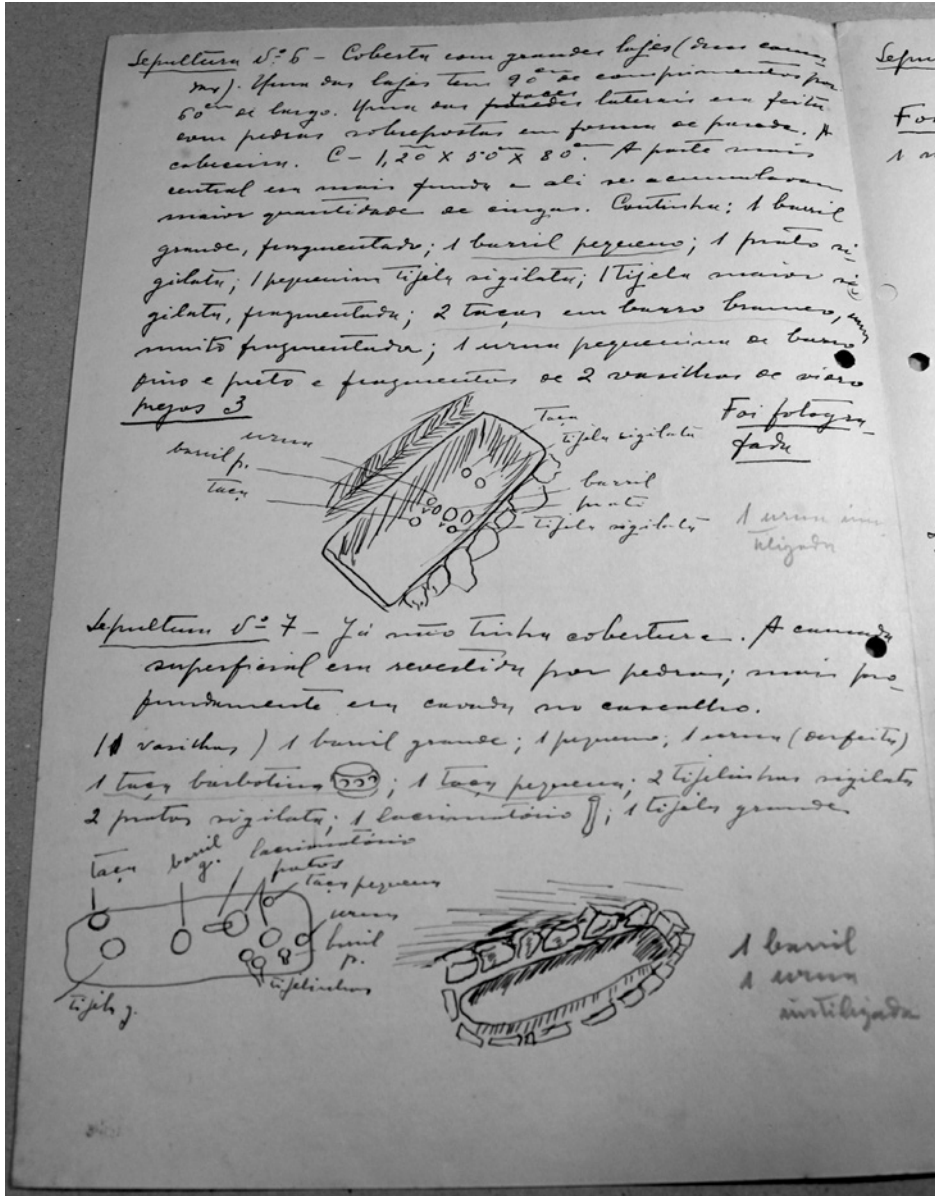


Figura 4 – Anotações de campo relativas às sepulturas 5, 6 e 7 da necrópole de Serrones. (© MRB; foto da autora)

Figure 4 – Field notes concerning burials 5, 6 and 7 of the Serrones necropolis. (© MRB; photo by the author)

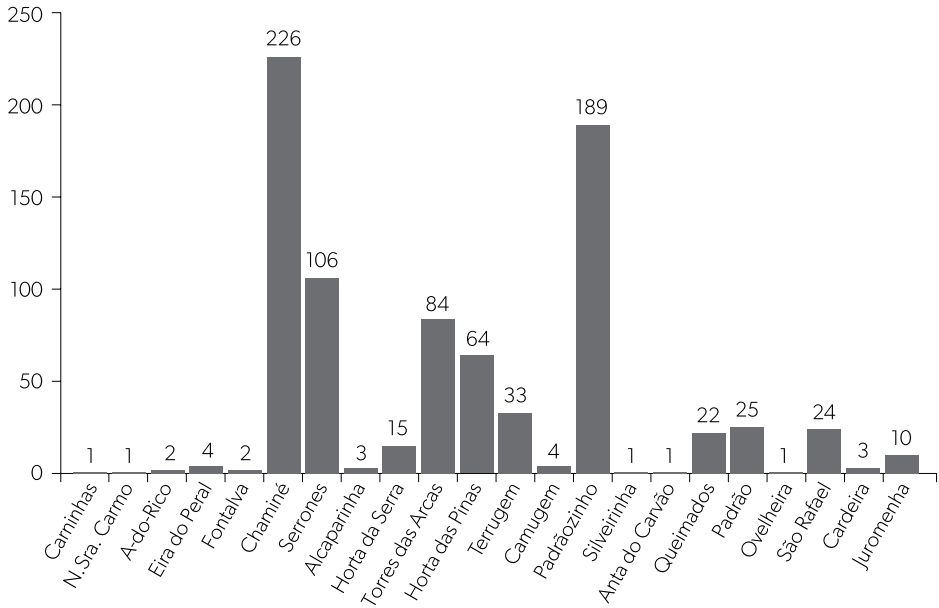


Gráfico 1 – Número de sepulturas documentadas por espaço funerário.

Graph 1 – Number of documented burials per funerary space.

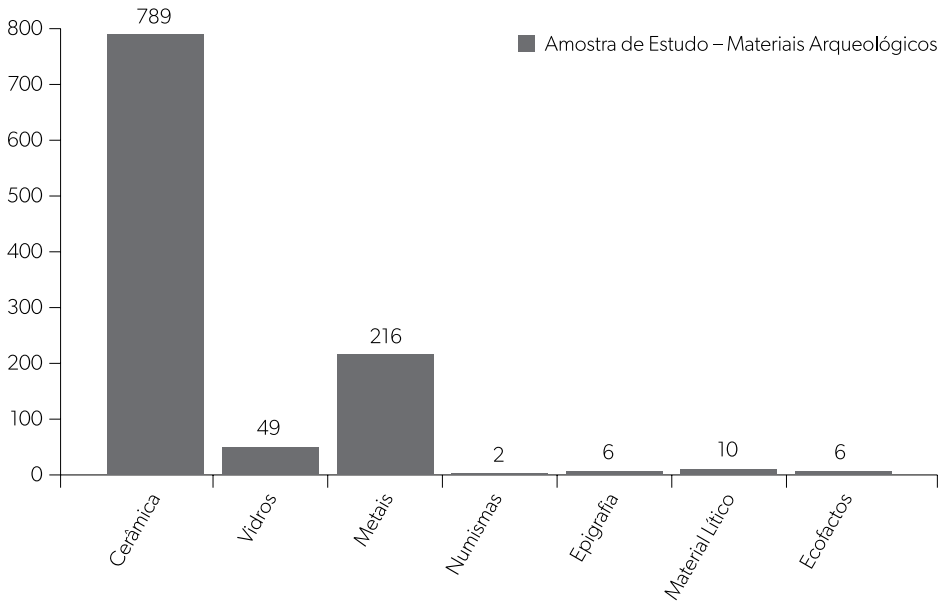


Gráfico 2 – Representatividade das diversas categorias de espólio na amostra de estudo.

Graph 2 – Representativity of the various artefact categories in the study sample.



Figura 5 – Conjunto funerário da sepultura 84 de Serrones (Elvas). (© Museu de Arqueologia – FCB; foto da autora)

Figure 5 – Funerary assemblage from burial 84 of Serrones (Elvas). (© Museu de Arqueologia – FCB; photo by the author)



Figura 6 – Conjunto funerário da sepultura 17 de Torre das Arcas (Elvas). (© Museu de Arqueologia – FCB; foto da autora)

Figure 6 – Funerary assemblage from burial 17 of Torre das Arcas (Elvas). (© Museu de Arqueologia – FCB; photo by the author)



Figura 7 – Conjunto funerário da sepultura 105 de Padrãozinho 4 (Vila Viçosa). (© Museu de Arqueologia – FCB; foto da autora)

Figure 7 – Funerary assemblage from burial 105 of Padrãozinho 4 (Vila Viçosa). (© Museu de Arqueologia – FCB; photo by the author)

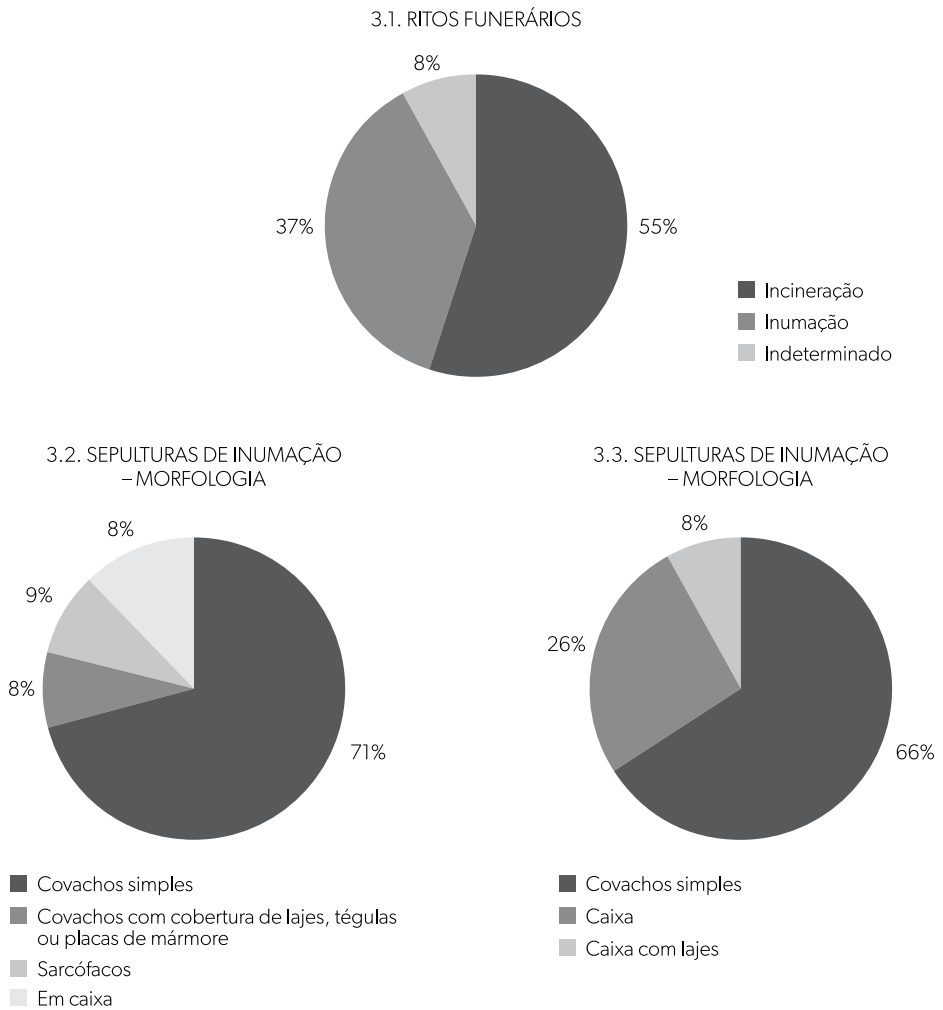


Gráfico 3 – Representatividade dos ritos funerários documentados e das tipologias genéricas de arquitetura tumular associadas às sepulturas de incineração e inumação.

Graph 3 – Representativity of the funerary rites and the generic types of tomb architecture associated with incineration and inhumation burials.

THE ROMAN FUNERARY WORLD IN NORTHEASTERN ALENTEJO (PORTUGAL) – THE CONTRIBUTIONS OF ABEL VIANA AND ANTONIO DIAS DE DEUS

Mónica Rolo

monicarolo@gmail.com

Research Fellow, Centro de Arqueologia da Universidade de Lisboa (UNIARQ)

Abstract

The present work is a synthesis of the research project conducted on the subject of the so-called “Roman-Celtic necropoleis” of North Alentejo. Between the 1930s and the 1950s, officials from the Vila Fernando Correctional Colony (Elvas) identified more than 100 archaeological sites, of various types and chronologies, within the 11 municipalities of North Alentejo and the northern part of Central Alentejo. In 1949, the archaeologist Abel Viana (1896-1964) began to collaborate in these researches. The analysis of various sources resulted in the identification of a set of 22 sites where funerary evidence was observed. More than 800 burials and a sample of 1.078 items attributed to these funerary spaces were assessed. The study of this sample revealed a set of necropoleis *in agro*, presumably associated with *villae* or other rural settlement clusters, and used, broadly speaking, between the 2nd Iron Age and Late Antiquity. This is indicative of a remarkable stability in the use of funerary spaces *in rure*, which seems to reflect their importance as *loci sacer* over time and for different communities.

Keywords: *Lusitania*, Necropoleis, Funerary rites, Material culture, Abel Viana.

ACKNOWLEDGEMENTS

To the Fundação para a Ciência e Tecnologia (FCT), for the support granted to our research project. To all those who contributed, in some way, to our research project. To the Associação dos Arqueólogos Portugueses, for the honour of being awarded the Eduardo da Cunha Serrão Award (2019 edition) and for the opportunity of publishing this monograph.

Dedicated to António Martins da Costa Viana (1936 – 2020), distinguished son of the lands of Areosa (Viana do Castelo), tireless scholar, and generous guardian of the memory and legacy of his uncle, Abel Viana. S.T.T.L.

INTRODUCTION

The present monograph is a synthesis of the author's PhD thesis defended at the Faculdade de Letras da Universidade de Lisboa in December 2018. This thesis culminated an extensive research project, started in 2011 as a PhD grant holder of the Fundação para a Ciência e Tecnologia (FCT SFRH/ BD/ 77562/ 2011), and dedicated to the study of the so-called 'Roman-Celtic necropoleis of Elvas'. We are referring to a series of funerary spaces identified and, in a significant number of cases, excavated by a group of officials from the former Vila Fernando Correctional Colony [Colónia Correccional de Vila Fernando] (Elvas, Portalegre), during the 1940s and 1950s. Among the main participants of this 'researches', António Dias de Deus (1901-1955), assistant preceptor of this educational establishment and one of the main promoters of the 'archaeological incursions', and Abel Viana (1896-1964) stand out. From 1949 onwards, the latter sought to ensure the scientific orientation of the ongoing archaeological endeavours. He took upon himself the responsibility of studying the exhumed remains, publishing the results and advocating the legality of these researches before the official authorities of the time.

The 22 funerary spaces included in our study sample date, in broad terms, from between the 2nd Iron Age and Late Antiquity/ Early Middle Ages, and are mostly located in the territory of the present-day municipality of Elvas. This is but a small part of a wide range of sites, of quite diverse chronologies and characteristics, explored between 1934 and 1955, along a perimeter that, starting from Vila Fernando, covered the eastern part of the district of Portalegre and extended over the northern part of the district of Évora. This geographic scope was defined by a number of circumstances that combined, on the one hand, the interest and availability of resources on the part of the Colónia de Vila Fernando officials to carry out their 'research' and collecting, and, on the other hand, the occurrence of numerous finds resulting from the increasing mechanisation of agricultural activities in an area with a considerable archaeological potential.

The purpose of our research project, summarized in the present volume, was to provide an overview of all the available information on the funerary spaces concerned, through the compilation, systematic processing and combination of the various accessible data (publications, documentary sources, archaeological materials), and ascertaining the location of the archaeological sites. Our intention was not to replace the studies previously conducted by other researchers on this subject, but rather to gather all the available information and complement it, as far as possible, with new data, which would allow us to outline a clearer portrait of the 'Roman-Celtic necropoleis of Elvas'. We acknowledge it as a work in progress, to which we can already return with a fresh look, and which has allowed us to review, correct, and deepen the results we presented in 2018, in four extensive volumes.

Aside from the countless unanswered questions regarding these North Alentejo necropoleis, we must recognise the exceptionality of a legacy – the vast amount of information, gathered over nearly two decades of 'researches' on the funerary world in the present-day territory of Elvas. This is the contribution of a singular phenomenon of archaeological activity on a regional scale, which ultimately left an indelible mark on the history of 20th century Portuguese archaeology.

1. THE TERRITORY

The 22 archaeological sites under analysis here are distributed, from north to south, across the territory of the present-day municipalities of Arronches, Monforte and Elvas, in the district of Portalegre; and the present-day municipalities of Vila Viçosa and Alandroal, in the district of Évora. Most (18) of these funerary spaces are concentrated in the area of the district of Portalegre: Herdade das Carninhas (Assunção, Arronches), Nossa Senhora do Carmo (Assunção, Arronches), A-do-Rico (Nossa Senhora dos Degolados, Campo Maior), Eira do Peral (Santo Aleixo, Monforte), Herdade de Fontalva (Santa Eulália, Elvas), Chaminé (Barbacena e Vila Fernando, Elvas), Serrones (Barbacena e Vila Fernando, Elvas), Alcarapinha (Barbacena e Vila Fernando, Elvas), Horta da Serra (São Brás e São Lourenço, Elvas), Torre das Arcas (São Brás e São Lourenço, Elvas), Horta das Pinas (São Vicente e Ventosa, Elvas), Terrugem (Terrugem e Vila Boim, Elvas), Herdade da Camugem (Terrugem e Vila Boim, Elvas), Olival da Silveirinha (Terrugem e Vila Boim, Elvas), Herdade do Padrão (Assunção, Ajuda, Salvador e Santo Ildefonso, Elvas), Monte da Ovelheira (Assunção, Ajuda, Salvador e Santo Ildefonso, Elvas) and São Rafael (Assunção, Ajuda, Salvador e Santo Ildefonso, Elvas). The following archaeological sites are located in the area of the present-day district of Évora: Herdade de Padrãozinho (Ciladas, Vila Viçosa), anta do Carvão (Ciladas, Vila Viçosa), Herdade dos Queimados (Ciladas, Vila Viçosa), Cardeira (União das freguesias de Alandroal, São Brás dos Ma-

tos e Juromenha, Alandroal), and Juromenha (União das freguesias de Alandroal, São Brás dos Matos e Juromenha, Alandroal). Strictly speaking, it is assumed that this overall territory encompasses the southernmost part of Northeastern Alentejo (or, in other words, the so-called Upper or North Alentejo), understood as the district of Elvas and the neighbouring region, not exceeding, to the North, the lower half of the territory of the present-day municipality of Arronches, and, to the South, the upper half of the area of the present-day municipality of Alandroal.¹

This geographical area is part of the so-called Iberian Massif and, specifically, of the Ossa-Morena palaeogeographical and tectonic zone. Framed by the hydrographic basins of the Tagus and Guadiana rivers (to the North and South respectively), it features numerous subsidiary watercourses of these two rivers, which play a fundamental role in shaping up the physical landscape and human settlement. It is characterized by a diversified landscape, “where gently convex forms are dominated by hills and circumscribed mountain ranges, generally NW - SE oriented” (Ribeiro, Lautensach & Daveau, 1995, pp. 217-218, translated). In geological and petrographic terms, this is a complex and heterogeneous region (Gonçalves, 1970, p. 7; Gonçalves, 1971, p. 7), in which the representativeness of the granitic series stands out (to the North-east of the study area, and in the intrusive granite spots that shape the landscape to the southeast) and of the carbonate rocks, particularly the calcitic marbles, which, due to their high quality, constitute one of the main natural resources economically exploited in the North Alentejo region.

In broad terms, this is currently a landscape of scattered settlements, dominated by holm and cork oak groves (the *montado*), by extensive areas of olive groves and vineyards, and by patches of polyculture farming and shrubby vegetation. The latter, nowadays progressively reduced due to the ‘domestication’ of the *montado*, arguably functioned, during Antiquity and Late Antiquity, as an important game reserve (Almeida, 2000, pp. 61-62, translated). The association between the *montado* and irrigated crops provides this region with a high degree of biodiversity (both vegetal and animal) (Brito, 2000, p. 38) and a distinctive landscape within the Alentejo territory. To the South, the region of Elvas, shaped by the Caia and Guadiana rivers, marks the transition to the hydrographic basin of the latter. The orography retains its smooth contours, with scattered ranges, such as the Serra de Segovia or the Atalaia dos Sapateiros, and the abundance of aquifers and water courses (with a shallow profile) shapes up an open landscape of alluvial plains, associated with patches of fertile soils (class A) – the ‘barros de Elvas’, known as a “true “fertile crescent” between Campo Maior, Elvas and Badajoz (...) one

¹ The designation ‘Northeastern Alentejo’ should be understood as defined by Frade & Caetano (1993, p. 847). Although this is not a consensual designation, it was considered to be the one that translates, with greater accuracy, the geographical scope of our study sample. On this subject, see Rolo, 2018, I, pp. 17-18.

of the of the region's prime agricultural areas since antiquity" (Almeida, 2000, p. 60, translated). This landscape, with mild relief and associated with soil resources favourable to a high agricultural yield, extends north-eastwards into the neighbouring territory of the municipality of Campo Maior (Carneiro, 2014, II, p. 83; Carta da Capacidade de Uso dos Solos, Folha 33-C, 1:50 000). Moving South and South-west, across the northern border of the Évora district, one enters the southern limit of our study territory. Towards Juromenha, in the northern area of the municipality of Alandroal and with the former *Anas* river as its natural boundary, the relief remains gently undulating, with elevations not exceeding 200 metres, and the *montado* landscape coexists with fields used for cereal production and pastures. The area occupied by the present-day township of Juromenha and the strip that runs along the Mures stream are characterised by the presence of fertile soils (classes A and B), with high agricultural potential, similarly to the alluvial soil patches along the banks of the Lucefece, Alcaide and Pardais streams. We would stress, however, that the county territory is characterised by the predominance of poor soils (class E), with no agricultural potential. From the right bank of the Ribeira da Asseca stream, in a west-south-west direction, the relief tends to become more rugged, associated with a schistous subsoil and an arid landscape, with incised valleys, *montado* and shrub vegetation (Rolo, 2010, I, p. 16). At the southern limit of the territory under analysis, the Estremoz Limestone Massif is of paramount importance for its unquestionable strategic and economic relevance and its role as a structuring element of the orography and landscape. This geological macro-structure is associated with soils with high potential (class C), resulting from the combination of carbonate rock reserves and abundant aquifer resources. The exceptional quality of the 'Estremoz – Vila Viçosa marbles' easily explains the large-scale exploitation undertaken in Roman times (Alarcão, 1988, II, 3, p. 144; Álvarez Pérez *et alii*, 2009, p. 63; Moreira & Mourinha, 2018, pp. 173-178) and the fact that, almost two millennia later, the anticlinal corresponds to "the area with the most intensive open-cast exploitation within the country's geological and mining context" (Lopes, 2003, pp. 48-49, 60, translated). Besides marbles, other local resources should also be taken into account, such as the calc-alkaline granites of the Monforte – Santa Eulália Igneous Massif, the exploitation of stone for masonry, and the countless ore deposits located in the territory of the present-day municipalities of Alandroal, Vila Viçosa, Borba and Elvas.²

Beware of the cunning anachronism of the "simple transposition, (...), of today's physical and environmental constraints to earlier periods" (Fabião, 1998, I, p. 25, translated), it seems clear to us that a significant part of this territory, due to the orographic conditions and abundance of available resources, constituted (according to the scenario

² Carta das Ocorrências Minerais de Portugal, 1: 500 000.

outlined by the known archaeological evidence) a focus of attraction and settlement of populations throughout different eras, and, in particular, provided “favourable conditions for the development of a Roman landscape” (Carneiro, 2014, II, p. 84, translated). (Figure 1, p. 70)

2. THE RESEARCH ON THE ‘ROMAN-CELTIC NECROPOLEIS’ OF ALTO ALENTEJO

2.1. The context and the participants

In 1948, Abel Viana (1896-1964), at the time a grant holder of the Instituto para a Alta Cultura and acting Cataloguer of the Beja Regional Museum [Museu Regional de Beja] (Viana, 1996, p. 4), was informed by the then Director of the Elvas Municipal Library and Museum [Biblioteca e Museu Municipal de Elvas], António Domingos Lavadinho, about the archaeological interventions and collecting of archaeological remains that were being carried out by António Dias de Deus (1901-1955), Assistant Preceptor of the Vila Fernando Correctional Colony [Colónia Correccional de Vila Fernando]³ (Viana, 1955a, p. 1), since the mid-1930s (Viana, 1950, pp. 289-290): “In October of last year (1948), while I was in Elvas, on account of a study trip to Merida and Badajoz, Mr. Domingos Lavadinho, Director of the Elvas Municipal Library and Museum, told me about some explorations that had been going on for years in parishes of that town, particularly involving Mr. António Dias de Deus, Deputy Director of the Vila Fernando Correctional Colony./ Mr. Lavadinho told me that the findings of ruins and of the most diverse monuments were frequent there, especially in Vila Fernando and Terrugem, and that it was a shame to see them destroyed by agricultural works, which has been mitigated, in many cases, by the opportune intervention of Mr. Dias de Deus. (...)/ I spent some days studying at the Elvas Museum, but my work did not allow me to go to Vila Fernando and Terrugem. Nevertheless, I asked Lavadinho to put me in touch with Dias de Deus, so that epistolary relations could be established between me and him.” (AFCB: Viana, 10/12/1949, p. 1, translated). This was the first step that eventually led to the partnership between the archaeologist and António Dias de Deus. Their collaboration began in July 1949 (MNA: APMH/5/1/324/5_2/19; Viana, 1950, p. 290; Viana & Deus, 1951, p. 89; Viana & Deus, 1952, p. 185; Viana & Deus, 1955b, p. 11), when Abel Viana had the opportunity

³ Established in 1880 as Vila Fernando School of Agriculture [Escola Agrícola de Vila Fernando], it only opened on October 6, 1895. It aimed at “correcting and educating underage individuals who might pose a danger to society (vagrants, beggars, disabled and wayward individuals)” (Henriques, 2014, p. 152, translated). In 1898, it was renamed as Agricultural Correctional Colony [Colónia Agrícola Correccional] operated under the Ministry of Justice until 2007, when it was closed (id., pp. 155-156). At the time, it was called Reeducation Institute [Instituto de Reeducação] (Lopes, 2011, p. 44).

to return to Elvas and meet the official of the Correctional Colony in person, and lasted until April 24, 1955, when the latter passed away. Actually, the growing volume of materials resulting from the archaeological interventions carried out in the region of Elvas and the relevance of the 'discoveries' of A. Dias de Deus seem to have dictated the need to find someone to collaborate with the official of the Correctional Colony in the management and study of the recovered materials – “the materials accumulated at Vila Fernando suddenly became even more numerous and important following the discovery of the urn field at Herdade da Chaminé. It was urgent to carry out their study. Since 1948, Dias de Deus had been looking for a collaborator who could contribute to the assessment and classification of so many different objects.” (MRB: Viana, 10/04/1952, pp. 1-2, translated).⁴

It is important to note that the aforementioned collecting of archaeological materials in the Elvas region predates Abel Viana's collaboration, dating back to 1934, when Dias de Deus joined another official of Vila Fernando Correctional Colony, António Luís Agostinho, in the exploration of megalithic remains: “In 1934, António Luís Agostinho, an assistant steward at the Colony, began exploring the region's dolmens, and was soon joined by António Dias de Deus. (...) / In 1940, they also became interested in the remains of the Roman and Visigoth periods, equally abundant in the Elvas area” (Viana, 1955a, p. 1, translated).⁵ Such activities were, at first, essentially motivated by “the taste for archaeology and, above all, for the enigmatic prehistoric ages” (AFCB: Deus, [s.d.] b, p. 1, translated). The local population referred to both Dias de Deus and A. Luís Agostinho as “the stone freaks”, who spent “public holidays and Sundays (...) treading the hills and valleys in search of stones and potsherds” (ibid., translated). The search and recovery of Roman materials (Deus, Louro & Viana, 1955, p. 568) reportedly began in 1940; at first along with A. Luís Agostinho, and, from 1942 onwards, with the (occasional) collaboration of Father Henrique da Silva Louro, the priest of the parish of Nossa Senhora da Conceição in Vila Fernando and the religious assistant of the Correctional Colony (MRB: Viana, 10/04/1952, p. 1; MRB: Viana, 10/08/1955). After the demise of A. Luís Agostinho, in October 1944, and until the beginning of the partnership with Abel Viana, Dias de Deus continued his researches on his own, relying only on the sporadic collaboration of the local parish priest (AFCB: Paúl, 19/01/2011, p. 1; MRB: Viana, 10/04/1952, p. 1). Regarding these companions in archaeological incursions, A. Dias de Deus said: “Agostinho, being the most methodical and also the most ingenious in

⁴ In Viana & Deus, 1950a (p. 67) reference is made to joint researches carried out between March 1949 and July 1950. This information does not match the data we have been able to access.

⁵ Presumably, A. Luís Agostinho was the main driving force behind these archaeological researches (AFCB: Paúl, 19/01/2011, p. 1; MRB: Viana, 09/08/1955, p. 1).

repairing and arranging the objects, became the depository and the person in charge of the pseudo-museum. Father Louro, more knowledgeable about ancient things, had the mission of classifying the objects" (AFCB: Deus, [s.d.]b, p. 1). Initially, the recovered items were to be distributed among A. Dias de Deus and A. Luís Agostinho. It is not known whether this sharing of the materials would (or would not) also include Fr. Louro. By the end of the 1940s, Abel Viana described the following situation concerning the collection of recovered objects: "Most of the material is at Vila Fernando, in the possession of António Dias de Deus. Another part went to the Elvas Museum. I suppose yet another part is in Coimbra, because until Dias de Deus' companion passed away, the finds were divided between them both, candidly, like the spoils of a battle!" (AFCB: Viana, 14/09/1949, pp. 2-3, translated). Referring to the period that followed the passing of A. Luís Agostinho, A. Dias de Deus stated: "With the death of Agostinho and the disappearance of our valuable collection, the first phase of my work came to an end./ Although grieved and disappointed with the antecedents, I decided, on my own, to pursue the task I had undertaken years ago. The municipality of Elvas is rich in remains both Roman and prehistoric and in the parish of Vila Fernando one comes across them with every step. As most of the dolmens had already been explored, especially those whose existence was revealed by the still upright stones, I started to research the Roman remains, although not entirely leaving aside the Neolithic and Palaeolithic" (AFCB: Deus, [s.d.]b, p. 4, translated). **(Figure 2, p. 70)**

It is true that these interventions and collecting occurred in a context of mechanisation of agricultural work and growing anthropisation of the rural landscape of the North Alentejo region, associated with the widespread awareness of archaeological finds ⁶ – "Thanks to the awareness of many landowners and farm workers, it has been possible to save many objects that would have been totally lost under the ploughs of tractors or to the tilling and diggings of these labourers. They often warn us of any strange occurrence and we react rather quickly. So it was in Jerumenha, when the road to that locality was being built and we were warned about the Padrão and Monte Branco findings; and when the foundations for the construction of a school were being dug, we were also warned about the discovery of graves./ The same happened with the findings of Torre das Arcas, Pedrãozinho, Serrones, Chaminé and Horta da Serra – we were notified of the appearance of graves, some of which had already been totally violated and destroyed by those very same workers, eager to retrieve any treasures" (MRB: Viana, 21/01/1955,

⁶ This conjuncture was favoured by the implementation of the 'Campanha do Trigo' [lit. wheat campaign] (1929), along with a progressive mechanisation of agricultural activities. And also by the rural improvement plan (which included the construction and repair of roads and other public facilities, such as schools, fountains and public washhouses), implemented in the mid-1930s, and by the construction of new 'montes' [building clusters in farming estates] (Viana & Deus, 1955b, p. 10).

p. 75/ II, translated). However, and as can be inferred from the consulted documentation, the beginning and a good part of these explorations seem to have resulted not so much from the urgency of safeguarding archaeological heritage, but above all from “simple curiosity and recreation” (MRB: Viana, 10/08/1955, p. 1, translated) and by the interest in collecting artefacts – “(...), we were gathering a considerable number of objects that, for us, constituted a valuable treasure” (AFCB: Deus, [s.d.]b, p. 1, translated). Thus, it is easily understandable that these ‘researches’, to a great extent carried out without the consent of official authorities, are, broadly speaking, an ‘enigma’ (Fabião, 1998, I, p. 369) in the panorama of the archaeological activity of the second and third quarters of the 20th century, and have been surrounded by controversy.⁷ Aware of the importance of ensuring the official legality of the explorations, Abel Viana warned A. Dias de Deus as follows: “Say what you have done. NOT WHAT YOU ARE DOING, NOR WHAT YOU ARE ABOUT TO DO./ Your position, as well as mine – and it is I who have been upholding the official and legal position of both – is not to carry out a previously organised excavation programme. Nothing like that. You, my friend, simply go to the places where you have been told that things have turned up, and get hold of them, or recover them, before the ploughs or the labourers destroy them./ Always bear in mind that we cannot make previously devised excavations without being authorised to do so by the National Board of Education [Junta de Educação Nacional]. And don’t forget that we are both civil servants, not the best situation to play with violations of the law...” (MRB: Viana, 21/01/1955, p. 2, translated). Abel Viana’s concern was to reinforce, before the responsible authorities and public opinion, the idea of the casualness of the finds and the resulting context of emergency of these interventions and collecting, in a clear attempt to legitimise them and recognise the added value of such interventions for the benefit of heritage protection: “Previously planned excavations were never conducted but, (...), António Dias de Deus, constantly informed of the findings occurring in the municipality of Elvas and its surroundings, nearly always intervened on time to save abundant materials, and to allow observations in necropoleis, foundations of buildings and other matters that, without his endeavours, would have been totally obliterated by public and private works, and, above all, by farming.” (MRB: Viana, 10/08/1955, p. 2, translated).

Simultaneously, given the representativity of the remains exhumed in the interventions begun in 1934, in 1949 Abel Viana decided to ask the then Chairman of the Board of the House of Bragança Foundation [Fundação da Casa de Bragança], António Luís Gomes, for support for ongoing interventions and for safeguarding the respective remains. Thus, in a proposal dated September 14, 1949, Viana suggested the creation of an Archaeology Section and the corresponding museum unit at the Ducal Palace of

⁷ See Rolo, 2018, I, pp. 66-76.

Vila Viçosa [Paço Ducal de Vila Viçosa], by incorporating the materials that had been collected in the Elvas region (and that had not yet been dispersed among other museological institutions) in the collections of the said institution (AFCB: Viana, 14/09/1949). Abel Viana also proposed that logistical and financial support should be granted to the interventions and recoveries. This proposal was well received by the Foundation, which thus began to pay for the costs related to these North Alentejo 'researches'⁸, and eventually became the main keeper of the resulting collections.

Despite his praise for the "patient and accurate exploratory activity" (Viana, 1955c, p. 7) of A. Dias de Deus, Abel Viana acknowledged that "the sites deserved extensive exploration, which could only be done with sufficient material and technical support" (AFCB: Viana, 10/12/1949, p. 1, translated). In this sense, he showed special concern in providing the assistant preceptor with the basic theoretical and practical knowledge that would enable him to refine his fieldwork methodology and the identification and handling of materials. The intention was clear: to ensure the recognition and acceptance of A. Dias de Deus by the contemporaneous scientific community, as someone qualified in the practice of archaeology: "(...) I am always watchful, sending him books and instructions, so that he can learn more and more about archaeological bibliography, classification processes, etc.../ The first two papers in which we collaborated will soon be published. As soon as they are published, I will try to get him admitted in one or two scientific societies. Once I have achieved this, the most helpful Dias de Deus will be sufficiently qualified to proceed on his own, as soon as he finds my cooperation no longer necessary" (AFCB: Viana, 06/03/1951, pp. 1-2, translated). It was thanks to Abel Viana that A. Dias de Deus was admitted to the Association of Portuguese Archaeologists [Associação dos Arqueólogos Portugueses – AAP] and participated in several congresses, e.g. the II and III Congreso Arqueológico Nacional held, respectively, in Madrid in 1951 and in Galicia in 1953, and the IV Congrès International des Sciences Préhistoriques, also held in the Spanish capital, in 1954.⁹ After consulting the various sources available, we inferred that Abel Viana's collaboration with A. Dias de Deus did not so much involve the latter's permanent presence during fieldwork¹⁰ but rather his

⁸ Until then, A. Dias de Deus could only count on his "meagre earnings", in his own words (AFCB: Deus, [s.d.]a, p. 1, translated), and on some occasional support from the Elvas Municipal Council: "(...) archaeological works in which I have been engaged, without any financial support other than that granted me last year by the Elvas Municipal Council, which paid me 900\$00 for transport costs when I was carrying out works and research on the estate of Santo António da Terrugem, (...)" (AFCB: Deus, [s.d.]b, p. 13, translated).

⁹ AFCB: Deus, 29/01/1955, pp. 2-3; MRB: Viana, 10/04/1952, p. 2; MRB: Viana, 10/08/1955, p. 1.

¹⁰ This can be explained, on the one hand, because most of the sites had been explored before the start of this partnership, and, on the other hand, by the logistical difficulties and lack of time that Abel Viana had to struggle with, as he was involved in several studies simultaneously.

supervision of all the 'desk work' (description, measurement, inventory, photography and artefact restoration) and of the various published studies. Occasionally, and whenever the fieldwork and the organization of the Archaeological Section of the House of Bragança Foundation [Secção Arqueológica da Fundação da Casa de Bragança] so required, he would travel to Elvas and/or to Vila Viçosa. This 'desk work' was probably a shared task - carried out at Vila Fernando, Vila Viçosa and Beja, invariably following Abel Viana's methodological guidelines and managed according to the availability and convenience of both parties involved and to the progress of the research and the amount of finds that were being recovered. (Figure 3, p. 71)

António Dias de Deus passed away on April 24, 1955 at Vila Fernando.¹¹ Abel Viana wrote: "(...) I have just had a great shock. Last Sunday, at seven in the afternoon, António Dias de Deus passed away. He had taken over the interim management of the Correctional Colony, as usual, only the day before. (...) With his departure I have lost an irreplaceable friend and an outstanding fellow worker. There is little I can do for those sites, although I still have to go there, and I have to install, now alone and with much more work, the archaeological museum in Vila Viçosa" (APAMCV: Viana, 30/04/1955, pp. 1-2, translated). Indeed, after the passing of A. Dias de Deus, there are no known data documenting any archaeological interventions by Abel Viana in the North Alentejo region. He devoted his efforts to the inventory and cataloguing of the recovered remains, and to the organisation of the Archaeological Section of the House of Bragança Foundation (AFCB: Viana, 05/05/1961, pp. 1-2). The excavation of a Roman burial found by Abel Viana in November 1961 at the site of Olival da Silveirinha, in the Tapada Real da Casa de Bragança, was an exception (AFCB: Viana, 17/11/1961).

On August 14, 1964, when Abel Viana had already passed away, it was Father Henrique da Silva Louro who conducted the excavation of a grave at the Church of Nossa Senhora da Conceição, in Vila Viçosa. Beyond the intervention and the exhumed remains (kept in the Archaeology Collection of the House of Bragança Foundation), we consider particularly significant that, 30 years after the beginning of the archaeological incursions undertaken by the two officials of the Correctional Colony, A. Luís Agostinho and A. Dias de Deus, this remarkable and essential chapter of the history of Archaeology in the present-day North Alentejo territory was thus closed, at the hands of the author of the *Monografia Histórica de Vila Fernando* (Louro, 1966).

¹¹ Regarding A. Dias de Deus – an elementary school teacher, born in Lisbon on October 22, 1901 – little else is known besides his position as preceptor in the Vila Fernando Correctional Colony (where he started working around 1927). For several years, he was presumably also the director-censor of this institution's journal *Ecos de Colónia*, published between 1929 and 1947 (Henriques & Vilhena, 2013, p. 250).

2.2. Constraints and contributions

The information regarding the ‘researches’ carried out by the officials of the Vila Fernando Correctional Colony is rather incomplete. We essentially know the data published jointly with Abel Viana which, to a large extent, aimed at creating an official version of the explorations, adjusted to the existing legal and institutional framework. We believe that, without the involvement of Abel Viana, the interventions and collecting undertaken by A. Dias de Deus, A. Luís Agostinho and Fr. Henrique da Silva Louro would have remained largely unknown, excepting the occasional booklet published by the parish priest and the records of remains deposited in the former Elvas Municipal Museum. We had access to field notes, presumably written by A. Dias de Deus, kept in the Archives of the Beja Regional Museum [Museu Regional de Beja, Arquivo Documental] and referring to the necropoleis of Serrones and Padrãozinho. These notes include a careful listing of the objects found in each burial, as well as an illustration of the graves and the position of the objects in the respective funerary context (MRB: Deus, [s.d.]; Deus, [s.d.]; Deus, [s.d.]). However, the very brief description of the materials¹² makes any identification and reconstitution of the funerary assemblages unfeasible and, at the same time, reveals the fieldwork priorities - the characterisation of the burial architecture of the graves and the recovery of the largest possible amount of remains in the best possible conditions. The association of the materials within the burial (Carneiro, 2005, p. 308), the stratigraphic interpretation of the excavated contexts, and a detailed characterisation of the funerary spaces were, therefore, neglected aspects. Without acknowledging the importance of the ‘sealed deposit’ (Alarcão, A. 1988, p. 207, translated) that each excavated burial might constitute, these ‘researchers’ irreparably reduced the study potential of the archaeological evidence they ‘salvaged’. See, for example, the notes referring to the excavation of the necropolis of Serrones, which reveal a rather poor photographic record.¹³ Or, on the other hand, “one of the major flaws” pointed out by Abel Viana regarding the study of the necropoleis of Serrones and Padrãozinho – the lack of classification of the exhumed coins, since part of the items found in good condition and potentially classifiable do not seem to have reached the hands of this archaeologist (AFCB: Viana, 19/11/1953, p. 1; Rolo, 2018, I, pp. 97-99, translated). (**Figure 4, p. 72**)

Despite the controversy and the questionable motivation and methodology that marked these ‘researches’, Abel Viana’s subsequent collaboration ended up determin-

¹² These descriptions were nearly always limited to such generic indications as, for example – “Contents: one pot; one urn and one mug” (MRB: Deus, [s.d.], p. 2, translated).

¹³ According to the abovementioned notes, it is presumed that only seven of the 105 burials explored in that necropolis were photographed – only burials 6, 8, 9, 24, 63, 71 and 72 are referred to as having been ‘photographed’ and, in some cases, “photographed by A. Viana” (MRB: Deus, [s.d.], translated).

ing that this 'exploratory activity' resulted, above all, in an invaluable contribution to the knowledge of the archaeological reality of the present-day territory of North Alentejo, and of the Elvas region in particular (Carneiro, 2014, I, p. 69; II, p. 211). Throughout almost two decades of collecting carried out in North Alentejo, the set of archaeological sites explored encompassed the territory of some 10 municipalities, corresponding to the current municipalities of Évora, Alandroal, Vila Viçosa, and Estremoz, in the district of Évora; and Elvas, Campo Maior, Avis, Fronteira, Monforte and Arronches, in the district of Portalegre. An estimated 100 archaeological sites have been explored (or, at least, identified). With regard to pre- and proto-historic remains, around 69 archaeological sites have been identified, mostly located in the municipality of Elvas (MRB: Viana, 10/04/1952, p. 3; Viana & Deus, 1952; Viana & Deus, 1955b; Viana & Deus, 1957). Moreover, and particularly relevant to the scope of our study, there are records concerning the identification of "Celtic necropoleis (gradually Romanised urn fields)", and "remains of rustic *villae* and cemeteries, both from the Roman and Visigoth periods" (Viana & Deus, 1955b, p. 10). Our sample includes 22 archaeological sites with funerary evidence and chronologies ranging from the 4th century BC to the 6th/ 7th century AD, in broad terms. This set of 22 archaeological sites corresponds to a total of ca. 817 burials, of which an estimated 92% (750) have actually been excavated. This percentage does not include the burials that had already been vandalised or destroyed at the time of these interventions.¹⁴ However, we highlight that, according to the documentary sources consulted, the published data do not fully reflect the number of explored archaeological sites, nor the volume of information and/or remains gathered between the years 1934 and 1955. These 'researches' possibly extended to many other places besides the officially published ones, and the respective information probably remained confined to the notes of the 'researchers' or, perhaps, only to their "living memory" (Viana, 1950, p. 290, translated). Therefore, in addition to the 22 archaeological sites under analysis, the identification (and possible exploration) of at least four more sites with funerary evidence, presumably Roman to late Roman, must also be considered. These sites were all located in the territory of the present-day municipality of Elvas: Herdade da Pegacha, Herdade do Celeiro and Herdade da Defesa (Barbacena, Vila Fernando), and also Herdade das Casas Velhas (Terrugem e Vila Boim). As a whole, this might account for a minimum of ten burials (AFCB: Deus, [s.d.].a, p. 2).¹⁵

As far as the archaeological remains are concerned, this exploratory activity clearly

¹⁴ This is a review of the values provided in Rolo, 2018, I, pp. 79 and 341.

¹⁵ The choice of not including these funerary sites in our study sample was due to the scarce information on the recorded archaeological evidence, to the absence of any known remains attributed to these archaeological sites, and to the difficulties in identifying them and ascertaining their locations.

resulted in the recovery of numerous and diverse materials. In 1956, Abel Viana counted a total of about 1.570 items resulting from all the archaeological interventions conducted in the North Alentejo region, pointing out that, at the time, there remained “unopened, several boxes sent from Vila Fernando after the demise of Dias de Deus” (MNA: APMH/5/1/324/5_4/19, p. 3, translated). This preliminary figure estimated in the mid-1950s is far from the amount we were able to calculate, both in general terms and with regard to the remains exclusively attributed to Roman and/or late antique archaeological sites. Thus, according to the available data, the total amount of Roman and/or late antique datable artefacts recovered during some 20 years of explorations should exceed 2.000 objects (approximately 2.643 items accounted for), among which a significant percentage have no known provenance or have not been identified/located in the studied museum collections. This abundant assemblage was immediately shared among different museological institutions, according to criteria that are not always clear from our point of view. As we have seen, nearly all the remains resulting from these ‘researches’ are currently part of the collections of the Archaeology Museum of House of Bragança Foundation [Museu de Arqueologia da Fundação da Casa de Bragança], while the remaining material is spread across the collections of the former Elvas Municipal Museum António Thomaz Pires [antigo Museu Municipal de Elvas – Câmara Municipal de Elvas], National Archaeological Museum [Museu Nacional de Arqueologia – MNA], and Geological Museum [Museu Geológico – LNEG/LGM]. Lastly, it should be emphasised that, despite being temporally limited, the partnership between Abel Viana and A. Dias de Deus proved to be very fruitful. This partnership resulted in the elaboration of more than a dozen articles in national and foreign publications, documenting the megalithic phenomenon and evidence from the Iron Age and the Roman to late Roman periods in the present-day territory of Elvas and the neighbouring municipalities (Deus, Louro & Viana, 1955; Deus & Viana, 1952; Viana, 1950; Viana, 1955b; Viana, 1955c; Viana, 1956; Viana, 1960-1961b; Viana & Deus, 1950a; Viana & Deus, 1950b; Viana & Deus, 1951; Viana & Deus, 1952; Viana & Deus, 1955a; Viana & Deus, 1955b; Viana & Deus, 1955c; Viana & Deus, 1957; Viana & Deus, 1958). The profound transformations that have taken place in the rural landscape of Alentejo from the mid-1930s until the present strengthen the importance and relevance of the information published by Abel Viana and A. Dias de Deus as a tool “for the interpretation of archaeological sites that have disappeared or are hardly noticeable nowadays, in the deeply anthropized landscape of the present-day municipality of Elvas, constituting an extremely reliable documentary basis because it is based on a profound knowledge of the land” (Almeida, 2000, pp. 23 and 25, translated).

3. ON THE 'ROMAN-CELTIC NECROPOLEIS OF ELVAS'

3.1. Overall characterisation of the study sample

The study sample consists of two indissociable components – the archaeological sites under analysis and the respective remains. Regarding the former, the selection of the 22 archaeological sites with funerary evidence from the Roman and/or late antique periods resulted from the compilation of all known data about the so-called 'Roman-Celtic necropoleis' of the North Alentejo region. We are referring not only to the published information pertaining to the archaeological sites, from the mid-1940s to the present day, but also to all the documentary information we have had access to. This chapter will provide a short overview of each funerary site. In this regard, we would like to mention that the model adopted for the description of the archaeological sites is the same model used by Jorge de Alarcão in his book *Roman Portugal* (1988), and later on also by André Carneiro (2014, II). A short summary of the available data will be provided for each of the archaeological sites, along with the respective toponym and topographic location (parish/municipality/district), the corresponding sheet of the Carta Militar de Portugal [CMP] and the respective georeferencing coordinates (reference system: WGS84 Gauss-Kruger).¹⁶ Furthermore, the Código Nacional de Sítio [CNS] and the acronym assigned to each necropolis are also included. The acronym consists of three capital letters and is used as a reference throughout our research project, namely in the inventory of the remains included in the Catalogue (Rolo, 2018, IV, Anexo 3).

Concerning the second component of our sample, i.e. the archaeological materials, a total of 1078 items, attributed to the so-called 'Roman-Celtic necropoleis of Elvas'. The majority of the remains included in our study sample belong to the collections of the Archaeology Museum of the House of Bragança Foundation (791 items). Further remains belong to the former Elvas Municipal Museum (166 items), to the Geological Museum (75 items) and to the National Museum of Archaeology (40 items). However, given the vicissitudes that surrounded these 'researches' in the North Alentejo region, it is hardly surprising that this assemblage is far from corresponding to all the remains identified during the excavation of the archaeological sites concerned. This discrepancy between the total amount of finds listed and described by the 'researchers' and the sample of materials we were able to gather is related to the difficulties experienced, not only in

¹⁶ We would like to point out the difficulties in identifying and locating or confirming the location of the funerary archaeological evidence disclosed by Abel Viana and A. Dias de Deus. Thus, with the exception of the São Rafael archaeological site, the provided location of the necropoleis does not correspond to their exact position but rather to the places where the toponyms referred to by the 'researchers' (Lopes, 2000, p. 24) are situated or, whenever possible, to landmarks matching the profile described by the authors and which presumably correspond to the location of the archaeological sites.

locating the objects in the museum collections, but also in identifying the provenance of those materials, which, although locatable, did not bear any indication of their provenance and recovery context.¹⁷

It should be noted that only 381 pieces out of the whole assemblage (35% of the total) can be related, with some certainty, to their funerary contexts. The remainder (ca. 61%, 654 items) are findings generically attributed to a particular funerary space, but with no indication of the respective burial context. Moreover, there are 28 items of unknown context (i.e., attributable to the archaeological sites under analysis, but lacking information confirming that they were found in a funerary context); and 15 items resulting from surface finds made between the last quarter of the 20th century and the beginning of the current century. The choice of including these materials in our study sample was justified, on one hand, by the need to complement the scarce information available concerning the sites; and, on the other hand, by the potential relevance of these remains for a diachronic reading of the archaeological sites.

Coarse ware pottery, as defined by I. Vaz Pinto (2003, pp. 50-60), accounts for ca. 51% of the analysed assemblage (558 items). The whole ceramic sample (including fine wares and building ceramics) represents a major percentage – 73% – of all the selected materials. The *terra sigillata* (RSW) assemblage is also outstanding – 123 items, representing 11% of the overall sample and 16% of the ceramic materials. Thin-walled pottery and *lucernae* represent 6.5% (53 items) and 3.6% (29 items) of the ceramic materials, and 4.8% and 3.6% of the total sample, respectively. On the other hand, building ceramics (26 items) represent ca. 3.3% of this artefactual category and 2.4% of the overall sample. Please note that handmade ceramics (39 items) are included in the coarse ware pottery assemblage and are represented by utilitarian ceramics from the Iron Age or of pre-Roman tradition (12 whorls, and six loom weights). Metals are the second most represented category, totalling 20% (216 items) of our sample. Glasses account for only 4.5% (49 items) of the total. The remaining documented (sub)categories only reach residual percentages of the overall sample: lithic material – 0.9% (10 items), epigraphic material – 0.5% (6 items), ecofacts and others – 0.5% (6 items), and coinage – 0.2% (2 items).

Throughout the second half of the 20th century and at the beginning of the present century, the representativity of the considerable amount of remains attributed to these necropoleis raised the interest of several researchers who focused on the study of these materials. See, for example, the papers published on *terra sigillata* (Alarcão, A., 1960-1961; Delgado, 1968; Mayet, 1984), lamps (Alarcão & Ponte, 1976), glasses (Alarcão, J.,

¹⁷ On the subject of the constraints surrounding the dispersal of the remains among several museological institutions, and the limitations we faced during the course of our study, see Rolo, 2018, I, pp. 85-125, 136-138.

1968; 1975; 1978; Alarcão & Alarcão, 1967), thin-walled pottery (Mayet, 1975; Sepúlveda & Carvalho, 1998), coarse ware pottery (Nolen, 1985; 1995-1997), metals (Ponte, 1986; Arezes, 2010; 2014), or epigraphy (Encarnação, 1984). The Archaeology Collection of the Geological Museum includes the remains attributed to the Herdade de Fontalva archaeological site (Elvas), partially studied and published by Afonso do Paço, Octávio da Veiga Ferreira and Abel Viana (Paço & Ferreira, 1951; Paço, Ferreira & Viana, 1957). Our sample includes 677 items previously studied and published by the aforementioned authors, and the remaining pieces – 401 items, i.e. 37% of the total – correspond to unpublished materials. (Charts 1 and 2, p. 73)

3.2. Necropoleis, funerary practices and chronologies

3.2.1. Herdade das Carninhas/ Porto das Escarninhas (Assunção, Arronches, Portalegre. CNS 5748. CMP 385. N 39° 6' 0.6'' / W 7° 15' 93.3''. Acronym – CRN)¹⁸

The only reference made to this archaeological site by A. Dias de Deus and Abel Viana mentions the destruction (at least partial) of a necropolis of presumable Roman chronology – “the foundations of Roman buildings and a necropolis, also Roman, were found here, and some graves were destroyed ten years ago” (Deus, Louro & Viana, 1955, p. 574, translated). There are no available data confirming that any archaeological work has been carried out at the site by the Vila Fernando team and Abel Viana. In the field, we were able to observe scattered remains of Roman building materials and coarse ware pottery, but no evidence has been identified that would indicate the location of a necropolis. In any case, the proximity of the site to the presumed crossing of the Caia River by the Roman *via XIV* is particularly noteworthy (Azevedo, 1896, p. 264; Carneiro, 2014, I, pp. 130-131; II, p. 39, 02.31; Carneiro, 2017 – FE 150, no. 606; Saa, 1967, p. 39), given the preferential location of Roman burial sites close to roadways. Bearing in mind that “according to information provided by the current landowner, there is notice of a necropolis with brick graves covered with granite slabs having been found by the end of the last century or the beginning of the current century. The remains that may have been found were eventually lost” (Lopes, 2015, pp. 83-84, translated), we consider the possibility that it might correspond to the funerary space referred to by Deus, Louro & Viana (1955, p. 574). In the absence of any known remains attributed to this archaeological site, we can only suggest a broad chronology – Roman and/or possibly late antique.

3.2.2. Nossa Senhora do Carmo (Assunção, Arronches, Portalegre. CNS 5746. CMP 385. N 39° 4' 37.66'' / W 7° 18' 01.53''. Acronym – NSC)

According to Deus, Louro & Viana (1955, p. 574), in the mid-1950s there was a still unexplored Roman necropolis located to the south of the chapel of Nossa Senhora do Carmo. On the basis of the known data, we presume that A. Dias de Deus and Abel Viana never carried out any excavations there. During our visit to the site, we were unable to identify any evidence of this funerary space, nor of the milestones and the stretch of Roman road that, at the authors' time, were

¹⁸ Regarding the toponyms and archaeological evidence attributed to Herdade das Escarninhas / Porto das Carninhas, see Rolo, 2018, I, pp. 147-149.

allegedly visible in the vicinity of the necropolis (ibid.). However, we did observe some scattered Roman building ceramics and the use of trimmed granite sills in the construction of the chapel of Nossa Senhora do Carmo (currently vacant and in an extremely poor condition), all of which seems to attest to the occupation of the site during the Roman period.

The absence of known data concerning both the necropolis and any possible remains attributed to this archaeological site rules out any chronological inferences; therefore, we assume the Roman chronology referred to in Deus, Louro & Viana (ibid.). In turn, the rock-cut anthropomorphic grave identified to the south of the chapel of Nossa Senhora do Carmo indicates a different phase of funerary use of the place, presumably medieval (Rolo, 2018, I, p. 152).

3.2.3. A-do-Rico (Nossa Senhora dos Degolados, Campo Maior, Portalegre. CNS 5749. CMP 386. N 39° 05' 21.7'' / W 7° 09' 83.4''. Acronym – ADR)¹⁹

A-do-Rico is a paradigmatic example of part of the archaeological sites explored by the Vila Fernando researchers and Abel Viana – sites identified in the course of agricultural (or other) works, often already partially destroyed and plundered prior to their identification and intervention by the researchers, and only partially excavated. Hence, these interventions resulted in an incomplete knowledge of the archaeological reality of the sites concerned. The A-do-Rico necropolis was probably extensively destroyed by floods in the mid-1940s (Viana & Deus, 1955b, p. 265). A test pit was dug and two small incineration graves were excavated (ibid.). We do not know exactly when these works took place or who was involved, although we are led to think that they may have taken place before mid-1949 and prior to Abel Viana's collaboration (MRB: Viana, 21/01/1955, p. 2).

The only identified remains are two coarse ware pottery vessels and a glass unguentarium (Isings form 82 B2) attributed to the funerary context of the burial known as 'grave 1' (Catal. ADR. cc.001_1, ADR.cc.002_1, ADR.vi.001_1).²⁰ The chronology proposed for A-do-Rico is based exclusively on this funerary assemblage – *terminus post quem* mid-1st century and *terminus ante quem* late 2nd century, possibly extending to the early/mid-3rd century AD. Nevertheless, it is not possible to assess to what extent the chronological frame suggested is (or not) representative of the timespan of use of the necropolis as a whole.

3.2.4. Eira do Peral (Santo Aleixo, Monforte, Portalegre. CNS 11940. CMP 398. N 38° 57' 38.2'' / W 7° 26' 06.8''. Acronym – EPE)

The former Monte do Peral, now in ruins, is situated less than 500 metres away from the area where the old threshing floor is supposedly located, and where remains of Roman buildings and a sarcophagus have been identified (Carneiro, 2014, II, p. 352, 13.38; Deus, Louro & Viana, 1955, p. 576).²¹ The information published by Abel Viana and A. Dias de Deus includes, besides the

¹⁹ Concerning the location of the archaeological site, see Rolo, 2018, I, pp. 153-154.

²⁰ Note the reported finding of around 200 ceramic vessels (Deus, Louro & Viana, p. 574; Viana & Deus, 1955b, p. 265), nails and tacks (Viana & Deus, 1955b, p. 265). These items were not located/ identified in the course of our study.

²¹ This archaeological site is classified as a habitat, and not as a necropolis (DGPC, Portal do Arqueólogo, CNS 1940). We presume that this classification is due to the presence of several Roman building materials and ceramic fragments, still visible on the field.

description of the works carried out on the three dolmens of Herdade do Peral (Viana & Deus, 1955c, pp. 11-12, Fig. 1, n.ºs 8-10, Fig. 2, no. 5, Fig. 5, no. 2), two references to archaeological evidence of funerary nature that are of special interest to us. We are referring, firstly, to the discovery of a group of incineration graves, following the exploration of dolmen 3 of Peral – “In August 1952 we visited it again (dolmen 3 of Peral) and conducted a short excavation. (...) / As we probed the ground, two meters from the south side of the dolmen, we came across a series of incineration burials, built with slabs, belonging to a much later period than the megalith, but probably pre-Roman” (Viana & Deus, 1957, p. 93, translated). The lack of further information about this set of burials leads us to believe that they have not been explored. The second reference concerns a “Roman tomb, made of marble, with a marble lid” donated by A. Dias de Deus to the former Elvas Municipal Museum, on November 14, 1949, although the circumstances surrounding this find remain unknown.²² According to data from the DGPC database and Carneiro (2014, II, p. 352), oral information confirms not only the finding of the sarcophagus, but also the discovery of other graves containing bones and covered with marble lids.²³ The sarcophagus is the only (identified) remain related to this archaeological site (Catal. EPE.li.001). Made from high-quality marble, of the Estremoz-Vila Viçosa type, it matches Cagnat & Chapot form 3 (1916, I, p. 332, Fig. 176) and has good parallels in other examples of local/regional manufacture (Rolo, 2018, I, pp. 162-163, note 8).

Considering the available data, we can only corroborate a probable pre-Roman chronology (2nd Iron Age) for the set of incinerations, as proposed by Abel Viana and A. Dias de Deus. For the sarcophagus and the other documented inhumations, we suggest a 3rd century AD *terminus post quem*. Regarding the latter, and considering other cases of sarcophagi documented in the present-day North Alentejo territory – e.g. at Pardais (Vila Viçosa), Silveirona (Estremoz), São Pedro dos Pastores (Monforte), and Torre de Palma (Monforte) –, it is not unlikely that the inhumation burials may date from a later period, possibly between the 4th and 6th centuries AD.

3.2.5. Herdade de Fontalva (Santa Eulália, Elvas, Portalegre. CNS 4151. CMP 399. N 38° 59' 03.06'' / W 7° 18' 00.30''. Acronym – FNT)

Fontalva is a particular case among the other North Alentejo necropoleis studied. Based on the known data, shortly before his death A. Dias de Deus was authorized by the owner of Fontalva, Ruy d'Andrade, to carry out excavations in the estate and to study the remains gathered there, along with Abel Viana (Cardoso, 2008, p. 481, 6.169, p. 483, 6.163). However, we have not been able to clarify the circumstances that explain the connection of Abel Viana and Dias de Deus to the archaeological works and collecting carried out in Fontalva. In fact, we believe that neither of them actually undertook any excavation or collecting at this estate; most of this work was carried out by Ruy d'Andrade. Still, the collaboration of Abel Viana in the study of Fontalva's archaeological materials is unquestionable (Cardoso, 2008, p. 483, 6.163; Paço, Ferreira & Viana, 1957).

Regarding the Roman funerary evidence, there is information about a “grave made of undressed slabs”, explored in 1906 by Thomaz João Pires at Alto do Pombal, in that estate, and

²² Inv. CME/MME. See also Deus, Louro & Viana, 1955, p. 576, Est. III, n.ºs 14 and 15.

²³ Processo DGPC 95/1 (223): PNTA/98 – *As Comunidades Pré-históricas dos 4º e 3º milénios na Região de Monforte*; PNTA/2004 – *Levantamento Arqueológico do concelho de Monforte*.

from which five ceramic vessels have been exhumed.²⁴ On the other hand, the publication dedicated to the ‘antiquities of Fontalva’ specifically refers to the context of “a Roman grave” (Paço, Ferreira & Viana, 1957, p. 130, Est. IX), to which some of the items included in the current Collection n.º 76 of the Geological Museum belong [Paço & Ferreira, 1951, p. 416, (2); *ibid.*]. Nevertheless, we are almost completely unaware of the morphological characteristics of these burials and the associated ritual practices. Besides the fact that the location of these graves has not been identified, the scarce data available does not allow us to clarify whether the two funerary contexts referred to were part of the same necropolis or if, conversely, they were part of different funerary clusters, distributed throughout the estate and associated with burials of distinct characteristics and chronologies.

Considering the materials attributed to Fontalva (77 items) included in our study sample, there seem to be three distinct periods of occupation throughout the Roman period and the Early Middle Ages, but it is not possible to confirm any possible continuity between them. Firstly, taking into account the funerary epigraph (Catal. FNT.epi.001), and the presence of South Gaulish *sigillata* (Catal. FNT.tss.001_1) among the materials attributed to the slab grave identified in 1906 suggests a high-imperial burial phase, between the middle of the 1st century and the middle of the 2nd century AD. Secondly, considering the funerary assemblage associated with the grave documented by Paço, Ferreira & Viana (1957), particularly the *lamp*, (Ferreira, 1951; Catal. FNT.lu.001_2) and the indication of the finding of “late imperial coins” (Paço & Ferreira, 1951, p. 425), we propose a chronological context from the 3rd-4th centuries AD for this particular burial. Finally, the Visigoth buckle attributed to Fontalva (Catal. FNT.mt.001), for which no context of discovery is known, is indicative of a late moment of occupation of the site, during the 7th century or possibly the beginning of the following century (Arezes, 2011, p. 163; Ripoll, 1998, pp. 61-66, Fig. 4-A).

3.2.6. Chaminé (Barbacena e Vila Fernando, Elvas, Portalegre. CNS 1472. CMP 413. N 38º 54’ 46.37’’ / W 7º 16’ 28.13’’). Acronym – CHA)

The discovery and excavation of the first burials at Chaminé appear to date back to October 1948, following the ‘researches’ begun by A. Dias de Deus at Herdade do Carrão in January of the same year (AFCB: Deus, [s.d.]b, pp. 7-8).²⁵ This was a group of around 25 inhumation graves, located in the proximity of Roman residential structures. In April 1949, a second group of inhumation burials (ca. 50), of various construction typologies, was also identified (AFCB: Deus, [s.d.]b, p. 11; Viana, 1950, p. 308 and the legend of Est. X, no. 62). It was during the excavation of this sec-

²⁴ CME/ BME: *Catálogo do Museu Archeologico de Elvas*, I., entry no. 586, II.a) Objectos Romanos, entries nos. 693-697; Registo de Entradas de Objectos no Museu Municipal de Elvas, Arqueologia Romana.

²⁵ We would recall that the sites of Chaminé and the presumed *villa* of Carrão are situated a short distance apart (150 to 200 metres), separated by the Carrão creek and by the path leading to the present-day buildings of Monte da Chaminé. In addition to the apparent contemporaneity (at least partial) of the funerary and habitational spaces (Carneiro, 2014, I, p. 121; 2015, pp. 129-130), the two sites were likely excavated during roughly the same period, between January 1948 and October 1949. From the latter date onwards, A. Dias de Deus and Abel Viana were forced to stop all archaeological work at these sites, and the legal responsibility for the Carrão, Chaminé and Terrugem sites was transferred to the then Ethnological Museum [Museu Etnológico, nowadays Museu Nacional de Arqueologia] (Cardoso, 1999, p. 153; Viana & Deus, 1950b, p. 236; Viana & Deus, 1951, p. 91). We highlight that since then, according to the known data, no archaeological work has been carried out on any of these archaeological sites. See Rolo, 2018, I, pp. 66-76; 178-182.

ond set of burials that, in mid-spring 1949, the so-called ‘urn field’ of Chaminé was discovered: “Having noticed that when opening the burials I was finding many fragments of vessels, I began to search the space between the graves and to my amazement I found a large number of ceramic urns, more than one hundred and eighty, varying in size between ten and fifty centimetres and full of burnt bones” (AFCB: Deus, [s.d.]b, p. 12; Viana, 1950, p. 309; Viana & Deus, 1950b, pp. 230-231). Only a small part of this funerary space was explored. The necropolis possibly extended “in at least two directions, to an unverified limit” (AFCB: Deus, [s.d.]b, p. 12; Viana, 1950, p. 311, translated). Information on the number of cinerary urns exhumed is contradictory.²⁶ We have therefore opted to assume a minimum number of 150 urns, considering, on one hand, the extensive and not very accurate use of the term ‘urn’ by the ‘researchers’ (Fabião, 1998, I, p. 373), and, on the other hand, the impossibility of ascertaining the number of burials to which the excavated urns would correspond. Most of these burials were probably related to incineration practices with secondary deposition, and two types of urn burials can be distinguished: the predominant type, corresponding to the deposition of urns in a kind of box, made of slabs or stone walls surrounded and covered by slabs or piles of stones, apparently without any specific arrangement; and a second, less elaborate type, which would consist of the placement of the urns and incinerated remains in plain shallow pits or natural cavities in the subsoil, without any box-like structure to protect them, and only covered and/or delimited by small heaps of stones, barely visible at surface level (Viana, 1950, p. 309; Viana & Deus, 1950b, p. 230; Viana & Deus, 1951, p. 90; Viana & Deus, 1955a, p. 67; Viana & Deus, 1958, p. 4). Overall, the remains presumably associated with this moment of funerary use of Chaminé point to a chronological frame between the end of the 4th and beginning of the 2nd century BC, as proposed by Fabião (1998, I, p. 383), excepting the Roman annular fibula type Ponte B51.1b / Mariné 21.1 b (Catal. CHA.mt.043), datable from the mid-1st century BC onward.²⁷ This chronology is supported by the presence of items such as the antennae sword of Quesada VI type (Catal. CHA.mt.047), the spur of Quesada 2 type (Catal. CHA.mt.058), but also by the significant representation of Hispanic annular fibulae classifiable as Cuadrado 4 / Ponte 13 (Catal. CHA.mt.023 to CHA.mt.027, CHA.mt.029, and CHA.mt.031 to CHA.mt.035) and of La Tène I / Ponte 24 fibulae (Catal. CHA.mt.036 a CHA.mt.040). Likewise, the ceramic materials seem indicative of the defined chronological markers. We would highlight, among the handmade pottery, the type I Nolen cups (Catal. CHA.cc.001 to CHA.cc.005) and type IV Nolen pots (Catal. CHA.cc.016, CHA.cc.017, CHA.cc.019 to CHA.cc.021), the latter also represented in the wheel-thrown pottery sample. Among the wheel-thrown pottery, the type IV-f Nolen bowls (Catal. CHA.mt.045 to CHA.mt.049) and the *unguentaria* (Catal. CHA.cc.039 and CHA.mt.040) stands out, with parallels in Medellín form 2 (Lorrio, 1988-1989, p. 297, Fig. 7, E, no. 2) and form 13.A.I of the Guadalquivir Iberian ceramics (Pereira Sieso, 1988, pp. 164 and 167, Fig. 14, no. 7).

Three spots identified at one end of the urn field featured concentrations of blackened earth and ashes, and were therefore interpreted as possible *ustrina* (Viana, 1950, p. 311). An incineration burial, apparently *in bustum* and of High Imperial chronology, was identified close to one of

²⁶ AFCB: Deus, [s.d.]b, p. 12; Heleno, 1951, p. 86; Viana, 1950, p. 309.

²⁷ Item CHA.mt.039, classified as a La Tène I/ Ponte 25 fibula, and therefore ascribed to a mid-6th / early 4th century BC chronology, also seems to be a dissonant element among the Iron Age assemblage. However, the precarious state of conservation of the piece implies that its typological classification and chronology must be considered with due caution.

these spots, which was described as a sort of small-stone pavement with an area not exceeding 3 m² (Viana & Deus, 1950a, p. 69; Viana & Deus, 1958, p. 5). Morphologically identical to the other urn burials – deposited in a shallow pit, delimited and covered by stones (Viana & Deus, 1950a, p. 69) – this burial yielded a set of eight ceramic vessels (including *terra sigillata* and thin-walled pottery)²⁸, in addition to a small glass jug datable to the mid-1st century AD (Catal. CHA. vi.001), and a coin from the same century (Heleno, 1951, p. 89; Viana & Deus, 1950a, p. 69; Viana & Deus, 1950b, p. 235; Viana & Deus, 1951, p. 91). Despite the incongruence of the published data (Viana & Deus, 1950a, p. 69; Viana & Deus, 1950b, p. 236; Viana & Deus, 1951, p. 91), it seems feasible to consider the existence of not only one, but several High Imperial burials occupying the same area of the so-called urn field. In fact, the assemblage of 46 items from the Roman period that comprise our study sample from Chaminé seems to be quite consistent (in chronological terms), pointing to a time of use circumscribed to the second half of the 1st century AD and the beginning of the following century. Notwithstanding, we consider that the available data do not allow us to assert the existence of a continuity link between Iron Age and Roman burials, as Frade & Caetano propose (1993, p. 850).

Still in the same area, another cluster of inhumation burials was also identified, at a maximum depth of 1 m (Viana, 1950, p. 308). It has been described by its ‘researchers’ as follows: “interspersed in these burials of vessels and incineration remains, there were a few graves shaped by small stone flakes arranged in the manner of very low and very narrow cists, similar to small channels about 2 m long by 1 palm wide and 1^{1/2} palm deep” (Viana & Deus, 1950a, p. 68, translated). About 50 burials were recorded, with an east-west orientation and a symmetrical arrangement.²⁹ These graves were rectangular or, in most cases, trapezoidal, and the burial architecture was varied: with walls and cover made of stones; box-like, with walls made of upright slabs and the cover (and possibly the bottom) also made of slabs; or built with *tegulae*, and covered with *tegulae* or bricks (AFCB: Deus, [s.d.].b, p. 11; Heleno, 1951, p. 89). Manuel Heleno also described two ‘barrel-shaped’ graves (MNA: APMH/2/18/1, p. 11) and we would hypothesise possible parallels with the plan of graves 31 and 76 of Torre das Arcas. These burials contained one or more skeletons and ossuaries deposited at the feet area, next to the side wall of the grave (AFCB: Deus, [s.d.].b, p. 11; Viana, 1950, p. 308), or in an adjoining hollow intended for that purpose (AFCB: Deus, [s.d.].b, p. 11; MNA: APMH/2/18/1, p. 11).³⁰ The assemblages associated with the burials were scarce and mainly composed of adornment items – “Inside a grave I found, besides two copper earrings, a necklace of round and pine kernel-shaped beads. These beads were of various sizes, all of them of a dark yellow colour. (...) another one had a copper earring and nine glass beads of various colours and different shapes; in another one there was a coarse clay vessel, placed on the right side, at neck height; in others there were earrings, *fibulae*, curved pins, two rings and pottery fragments” (AFCB: Deus, [s.d.].b, p. 11, translated). Based on the grave goods broadly described, on the known characteristics of the tomb architecture and on the funerary rite, we propose a late

²⁸ Heleno, 1951, p. 89; Viana & Deus, 1950b, p. 235; Viana & Deus, 1951, p. 91.

²⁹ This cluster of inhumations was referred to by Abel Viana as “cemetery n.º 2 of Chaminé” (1950, Fig. 2, no. 10, translated).

³⁰ According to the known data, the osteological material was not the focus of the researchers. The percentage of anthropological material recovered in these interventions and its whereabouts is unknown.

antique chronology for this group of burials. Despite lacking the identification/ location of the only ceramic vessel exhumed in this funerary cluster (AFCB: Deus, [s.d.]b, p. 11; Heleno, 1951, p. 89; Viana, 1950, p. 308), we suggest that it might have been a coarse ware small jug, a funeral offering that became widespread among Palaeochristian communities (Sánchez Ramos, 2007, p. 200).

Another set of inhumation burials (between 25 and 30)³¹ was also identified at the Chaminé archaeological site. This one corresponded to the first burials discovered and excavated by A. Dias de Deus at that location, in October 1948 (AFCB: Deus, [s.d.]b, pp. 8-9; Viana, 1950, p. 306). Information concerning these burials is rather scarce. It was estimated that the group of burials explored might account for approximately half of the total area of the necropolis (Viana, 1950, p. 306). This cluster was located some 50 metres away from the excavated area of the urn field, near a well and other remains of Roman constructions identified at the Herdade da Chaminé (AFCB: Deus, [s.d.]b, p. 9; Deus, Louro & Viana, 1955, p. 569; Heleno, 1951, pp. 93-94). These rectangular or trapezoidal burials were north-south oriented, with a box-like structure, covered with granite or schist slabs (Deus, Louro & Viana, 1955, p. 568; Viana, 1950, p. 306). The bottom of the graves could also be covered with slabs or with small stones and clay (Heleno, 1951, p. 94). This group of graves was described as “two necropoleis, partly overlapping one another” (Deus, Louro & Viana, 1955, p. 569, translated).³² Most of the burials contained one (or several) skeleton(s), in dorsal decubitus (Heleno, 1951, p. 94) and scarce grave goods – “in two others I found coarse pottery vessels; in two more two Roman coins (datable to the Late Empire) and in some others two fragments of bone hooks” (AFCB: Deus, [s.d.]b, p. 9, translated) suggesting, similarly to the previously described burial cluster, a late chronology.³³

With regard to the two groups of inhumation graves identified at Chaminé, the available data did not enable the distinction and identification of the grave goods associated with each group and, consequently, the ascertainment of the respective chronological scopes. The analysed Late Antiquity materials date from the 5th to the 7th century AD. One of the rings (Catal. CHA.mt.002), the buckles (Catal. CHA.mt.003 and CHA.mt.005) and particularly the earrings with polyhedral ends (Catal. CHA.mt.009 to CHA.mt.012 and CHA.mt.015) – which can be ascribed to the level II defined by Ripoll (1998, pp. 48-50) – indicate a late 5th century AD TPQ. On the other hand, the earrings with cylindrical or prismatic ends (Catal. CHA.mt.013, CHA.mt.014 and CHA.mt.016 to CHA.mt.020), as well as another ring (Catal. CHA.mt.001), are datable to the 6th – 7th century AD. Based on the published information, it is considered likely that the two groups of inhumation burials could correspond to different phases of use of the Chaminé funerary space. In this sense, and

³¹ The total number of explored graves does not seem to be consensual – A. Dias de Deus mentions “about 30” (AFCB: Deus, [s.d.]b, p. 9, translated); Manuel Heleno mentions the exploration of 26 (MNA: APMH/2/18/1, p. 6); and 25 are mentioned in the publications dedicated to the ‘Roman-Celtic necropoleis of Elvas’ (Deus, Louro & Viana, 1955, p. 568; Viana, 1950, p. 307). Given the divergent figures, a minimum number of 25 graves is assumed.

³² The cited authors refer to two occurrences of superposed burials, in which the graves of the lower layer could be distinguished by their rectangular plan, a more elaborate construction (with slabs) and larger dimensions (Deus, Louro & Viana, 1955, p. 569; Viana, 1950, p. 306).

³³ Taking into account the aforementioned proximity of this set of burials to the remains of Roman structures apparently related to the *villa* of Carrão (AFCB: Deus, [s.d.]b, p. 9; Heleno, 1951, p. 93), we would hypothesise a possible ‘necropolisation’ of the residential area, following its abandonment.

despite the fact that this differentiation is not clearly reflected by the analysis of the available materials, we maintain our suggestion that the group formed by ca. 25 north-south oriented tombs may have been associated with an earlier stage, possibly dating from between the 3rd and 4th centuries AD, and coeval with the occupation of the *villa*. This proposal is based on the findings of Late Empire coins in the explored graves (AFCB: Deus, [s.d.]b, p. 9; Viana, 1950, p. 307) and on the RSW attributed to Carrão (Catal. Carrão.tscl.001 and Carrão.tscl.002) (Rolo, 2017). Regarding the cluster of 50 burials with east-west orientation, we suggest a later chronology, possibly between the 5th and 7th centuries AD (Caetano, 2002, p. 331; Carneiro, 2015, p. 130).

3.2.7. Serrones (Barbacena e Vila Fernando, Elvas, Portalegre. CNS 5715. CMP 413. N 38° 54' 10.42'' / W 7° 21' 59.19''. Acronym – SER)

The Serrones necropolis was probably identified in the mid-1940s, following the chance discovery (and subsequent destruction) of a grave by an agricultural worker (Viana & Deus, 1955c, p. 23). A. Dias de Deus and Abel Viana only started the excavation works of the necropolis in 1951, about a decade after its discovery. They explored a known total of 105 burials (MRB: [s.d.] b; MRB: Deus, [n.d.]d), i.e. not only the 92 graves referred to in some of their publications and in official reports (AFCB: Viana, 31/12/1953, p. 4; Viana, 1955b, p. 8; Viana & Deus, 1955c, p. 23).³⁴ The excavation works were probably continued during 1952 (apparently at the same time as the exploration of the Padrãozinho necropolis) (MRB: Viana, 30/04/1952, p. 1). In this case, it is quite clear how the effective collaboration and guidance of Abel Viana in terms of fieldwork and records enabled the subsequent publication of the description of the tombs and the respective finds (Viana & Deus, 1955c).

This necropolis comprised different types of burials, associated, in an apparently undifferentiated way, with the practice of the two funerary rites – *crematio* and *humatio*. Based on the known data, we counted a total of 41 inhumations, 33 burials of undetermined rite and 31 incinerations (MRB: [s.d.]b; MRB: Deus, [s.d.]d). With regard to the latter, the available data are not sufficiently clear as to the representativity of the cremation practices with primary deposition and with secondary deposition. Along with some more elaborately constructed graves, the most frequent formal typology (regardless of the associated rite) corresponded to simple, (sub)rectangular graves, covered with a heap of stones and/or schist slabs. The predominant orientation seems to have been west-east (Rolo, 2018, I, p. 208) and, out of the 105 recorded burials, a total of 68 graves (and not 63, according to Frade & Caetano, 1993, p. 852) did not yield any grave goods.³⁵ The composition of the funerary assemblages varied between one item and a maximum of 18 items, with an average number of six items per funerary assemblage. Overall, the known evidence seems to reflect some care in the placing of the funeral offerings, specifically in the choice of their position and location within the burial context.

From a total of 125 items attributed to Serrones that are included in our study sample, about 82% (102 items) have an identified burial context, which supports the partial reconstitution of some of the funerary assemblages. The recovered remains proved to be quite coherent; thus,

³⁴ Besides the burials excavated by A. Dias de Deus and Abel Viana, it is worth mentioning the identification of other graves at the Serrones site and surrounding area (see Rolo, 2018, I, pp. 203-204).

³⁵ Considering the obtained data, we would challenge the idea that the majority of the graves without any associated grave goods would be incineration burials (Viana & Deus, 1955c, p. 32).

these burials can be dated to a period between the second half of the 1st century and the early 2nd century AD. The datable remains with no known grave context corroborate this chronological framework, in some cases narrowing it down to the second half of the 1st century (e.g. items SER.tss.003, SER.tsh.004 and SER.tsh.012). Hence, our analysis reinforces the idea that there were, at least, two distinct burial phases and clusters:

- an earlier one, of High Imperial chronology ³⁶, associated with incineration burials, mostly in plain shallow pits covered with stones or slabs (with the exception of graves 6 and 9), with varying orientations and including funeral offerings;
- and a later one, from Late Antiquity (possibly datable to the 6th-7th centuries AD, as suggested by Frade & Caetano, 1993, p. 860), associated to inhumation burials of varied formal typologies, without grave goods and predominantly west-east oriented.

It would seem that the “continuity link” (Carneiro, 2014, I, p. 253, transl.) in the use of the same funerary space is attested by the superposed burials. We are referring, for example, to graves 83, 88 and 89, all of which are inhumation burials, and whose placement overlapped the High Imperial incineration burials 82, 84 and 90, respectively. In this case, we are led to assume that the confirmed practice of both funerary rites in the same space (as occurs in the Chaminé, Torre das Arcas or Padrãozinho necropoleis) seems to indicate not so much a contemporaneity between them (contrary to what is argued in Viana, 1955b, p. 9) but rather a chronological succession, with a longer or shorter time gap between one another. (Figure 5, p. 74)

3.2.8. Alcarapinha (Barbacena e Vila Fernando, Elvas, Portalegre. CNS 5716. CMP 413. N 38° 53' 57.70" / W 7° 18' 33.69". Acronym – ALC)

The discovery of Roman graves at the site of Alcarapinha dates back to 1940, when A. Dias de Deus and A. Luís Agostinho conducted the first ‘researches’ on the local dolmenic monuments (Viana, 1950, pp. 294-295; Viana & Deus, 1955b, pp. 18-19 e 27; Viana & Deus, 1957, p. 98). The only known information about this funerary space, presumably of Roman chronology, is a description attributed to Dias de Deus: “All the lowlands surrounding the ‘alcarapinha’ hills are water-rich and the soil is fertile, and there is also an abundance of foundations, trimmed granite wall angles, mortar, roof tiles, etc.. At one of these lowlands I came across two upright stones, which looked like a dolmen corridor. Digging between them I realized it was a grave. As I continued excavating, I discovered two more graves parallel to the first one. Two were trapezoidal and the other one was square, measuring 80 centimetres to a side. The first two only contained the skeletons but in the third one I found two copper earrings, one of which had a glass bead” (AFCB: Deus, [s.d.].b, pp. 2-3, translated). Father Henrique da Silva Louro also reported the discovery of a necropolis at this location, as well as the finding of “many *tegulae*” and a milestone bearing the inscription CAES, “at the corner of the Alcarapinha estate” (Louro, 1995², pp. 8-9, translated).

During our visit to the site we were unable to identify the possible location of these burials. All we know is that the three explored inhumation burials would be arranged parallel to each other, with a presumed west-east orientation (AFCB: Deus, [s.d.].b, p. 3; Viana, 1950, pp. 293-294; Viana & Deus, 1955b, p. 27). As described by Deus and illustrated in the ground plan included in Viana & Deus, 1955b (p. 39, Fig. 8-1), two of these graves were rectangular/ trapezoidal and the

³⁶ The chronologies generically proposed for the Serrones funerary space by J. Nolen (1985, pp. 143-146; 1995-1997, pp. 352-358) and H. Frade & J. C. Caetano (1993, pp. 852 and 860) are corroborated.

third grave (which we suppose yielded the scarce remains found) was roughly square.³⁷ Given the little known evidence – the apparent scarcity of grave goods and the practice of inhumation – a late antique chronology is suggested for these burials.

3.2.9. Horta da Serra (São Brás e São Lourenço, Elvas, Portalegre. CNS 5706. CMP 413. N 38° 51' 48.23"/ W 7° 14' 58.36". Acronym – HSE)

Abel Viana wrote: “We were also informed that some graves were being destroyed at Horta da Serra. By the time we arrived, we could only observe some of them [?] and recover the grave goods” (AFCB: Viana, 06/01/1954, p. 4, translated). The request sent to Dias de Deus – “send me all the information you have about Horta da Serra. Have you drawn the graves? Have you taken photographs?/[...] send me whatever you have” (id., p. 2, translated) – leads us to think that the exploration of this funerary space may have been, along with the excavation at Torre das Arcas, one of the last ‘researches’ carried out by this pair. In the apparent ‘rescue’ context (Carneiro, 2014, II, p. 175) described above, a set of 15 incineration graves was explored (Deus, Louro & Viana, 1955, p. 574). The reference to “the foundations of a probable Roman house” (Deus, Louro & Viana, 1955, p. 574, translated)³⁸ seems to suggest the existence of a residential area, potentially contemporary with the use of the funerary space.

According to the only known ground plan (MRB: [s.d.]), a south-north orientation is presumed for 11 of the 15 excavated tombs. The remaining graves, with SE-NW and E-W orientations, seem to have occupied the free space between the others and a more peripheral area of the excavated cluster. Regarding the collected grave goods, the ‘researchers’ counted: “20 ceramic vessels, a ring, some *tegulae* bearing various marks, three Roman bronze coins and some nails”, in addition to a fragment of a bronze fibula found near the presumed residential structures identified in Horta da Serra (Deus, Louro & Viana, 1955, p. 574, translated). Our study sample includes a total of 24 (not 20) ceramic items attributed to this archaeological site, lacking any known burial context.³⁹ The whereabouts of the remaining finds described by these authors are unknown. Based on the chronologies proposed for the assemblage of coarse ware pottery, we suggest that the *terminus post quem* of these burials dates back to the second half of the 1st century AD, and that the *terminus ante quem* does not go beyond the end of the 2nd / early 3rd century AD. The presence of a Drag. 18 Hispanic *terra sigillata* plate (Catal. HSE.tsh.001) suggests a chronology between the second half of the 1st century and the beginning of the 2nd century AD. However, it seems risky to extrapolate and assume the chronology of the production and use of this ceramic form for all the identified burials.

³⁷ We point out that no artefacts attributed to the presumed Roman funerary space of Alcarapinha have been identified in the different museum collections we have accessed.

³⁸ No evidence has been located during the most recent survey works carried out at the site (DGPC: Roberto, S. & Frazão, V., *Prospecção* (2010) – *Conservação corrente por contrato 2010/2013* – Distrito de Portalegre).

³⁹ For items HSE.cc.001, HSE.cc.005, HSE.cc.006, HSE.cc.008, HSE.cc.012, HSE.cc.013, HSE.cc.016, HSE.cc.018 and HSE.cc.020, the attribution to the Horta da Serra archaeological site is not certain and should be considered with due caution.

3.2.10. Torre das Arcas (São Brás e São Lourenço, Elvas, Portalegre. CNS 4326. CMP 413. N 38° 51' 43.54" / W 7° 13' 04.13". Acronym – TDA)

In early June 1953, António Dias de Deus became aware of the discovery of graves at the Torre das Arcas estate (Viana & Deus, 1955a, p. 244). However, the first known notice referring to the discovery of Roman burials in this location dates back to 1897 and concerns “two adjoining brick graves, (...) discovered on the occasion of the deep ploughing of some lands of the estate known as “Torre das Arcas” (...)” (CME/ BME: Registo de Entradas de Objectos no Museu Municipal de Elvas, Arqueologia Romana, Arqueologia Romana; Pires, 1901, p. 12, n.º 37; Pires, 1931, p. 114, translated). Assuming that the exploration of this funerary space took place between June and November 1953 (AFCB: Viana, 19/11/1953, p. 1), we believe that Torre das Arcas corresponded to one of the last necropoleis explored by A. Dias de Deus and Abel Viana. In a report written at the end of the same year, the latter reported that: “We also learned that a plot of land was going to be cleared at Herdade da Torre das Arcas, where some graves had once been found./ Thanks to the goodwill of the tenant, we were able to explore 79 incineration burials” (AFCB: Viana, 31/12/1953, p. 4, translated).

In the words of the ‘researchers’, it was a “very complex inhumation and incineration necropolis” (Deus, Louro & Viana, 1955, p. 547, translated). The total extension of the necropolis is unknown, as well as the total area excavated by Abel Viana and A. Dias de Deus.⁴⁰ The authors revealed the identification and excavation of a group of 79 graves, associated with different rites and significant polymorphism (Deus, Louro & Viana, 1955, p. 574; Viana & Deus, 1955a). For an integral reading of this funerary space, we would add to this sample of 79 burials the set of three inhumation graves explored, in a first moment, by A. Dias de Deus (Viana & Deus, 1955a, p. 244) and located some 200m north of the area subsequently excavated; as well as the two burials discovered at the end of the 19th century (Pires, 1931, p. 114), thus reaching a total of 84 burials identified at Torre das Arcas. The scarce known data concerning these five graves and the fact that their location is not shown on the only available ground plan of the necropolis (Viana & Deus, 1955a, Fig. 1) do not allow us to understand the position of these graves in relation to the group of 79 burials, and to what extent they might or might not have been part of a single funerary space.

The predominant orientation of the burials was east-west, regardless of the funerary rite. This cluster includes 17 incineration burials, 44 inhumations, and 18 burials of undetermined rite.⁴¹ One must also consider the three inhumations (with ossuaries) initially explored by A. Dias de Deus (Viana & Deus, 1955a, p. 224), as well as the two graves identified in 1897, probably also inhumations given the burial architecture and the scarce associated remains. Concerning the incinerations, the known evidence seems to indicate the practice of incinerations with secondary deposition. We wonder about the possible practice of incinerations *in busta*, and to what extent this might be the case of burials 59, 78 and 79. Regarding inhumations, the re-use of graves through

⁴⁰ During the visit to the site we noticed that the area where the necropolis was presumably located is nowadays occupied by a vineyard.

⁴¹ The difference between these figures and the published ones (Frade & Caetano, 1993, p. 856; Viana, 1955b, p. 12; Viana & Deus, 1955a) is due to our classification of grave 8 as an incineration burial, as opposed to an inhumation burial, as stated by Viana & Deus (1955a, Fig.1 and p. 254). Our option is based on the researchers’ description of the funerary context, specifically the reference to a “small urn (...), filled with bone fragments” (Viana & Deus, 1955a, p. 246, translated).

the use of ossuaries is confirmed; this practice is documented in 13 of the 79 explored burials. Most of the graves (82%) were rectangular (Deus, Louro & Viana, 1955, p. 575; Viana, 1955b, p. 12). Regarding tomb architecture, and within the framework of a remarkable polymorphism, we have distinguished three typologies shared by incineration, inhumation and indeterminate burials (Viana, 1955b, pp. 11-12; Viana & Deus, 1955a, p. 264):⁴²

- burials in shallow rectangular pits, covered with *tegulae* (gable roofed, single or double horizontal layers);
- burials with a rectangular box-shaped structure, made of *tegulae*, and possibly also covered with *tegulae*;
- and burials in plain shallow pits, with no indication of any preserved walls or cover.

Only 19 out of the cluster of 79 graves did not yield any grave goods.⁴³ The identified funerary assemblages contained an average of two to four items, mostly ceramic and/or metal objects. There is a difference in relation to other necropoleis of North Alentejo, either due to the high number of *lucernae* (21 exemplars, from 20 burials – Viana, 1955b, p. 17; Viana & Deus, 1955a), or to the scarcity of glass items (documented in five burials) and the apparent absence of *terra sigillata* and thin-walled pottery (Viana & Deus, 1955a, pp. 257-265). The set of burials with grave goods corresponded, indistinctively, to incineration, inhumation and indeterminate burials, e.g. the cases of burials 17 (inhumation) and 38 (incineration), each containing a funerary assemblage composed of ten objects. This shows that the choice of one or another rite would not be, *a priori*, a determining criterion for a greater or lesser amount of funeral offerings. Yet, the burials that did not yield any grave goods correspond predominantly to inhumation burials.

The analysed assemblage attributed to Torre das Arcas consists of 120 items. It was possible to identify, with more or less reliability, the burial context of 94 items (78% of the total), belonging to 38 graves. In 18 cases it was possible to reconstitute the complete sets of grave goods associated with the burials (burials 3, 4, 9, 13, 16, 20, 21, 27, 35, 38, 45, 49, 50, 52, 56, 61, 65 and 68). Although the studied sample is far from corresponding to the total amount of materials accounted for by the 'researchers' (Deus, Louro & Viana, 1955, p. 575), enabled us to reach a diachronic reading of the use of the funerary space. Thus, the earliest burials, associated with the practice of incineration, date back to the 1st century AD. See, for example, grave 39: the presence of a lamp typologically classifiable as Dressel-Lamboglia 11B (Catal. TDA.lu.014_39) seems to point to the highest chronology among the identified remains – 1st or possibly early 2nd century AD (Morillo Cerdán, 2015, pp. 356-357). However, if the absence of thin-walled pottery among the grave goods is confirmed, we would suggest that the *terminus post quem* of this burial phase should not predate the end of the 1st century or the beginning of the following century. A second period of use, broadly datable to the mid-2nd – 3rd / 4th centuries AD, seems to be confirmed by the majority of the burials. This group includes incinerations, inhumations and graves of undetermined rite. Based on the available data, and supporting the interpretation of H. Frade and J. C. Caetano (1993, pp. 860 and 870), it is possible, on one hand, to attest the simultaneous practice of both

⁴² For a more detailed analysis of the polymorphism of the Torre das Arcas graves, see Rolo, 2018, I, pp. 230-232.

⁴³ The number of burials without grave goods is based on Viana & Deus, 1955a. It does not match the figures provided by Abel Viana, i.e. 15 (1955c, p. 12) and 22 (id., p. 9) burials, and falls significantly short of the 32 burials mentioned by H. Frade and J. Carlos Caetano (1993, p. 856).

funerary rites at Torre das Arcas and, on the other hand, to document the practice of inhumation in this space from the middle of the 2nd century AD onwards. In this sense, see the examples of burials 40, 43, 50 and 56, all of them inhumations, whose funerary assemblages included lamps of Dressel-Lamboglia 28A type (Catal. TDA.lu.005_50, TDA.lu.002_56b and two unlocated lamps). Furthermore, incineration burials 8 and 38 also yielded identical *lucernae* (Catal. TDA.lu.001_38 and one unlocated lamp). In the case of burial 45, the presence of a large bronze of *Commodus* (Viana & Deus, 1955a, p. 261, note 9) seems to attest to the practice of this rite during the last quarter of the 2nd century AD. Strictly speaking, incineration seems to have remained the preferential rite in the Torre das Arcas necropolis until at least the middle of the 3rd century AD, as indicated by the presence of a lamp of type Luzón 63 among the funerary assemblage of burial 7 (Catal. TDA.lu.013_7). Lastly, we distinguish a third burial phase, characterized by the exclusive practice of the inhumation rite, associated with ‘Visigothic’ style graves (Frade & Caetano, 1993, p. 860) and of high-medieval chronology. See, for example, burials 27 and 68, each with a jug as sole funerary offering (Catal. TDA.cc.021_27 and TDA.cc.22_68), whose formal parallels with Flörchinger types 10 and 9B (1998, p. 14), respectively, support the attribution of a 6th-7th century AD chronology to this burial cluster, as proposed by Frade & Caetano (1993, p. 860). (Figure 6, p. 75)

3.2.11. Horta das Pinas (São Vicente e Ventosa, Elvas, Portalegre. CNS 1686. CMP 414. N 38° 55' 48.87"/ W 7° 9' 53.76". Acronym – HPI)

The archaeological site of Horta das Pinas corresponds to an incineration necropolis, from which about 61 graves were explored between March and August 1950 (Viana, 1955c, p. 552; Viana & Deus, 1958, p. 10). The circumstances of the discovery were described by A. Dias de Deus as follows: “How was the discovery made? A little over a month ago, having discovered and opened a grave at Herdade de Alcarapinha, I was informed by the wife of the estate caretaker that three or four years earlier, on a property that a brother-in-law was selling, three or four graves, covered with bricks, had been found and that many ‘tijelinhas’ [lit. little bowls] and barrels had been removed from them. Her children played with these vessels, since they looked like children’s toys, and it was only natural that her sister still kept some of the ‘tijelinhas’. After calling the owner of the estate, Mr. Pompeu Caldeira, to ask for his permission to excavate and after receiving his authorisation, I decided to visit the place and find out what happened” (MRB: Deus, [s.d.], p. 1, translated).

The necropolis extended over about four hectares and was only partially excavated (Viana, 1955c, p. 553; Viana & Deus, 1958, p. 10 and 21). The excavated cluster presumably corresponded to the so-called ‘Roman-Celtic urn field’ (Viana, 1955c, p. 552), located in the northernmost part of a larger area where other burials were identified. This funerary space was composed of urn burials (MRB: Deus, [s.d.], p. 2), associated with the practice of incineration – either *in busta* (Viana & Deus, 1958, p. 14) or with secondary deposition – and varied grave goods. The authors refer to the identification of ten *ustrina*, arranged along the area of the explored necropolis, and described as “small rectangular spaces, slabbed and covered with layers of ashes” (Viana & Deus, 1958, p. 14, translated).⁴⁴ The arrangement of the tombs was apparently random but contiguous, generally east-west oriented, although in some cases a south-north orientation has been observed

⁴⁴ The number of *ustrina* identified at Horta das Pinas varies between publications - either nine (Deus, Louro & Viana, 1955, p. 570; Viana, 1955c, p. 552) or ten (Viana & Deus, 1958, p. 14, Fig. 2). In this work, we assume the latter number, based on the ground plan of the excavated funerary area (id., Fig. 2).

(MRB: Deus, [s.d.], p. 2; Viana, 1955c, p. 552; Viana & Deus, 1958, p. 10). The excavated graves included five types of urn burials (Viana & Deus, 1958, pp. 10-11), generically described as follows:

- shallow pits delimited by a row of randomly placed stones, with a gabled cover made up of two to four *tegulae*. The urn and any grave goods were placed among the ashes, without any apparent organisation;
- plain shallow pits in which the ashes and grave goods were deposited, covered with a heap of stones and earth. This is the least elaborate typology, paralleled by the Chaminé burials;
- box-shaped rectangular structures made of slabs. These burials were delimited and covered by stones or, in some cases, by one or two *tegulae* subsequently covered with stones and earth;
- plain shallow pits covered with slabs or *tegulae*, and subsequently delimited and covered with stones and earth;
- and box-shaped structures consisting of upright *tegulae*, covered with one or two *tegulae* and subsequently covered with stones and earth.

Besides the above-described typologies, we would also point out the existence of burials with a box-shaped structure consisting of *tegulae* or slabs, and covered by smaller slabs (Deus, Louro & Viana, 1955, p. 570; Viana & Deus, 1958, Fig. 4-8). Furthermore, there are references to another “three or four” burials (MRB: Deus, [s.d.], p. 1, translated) identified prior to the intervention of A. Dias de Deus. These were rectangular burials covered with *tegulae* and presumably never excavated – “According to what I was told later, the graves found in the southernmost part of the area where I started the exploration, are rectangular, about 2 m long and covered with *tegulae*; nothing was found inside but fragments of bones mixed with black earth, coal and ashes. Could the area where I started excavating be older? Future explorations will unravel this enigma.” (id., pp. 1-2, translated).

Our study sample includes 170 items attributed to Horta das Pinas, without any indication concerning their burial context. In broad terms, the *terra sigillata* assemblage indicates a time span between the 1st and the beginning of the 2nd century AD. The chronology of the South Gaulish *terra sigillata* vessels, particularly the marbled Drag. 35 bowl (Catal. HPI.tss.004), suggests a TPQ around the second half of the 1st century AD for this funerary space. The less common Hispanic *terra sigillata* forms in this group, namely the Hispanic 54 (Catal. HPI.tsh.001) and Hispanic 1 (Catal. HPI.tsh.002) forms, as well as the presence of vessels formally fitting the ancient variant of the Drag. 24/25 form produced by the potters of *Tritium Magallum* (Catal. HPI.tsh.003 and HPI.tsh.008), further support this chronology. On the other hand, the Drag. 27 vessel attributed to the potter *Attius Paternus* (Catal. HPI.tsh.006) indicates a TAQ not later than the early/mid-2nd century AD (Bustamante, 2013, pp. 189-190). Concurrently, among the glass items included in our study sample the two unguentaria of type Isings 6 (Catal. HPI.vi.019 and HPI.vi.020) are the oldest items, datable to between the 1st century BC and late 1st century AD (Isings, 1957, pp. 22-23). Moreover, the metal objects also provide evidence of other possible periods of use of this funerary space. See, for example, an Alcores/ Ponte 8a/ Schüle 2f type fibula (Catal. HPI.mt.001), which is the oldest item among the metal objects attributed to the North Alentejo necropoleis under analysis, or a presumably Hispanic annular fibula (Catal. HPI.mt.003). These examples seem to indicate a moment of use of the funerary space prior to the High Imperial phase. Two other items – a buckle (Catal. HPI.mt.006) and a bracelet (Catal. HPI.mt.008) – seem to suggest a late antique use of the necropolis (3rd-4th centuries AD). Thus, given all the above and considering the impossibility of reconstructing the burial assemblages, we suggest that the burial cluster excavated at Horta das

Pinas corresponds to a High Imperial use of the necropolis, between the second half of the 1st century and the beginning of the 2nd century AD. This does not rule out, as some of the materials seem to suggest, that the necropolis may have had a longer period of use, extending (whether uninterrupted or not) into the Iron Age and Late Antiquity.

3.2.12. Terrugem (Terrugem e Vila Boim, Elvas, Portalegre. CNS 5700. CMP 427. N 38° 50' 48.40" / W 7° 20' 32.00". Acronym – TRG)

The so-called 'Roman-Visigoth site' of Terrugem (Deus, Louro & Viana, 1955, p. 571) appears to have been explored by A. Dias de Deus between 1947 and 1949.⁴⁵ This is evidenced by the numerous artefacts recovered from the "sepulturas (luso-romanas)" ["(Lusitanian-Roman) graves"] and "nas ruínas próximas das sepulturas luso-romanas da Terrugem" ["the ruins near the Lusitanian-Roman graves of Terrugem"] and donated by Dias de Deus to the former Elvas Municipal Museum (CME/ BME: Registo de Entradas de Objectos no Museu Municipal de Elvas, Arqueologia Romana e Luso-Romana e Arqueologia Visigótica e Árabe). The visit of Manuel Heleno to this archaeological site, on October 28, 1949 (MNA: APMH/2/18/1, p. 27)⁴⁶ resulted in the prohibition and definitive suspension of the exploration of the Terrugem archaeological site, by the end of the same year.

The discovery of the first set of graves dates back to the mid-1920s / 1930s (AFCB: Deus, [s.d.] b, pp. 6-7), alongside a Roman residential area, of significant extension and "with high levels of comfort" (Carneiro, 2014, II, p. 204, translated). Data regarding these burials is scarce, and Abel Viana described them simply as "several isolated graves, with pottery" (1950a, p. 304, translated). Besides these graves, a plain shallow pit grave, apparently an incineration burial, was also discovered in the upper part of the slope where the other archaeological remains were found (Viana, 1950, p. 304). This burial would therefore be located away from the funerary space identified and explored at the foot of the hill, i.e. in the area closest to the present-day settlement. Given the general characteristics of the grave and its topographic setting, it seems to correspond to a different cluster of burials, perhaps associated with an earlier phase of occupation of the site.

The funerary space excavated by A. Dias de Deus was described as "a cemetery with some thirty graves" (AFCB: Deus, [s.d.]b, p. 4, translated), but the total extension of the necropolis and the representativity of the excavated tombs are unknown. This was probably an inhumation necropolis, mostly featuring trapezoidal graves, with different orientations (SE-NW, NE-SW, N-S, E-W), the predominant one being NE-SW (Viana, 1950, Fig. 19). All the recorded burials had a box-shaped structure, built with slabs or building ceramics, and four basic types can be distinguished: graves entirely built and covered with schist slabs; graves with schist side walls (upright) and a single brick as a headstone; graves built with *tegulae* (bottom, walls and cover); and graves (totally or partially) built and covered with marble slabs (AFCB: Deus, [s.d.]b, pp. 4-5; Deus, Louro & Viana, 1955, p. 571; Viana, 1950, pp. 300-301). The majority of the explored burials featured ossuaries, of two kinds: deposited in lateral compartments, adjoining the outer wall of the graves and built with slabs or bricks; or mixed with the most recent inhumation (usually placed at the head

⁴⁵ Regarding the archaeological discoveries and the researches carried out at the Herdade de Santo António da Terrugem, see the description left by A. Dias de Deus, transcribed in Rolo, 2018, I, pp. 251-253.

⁴⁶ "The site of the cemetery was ploughed. Remains of Roman building materials could be seen over a large area. Some furnace arches (hypocaust) were destroyed. / Coins of Constantine II at the Elvas Museum" (MNA: APMH/2/18/1, p. 27, translated).

or feet of the grave), with a maximum number of eight individuals per grave (AFCB: Deus, [s.d.]b, p. 5; MNA, APMH/2/18/1, p. 2; Viana, 1950, p. 301, Fig. 2-8 and 9). The excavated graves were distributed along the south, east and west sides of a rectangular, granite masonry construction. Apparently, the graves did not show a well-defined spatial organization, being irregularly spaced (AFCB: Deus, [s.d.]b, p. 4), without defining a network of 'passages' that would facilitate circulation within the funerary space, as commonly recorded in late antique funerary contexts (Deus, Louro & Viana, 1955, p. 572; Viana, 1950, p. 301 and Fig. 19). The proximity of the burials to the granite masonry construction, as well as the identification of a presumed liturgical spoon, with the inscription 'AELIAS VIVAS IN CHRISTO' (*Chrismon*) (Catal. TRG.mt.012), in a child burial ⁴⁷, could suggest a possible religious and symbolic function for the building. It stands as a centralising pole of the funerary space, in an apparent context of emulation of the practice of *ad sanctos* burials, probably associated with a phenomenon of 'necropolisation' of old residential areas. In addition, the two coins, identified under one of the building's ashlar (AFCB: Deus, [s.d.]b, p. 5) and converted into adornment elements or amulets (Catal. TRG.nm.001 and TRG.nm.002), seem to indicate a 4th century AD TPQ for the construction. On this subject, we should also mention the discovery of a marble rosace (Catal. TRG.li.001), whose known parallels tend to be interpreted as architectural elements of cult buildings, particularly rural churches (Morena López, 1999, pp. 99, 104-105, 108, Est. I).

Our study sample includes 36 items attributed to the Terrugem archaeological site. Taking into account the description of the collecting made there (AFCB: Deus, [s.d.]b), a significant set of materials remains unidentified. These materials were presumably recovered from several test pits, and not only from the excavation of the necropolis. There are some limitations concerning the recovered assemblage, such as the impossibility of reconstituting the grave sets and the difficulty in identifying which materials come from funerary and non-funerary contexts. Hence, the chronological inferences are limited to the distinction of two fundamental moments of occupation of the archaeological site. On one hand, the presence of thin-walled pottery (Catal. TRG.pf.001) and of a fragment of a fibula of the Alesia/Ponte 41.1a type (Catal. TRG.mt.002) indicates a High Imperial phase, between the second half of the 1st century and the early/mid-2nd century AD.⁴⁸ On the other hand, there is a set of items that, regardless of their context of discovery, indicate a later period, around the 4th and 6th centuries AD. The continuity of the funerary use of the site during Late Antiquity is attested, for example, by an earring with polyhedral end (Catal. TRG.mt.001), by the Aelia spoon (Catal. TRG.mt.012), or by the metal basin (Catal. TRG.mt.015) with parallels in Sutton Courtenay (Miles, 1976) and Cubas de la Sagra (Vigil-Escalera, 2015; Montero Ruiz, 2015).⁴⁹

⁴⁷ Only Fr. Henrique da Silva Louro refers to a child burial (Louro, 1948, p. 347; Louro, 1964, pp. 8-9); A. Dias de Deus and Abel Viana just describe it as a smaller grave (AFCB: Deus, [s.d.]b, p. 5; Viana, 1950, p. 301).

⁴⁸ We question if the incineration burial identified in 1945-1946 might fit into this time span and correspond to a first phase of occupation and funerary use of this site.

⁴⁹ The fact that the ceramic items (particularly the two *lucernae*) associated with the set of inhumation burials identified in the 1920s / 1930s (AFCB: Deus, [s.d.]b, p. 7) have not been located rules out any chronological reading of this funerary evidence. Given the practised rite, we can only suggest a TPQ not earlier than the 3rd century AD.

3.2.13. Herdade da Camugem (Terrugem e Vila Boim, Elvas, Portalegre. CNS 5701. CMP 427. N 38° 50' 26.30" / W 7° 16' 32.15". Acronym – CMG)

The Camugem necropolis was explored in early August 1949 (MRB: Deus, 07/08/1949), but the first findings seem to date back to 1906, when two epigraphs from Herdade da Camugem were discovered and donated to the former Elvas Municipal Museum by Francisco Marques da Silveira Pinto.⁵⁰ In June 1949, an inhumation burial was identified during agricultural works, under the circumstances described by A. Dias de Deus: “By the end of June 1949, the doctor of the parish of Vila Boim, Dr. Baguinho, informed me that a grave had been found at the Camuge [sic] estate, in the said parish. Only on August 7 did I have time to visit that place and do some research. The grave had been found by a worker and was open, with the bones scattered over the surrounding area. This grave has an east-west orientation and measures 1.96 in length, 0.55 at the head, 0.44 at the feet and is 0.50 deep. It was made of upright slabs and also covered with slabs. Probing the ground to the sides, I found another grave about eighty centimetres away from the former (...). It was made of slabs like the first one, but it was covered by six slabs and a stone (...). (...) / This grave contained a complete skeleton and one more skull” (AFCB: Deus, [s.d.]b, p. 13, translated). According to the published information, Abel Viana accompanied A. Dias de Deus on a visit to the site in August 1949, following the alert from the municipal doctor (Viana, 1950, pp. 313-314).

In March 1986, there was another (fortuitous) discovery of a grave at Herdade da Camugem, partially destroyed by agricultural works – “(...) the grave was already missing its cover and had been disturbed, the bones were all mixed with the earth” (Proc. DGPC/DRCA 4.07.003, translated; Encarnação, 1988, FE 25: 116). The exact location of this grave in relation to the other burials explored at this archaeological site is unknown; however, the similarities in terms of tomb architecture and funerary rite lead us to consider it likely that it is part of the same funerary space. Indeed, the recorded cluster of burials is, in broad terms, quite homogeneous. The three graves identified during the first half of the 20th century, associated to the practices of inhumation and ossuary, had a SE-NW orientation (MRB: Deus, 07/08/1949, p. 2) and a trapezoidal plan, with a box-shaped structure made of marble slabs (Deus, Louro & Viana, 1955, p. 571; Viana, 1950, p. 314:). Regarding the first burial identified in June 1949, it appears to have been a double burial, with two skeletons placed side by side (Deus, Louro & Viana, 1955, p. 571, n.º 41; Viana, 1950, p. 313). The second burial probably also featured a box-shaped structure and contained the complete skeleton of an adult individual and a skull, without any associated grave goods (MRB: Deus, 07/08/1949, p. 1; Deus, Louro & Viana, 1955, p. 571; Viana, 1950, pp. 314-315). The tomb's structure consisted of marble slabs (side walls and cover) and “small slabs of green schist” (bottom) (MRB: Deus, 07/08/1949, p. 1, translated; Viana, 1950, p. 314). The main distinctive feature of this burial was the (re)use of two funerary epigraphs, one placed at the head of the grave (IRCP 585; CMG.epi.001) and the other laid out as a covering slab (IRCP 597; CMG.epi.002), also at the head of the grave, both with the inscribed side turned inwards (MRB: Deus, 07/08/1949, p. 1; Viana, 1950, p. 314).⁵¹ The

⁵⁰ Catalogue CMG.epi.3 and CMG.epi.4 (CME/ BME: Catálogo do Museu Archeologico de Elvas, II-Epoca historica, a) Objectos romanos, n.ºs 698 and 699; CME/ BME: Registo de Entradas de Objectos no Museu Municipal de Elvas, Arqueologia Romana; Pires, 1931, p. 133; Encarnação, 1984, n.ºs 592 and 594, p. 656).

⁵¹ The available sources are contradictory as to the placement of the epigraphs (AFCB: Deus, [s.d.]b, p. 13; MRB: Deus, 07/08/1949; Viana, 1950, p. 314). We have opted to use the information that seemed to be more reliable (MRB: Deus, 07/08/1949).

epigraph dedicated to Sexto Soio Quartião and Catínia Máxima (Catal. CMG.epi.002), reused in the cover of the second identified burial, suggests the existence of a double burial of a couple at an earlier phase of use of this funerary space (Caetano, 2002, p. 319). The third explored grave was incomplete at the time of its discovery, with the top of the headstone and more than half of the covering slabs missing (Viana, 1950, p. 315, Fig. 20 – G and G'). According to the known plan of this grave (Viana, 1950, p. 315, Fig. 20 - A3 and G), it is supposed to have had a morphology broadly identical to the other two, with the exception of the construction of one of the side walls with small dressed and superposed slabs, forming a kind of small wall.

Just like the previous ones, the inhumation burial identified in 1986 featured a trapezoidal box-shaped structure, consisting of 10 schist slabs and a cover also made up of slabs and “a marble plaque with Roman lettering” (Proc. DGPC/DRCA 4.07.003, translated; Caetano, 2002, p. 317). The recovered osteological remains suggest ossuary practice (Proc. DGPC/DRCA 4.07.003), but it is not possible to assure that any of the buried individuals corresponded to *Galaetia Severa*, to whom homage is paid in the epigraph used to cover the grave (Encarnação, 1988, FE 25: 116).⁵² Featuring similar typology and characteristics to those previously mentioned (id.), it is difficult to ascertain, in the light of the available data, whether the epigraph was found in its original context of use or if, conversely and as in two of the previous cases, it was reused in a later grave.

The only known materials recovered from the Camugem necropolis are the five funerary epigraphs mentioned above. These items are part of the Archeology Collection of the former Elvas Municipal Museum and have been studied by José d'Encarnação (1984; 1988). Besides the two epigraphs recovered in the course of A. Dias de Deus' interventions – Catal. CMG.epi.001 (IRCP 585) and CMG.epi.002 (IRCP 597) –, the decision of including in our study sample the epigraphs discovered in 1906 – Catal. CMG.epi.003 (IRCP 592) and CMG.epi.004 (IRCP 594) –, and in 1986 – Catal. CMG.epi.005 (FE 116) –, was motivated by the intention of reaching as complete an understanding as possible of the funerary space(s) of Camugem. Hence, and based on the known evidence, two main periods of use of this necropolis are proposed: a first period, dating from the 1st century AD and corresponding to the original context of the funerary epigraphs; and a later phase, attested by the excavated burials, for which an overall chronological framework around the 3rd to 5th centuries AD is suggested.⁵³

3.2.14. Padrãozinho (Ciladas, Vila Viçosa, Évora. CNS 1310. CMP 427. N 38° 49' 12.05'' / W 7° 17' 07.83''. Acronym – PDZ)

The Padrãozinho site is located in the upper half of the administrative territory of the parish of Ciladas and corresponds to the only Roman necropolis explored by the Abel Viana and A. Dias de Deus partnership in the territory of the present-day municipality of Vila Viçosa. The excavations conducted at the site seem to date back to 1951 and 1952 (MRB: Deus, [s.d.]; MRB: Deus, [s.d.] e: MRB: Viana, 30/04/1952, p. 1), and the known data indicate the guidance and collaboration of Abel Viana in the works (AFCB: Viana, 31/12/1953, p. 3; MRB: Viana, 30/04/1952, p. 1).

⁵² We are grateful to Professor Dr. José d'Encarnação for the information kindly provided concerning the study of this epigraph.

⁵³ Given the absence of datable remains associated with the burials ascribed to this later phase, the proposed chronology is based on the morphology and orientation of the graves, combined with the practice of inhumation.

This was a “group of necropoleis” (Deus, Louro & Viana, 1955, p. 577, note 2, translated), of which about 189 graves were explored (Carneiro, 2014, II, pp. 426-247; Frade & Caetano, 1993, p. 853; Viana & Deus, 1955c, pp. 1-3), distributed among different funerary clusters, identified as Padrãozinho 1, Padrãozinho 2, Padrãozinho 3, and Padrãozinho 4. Despite the published information, visiting the site did not enable us to reliably confirm the location of the different burial clusters recorded at Monte do Padrãozinho.⁵⁴ The known data (Carneiro, 2014, II, p. 426-427; Viana & Deus, 1955c, p. 2) also suggest the identification of a probable residential area which, given its geographical proximity, could easily have served the populations that were buried in the Padrãozinho funerary spaces (if not throughout the entire diachrony of their use, at least during a more or less extended period of time).⁵⁵

Fifty-four inhumation graves, some with ossuary(ies), were discovered in the so-called **Padrãozinho necropolis n.º 1** (Viana & Deus, 1955c, pp. 1-2). All the burials had an east-west orientation and were arranged in parallel alignments, in a north-south direction (*ibid.*). They showed a careful construction, usually with a rectangular or trapezoidal box-shaped structure (the former predominating), made of schist slabs (Viana & Deus, 1955c, p. 1). These graves can be classified in three distinct formal groups:

- box-shaped graves, built with upright slabs and covered with one or two slabs;
- box-shaped graves consisting of small walls of superposed schist plaques and covered with slabs, more voluminous and less refined than the previous typology;
- and box-shaped graves similar to the first group described, i.e. consisting of upright schist slabs, but differing from the first group because the head and foot slabs raised ca. 0.50 m in relation to the lateral slabs, some of them being visible on the surface (Frade & Caetano, 1993, p. 853; Viana & Deus, 1955, pp. 1-2).

Only five out of the ca. 54 explored burials yielded grave goods, consisting exclusively of metals, ceramics and glass being absent (with the exception of a fragment of *tegula* found at the bottom of a grave) (Viana & Deus, 1955c, p. 2). Thus, there are eight items attributed to Padrãozinho 1, with no indication of the respective burial contexts. A ring (Catal. PDZ1.mt.002) and two of the three exhumed earrings (Catal. PDZ1.mt.003 and PDZ1.mt.004) seem to suggest a late dating for this burial cluster. The parallels identified for item PDZ1.mt.002 (Alarcão, A. *et al.*, 1979, nos. 152-154, Pl. XXXI; Barrero Martín, 2013, pp. 88-89) are also consistent with the ascription to a late antique chronology, possibly ranging from the 6th to the 8th century AD.

The area of the so-called **Padrãozinho cluster 2** was probably cut by a rural track and was therefore partially or almost totally destroyed at the time of its identification (AFCB: Viana, 06/01/1954, p. 3). In the words of Abel Viana, “the researches were very limited” (Viana, 1955b, p. 12, translated), and only seven graves were explored (MRB: [s.d.]; Viana & Deus, 1955c, p. 2, Fig. 2). Described as “the oldest of all the necropoleis of O Padrãozinho” (Viana & Deus, 1955c, p. 2, transl.), this was an incineration necropolis. The tombs were plain circular shallow pits, containing one or more ceramic urns with the incinerated remains (including any possible offerings), and delimited and covered by piles of small stones (Frade & Caetano, 1993, p. 853; Viana, 1955b, p. 10;

⁵⁴ In recent survey works, carried out in the scope of the *Carta Arqueológica de Vila Viçosa* (Calado & Mataloto, 2020), the so-called “T.C. 59” was identified (Viana & Deus, 1955c, Fig. 3), enabling a more precise location of the different funerary clusters of Padrãozinho.

⁵⁵ On this subject, see Rolo, 2018, I, pp. 274-275.

Viana & Deus, 1955c, pp. 2, 9 – Fig. 6, nos. 2, 3, 4 and 6). The characteristics of the tombs and the evident similarities with the Chaminé urn field, “without the elements that (...) confirm the dating to the 3rd century and the beginning of the 2nd century BC” (Viana & Deus, 1955c, p. 23, translated), must have led the ‘researchers’ to ascribe it to a chronological framework predating the 1st century BC (Frade & Caetano, 1993, p. 859; Viana & Deus, 1955c, pp. 2 and 23). However, the absence of grave goods identified as originating from Padrãozinho 2 makes it impossible to precisely define the diachrony of its funerary use.⁵⁶

It is likely that no works were ever conducted at the **Padrãozinho necropolis n.º 3** and that it was merely identified on the field (Viana & Deus, 1955c, p. 3). The available information concerning the funerary rite and the morphology of the burials is contradictory.⁵⁷ In our view, it seems likely that, as assumed by Frade & Caetano (1993, p. 853), the burials from this cluster had similar characteristics to those of Padrãozinho 1 – box-shaped graves made of schist slabs, partially recognisable on the surface, and, presumably, also associated with the practice of inhumation (Viana, 1955b, p. 26, note 5; Viana & Deus, 1955c, p. 3). The fact that this burial cluster has not been excavated and the consequent absence of any known remains rule out any chronological inferences, so we merely suggest that, like Padrãozinho 1, it may be related to a late Roman or early medieval chronology.

The **Padrãozinho 4** funerary cluster featured a series of incineration burials dug into the schistous subsoil (at a depth of about 0,60<0,80cm), of diverse typology and arranged in an apparently random manner (Viana & Deus, 1955c, p. 4-7, Fig. 4). A total of 128 graves were excavated (Viana, 1955b, p. 17; Viana & Deus, 1955c, p. 4, Fig. 3), although the extension of the explored area and the percentage of burials that might have remained unidentified are unknown. Besides “plain burials of urns in shallow pits, apparently pre-Roman” (Deus, Louro & Viana, 1955, p. 577, note 2, translated), the tombs of Padrãozinho 4 were mostly shaped like rectangular boxes excavated in the rock, often lined with schist slabs or *tegulae* (MRB: Deus, [s.d.]; Viana & Deus, 1955c, pp. 3-4).⁵⁸ Nearly all of these burials showed a north-south orientation (Viana & Deus, 1955c, p. 3), interpreted not so much as the materialisation of a symbolic intentionality but rather as an adaptation to the characteristics of the schistous terrain into which the graves were dug (Viana, 1955b, p. 12). Only 25 of the 128 explored burials featured a different orientation (east-west), but it does not seem possible to establish any correlation between the latter and the morphology and/or the chronology of the burials. The ‘researchers’ have defined nine generic types of tombs, each of them featuring slight morphological variations from the standard form (Viana & Deus, 1955c, pp. 4 and 7; Frade & Caetano, 1993, pp. 853-854):

- rectangular shallow pits, with a frame flanking the entire contour of the grave, intended to support the respective cover. The covers showed diverse configurations and could be made of slabs or small schist plaques, *tegulae* (one or two layers), or even horizontally arranged bricks. This would be the most common typology among the recorded burials;
- a typology similar to the previous one, differing from it in the layout of the covering *tegulae* – arranged as a gabled cover and resting directly on the bottom of the grave (MRB: Deus, [s.d.]

⁵⁶ Apparently, the Padrãozinho 2 burials only yielded ceramics (Viana, 1955b, p. 12).

⁵⁷ See Rolo, 2018, I, p. 278.

⁵⁸ The available data led us to disagree with the alleged exceptionality of the graves made of slabs or *tegulae*, as published in Viana & Deus, 1955c (p. 4).

- a; Viana & Deus, 1955c, p. 4 and Fig. 4 – II);
- roughly circular shallow pits, with a frame along the entire contour and covered by two *tegulae* arranged as a gabled cover (Viana & Deus, 1955c, p. 4 and Fig. 4 – III);
 - box-shaped structure formed by *tegulae* (occasionally replaced by bricks or, in a single documented case, by fragments of *dolia*⁵⁹) (id., p. 4 and Fig. 4 – IV);
 - box-shaped structure composed of double *tegulae* walls on the longer sides, and a slab at each end; the upper part of these slabs might be more or less visible at the surface (id., p. 4 and Fig. 4 – V);
 - plain pits dug into the ground, without walls but covered by two slabs and delimited by piles of small stones (id., p. 4 e Fig. 4 – VI);
 - rectangular graves with two different planes – at a lower level, a plane meant to contain the incinerated remains, covered with horizontally arranged *tegulae*, and a higher, parallel plane reserved for the grave goods and covered with a *tegula* (Viana & Deus, 1955c, p. 4 and Fig. 4 – VII);
 - pits shaped like an inverted L, the lateral deposit being reserved for grave goods (id., p. 7, Fig. 4 – VIII);
 - lastly, a quadrangular box-shaped structure, composed of four *tegulae*. These tended to be located in areas where the subsoil was not rocky or where the outcrop was situated at a very deep level (id., p. 7 and Fig. 4 – IX). Furthermore, a number of burials did not feature any preserved walls or cover, but were just plain shallow pits dug into the rocky subsoil, resembling the tombs found in the necropoleis of Horta das Pinas and Padrão. See, for example, graves 44, 107 and 108.

The ‘researchers’ reported the identification, in the proximities of burial 17 of Padrãozinho 4, of a ca. 2m² paved area, covered by ashes, identified as an *ustrinum* (MRB: [s.d.]; Frade & Caetano, 1993, p. 854; Viana & Deus, 1955c, p. 6 – Fig. 5, XVII, p. 8). This information, strengthened by the description of the burials and by the chronological range indicated by the grave goods, leads us to consider that we are dealing with the practice (predominant, if not exclusive) of incineration with secondary deposition. At least two possible *ustrina* have been identified in this funerary space (MRB: Deus, [s.d.]).

Out of the total number of burials explored in Padrãozinho 4, 26 graves did not provide any grave goods and it was not possible to identify/locate any offerings associated with ca. 35 others.⁶⁰ The funerary assemblages recovered from the remaining burials tended to be composed of four to seven items, on average. We would stress that out of the 208 pieces attributed to the Padrãozinho archaeological site, the majority (171 items) were found at Padrãozinho 4.⁶¹ The re-

⁵⁹ Despite this indication from the cited authors, we were not able to identify which Padrãozinho 4 grave had a structure built with fragments of *dolia*.

⁶⁰ As far as burials without grave goods are concerned, it is difficult to determine to what extent this absence is due to an effective inexistence of funeral offerings or, conversely, results from the choices made by the ‘researchers’ whenever, from their point of view, the condition of the objects prevented their recovery or, actually rendered them unworthy of it (Viana, 1955b, p. 9; Viana & Deus, 1955c, p. 7).

⁶¹ Besides the assemblage attributed to Padrãozinho 1 and Padrãozinho 4, there are 29 other items attributed to Padrãozinho as a whole, from unidentified burial contexts and with different chronologies (from the High Empire to the 6th century AD).

covery context of about 149 items, associated with 64 of the 128 burials, was identified and it was possible to fully reconstitute the funerary assemblages of graves 27, 39, 105, 106, 115, and 128. Based on our analysis, only 23 funerary assemblages, i.e. approximately 18% of the Padrãozinho 4 burials, have yielded datable grave goods, such as thin-walled pottery or glass. These sets of funerary offerings point to a diachrony of the funerary use between the middle of the 1st century and the middle of the 3rd century, possibly extending to the beginning of the 4th century AD. Among the oldest burials, we highlight tomb 52, whose funerary assemblage, consisting of a Ritt. 9 South Gaulish *terra sigillata* bowl (Catal. PDZ4.tss.001_52), a Drag. 29/37 Hispanic *terra sigillata mortarium* (Catal. PDZ4.tsh.001_52) and a possible Isings 15 type glass amphora (Catal. PDZ4.vi.001_52), suggests a chronology from the third quarter of the 1st century AD. On the other hand, the later graves document the continuity of the funerary use of this space throughout the 3rd and possibly the beginning of the 4th century AD. See, for example, burial 20, whose funerary assemblage included a lamp of type Luzón 62 (Catal. PDZ4.lu.007_20); burials 27, 50, 73 and 91, all of which provided a Dressel-Lamboglia 30 (A/B) lamp among the funerary offerings (Catal. PDZ4.lu.008_27, PDZ4.lu.004_50, PDZ4.lu.003_73, PDZ4.lu.001_91); and burial 81, with a lamp classifiable as Deneauve XIA (Catal. PDZ4.lu.005_81).

Three main ideas stand out from our analysis of the remains attributed to the Padrãozinho archaeological site: firstly, the representativity of the materials datable from the mid-1st to mid-3rd / 4th centuries AD; secondly, the likelihood of a funerary space used before the high imperial period (Viana & Deus, 1955c, p. 23); and lastly, the evidence of continuity in the occupation/ funerary use of the site during Late Antiquity – between the first half of the 4th and the 6th century AD. We consider that the long diachrony of the site's funerary use reflects, rather than an uninterrupted line of continuity, a succession of longer or shorter phases, during which the site was chosen as a funerary space by different communities (different at the generational level, if nothing else). In this case, and as mentioned by Frade & Caetano (1993, p. 861), the practice of the two funerary rites – incineration and inhumation – seems to be associated with the existence of distinct clusters and phases of funerary use within this space, there being no coexistence of both practices within the same burial clusters. (Figure 7, p. 76)

3.2.15. Olival da Silveirinha (Terrugem e Vila Boim, Elvas, Portalegre. Inédito. CMP 427. N 38° 48' 35.52'' / W 7° 22' 52.06''. Acronym – OSL)

The only known reference to the archaeological site of Olival da Silveirinha is a set of handwritten notes, by Abel Viana, in which this archaeologist refers to the excavation of a Roman burial in the area of the Tapada Real de Vila Viçosa, on November 17, 1961 (AFCB: Viana, 17/11/1961). During our visit to the site we were not able to identify any archaeological evidence that would permit the identification of this grave. This seems to have been an occasional find during agricultural works, since Abel Viana mentions the accidental destruction of two of the grave's covering slabs by a plough (id.). The grave was just some 15 cm below ground level and had a rectangular box-shaped structure, built and covered with "one-piece" schist slabs (id., translated). The cover was composed of three schist slabs, arranged transversally over the tomb. Despite the grave's dimensions (maximum length – 186 cm, maximum width – 105 cm), the finding of "a *tegula*, quite burnt, with ashes and coals" inside (id., translated) suggests that it was an incineration burial. Besides the ecofacts and the Roman building ceramics, this burial also yielded a coin, presumably a medium

bronze of Claudius (id.), which was not possible to identify/ locate.⁶² We therefore propose a hypothetical *terminus post quem* for the burial in the mid-1st century AD (41-54 AD). Considering the funerary rite, we would suggest a TAQ not later than the early/mid-3rd century AD.

3.2.16. Anta do Carvão (Ciladas, Vila Viçosa, Évora. CNS 1311. CMP 427. N 38° 48' 30.06" / W 7° 15' 31.3". Acronym – CRV)

This burial was explored by António Dias de Deus and Father Henrique da Silva Louro in mid-March 1949 (AFCB: Deus, [s.d.]b, p. 10).⁶³ By then, the archaeological site had already been raided and plundered – “a woman who passed by and lived on the estate advised us not to waste our time looking for the bones because some four years ago workers had lifted a stone while ploughing and, digging under it, they had found a skeleton” (ibid., translated). During our visit to the site we were able not only to confirm the dolmen’s location as indicated by Viana & Deus (1955b, p. 22), but also to observe its poor current condition, due to its use as a stone heap. However, it was not possible to identify the structure of the presumed (late-)Roman burial that would have occupied the interior of the dolmen’s chamber.

The available information is very scarce. It is known that inside the chamber there were “two upright stones (slabs), which were suggestive of a burial” (AFCB: Deus, [s.d.]b, p. 10, translated). This rectangular, east-west oriented grave was probably an inhumation grave – “a burial had been found among those stones, and (...) many bones had been removed from it” (ibid., translated). The presence of any grave goods and the possible existence of other burials in the surrounding area, contemporaneous with the reuse of the dolmen, is unknown. Without additional data, any possible chronological inferences are irremediably constrained. Even so, we suggest a late antique chronology, both due to the tombs’ morphology and funerary rite, and to the presumable absence of grave goods.⁶⁴

3.2.17. Herdade do(s) Queimado(s) (Ciladas, Vila Viçosa, Évora. CNS 5308. CMP 427. N 38° 47' 57.30" / W 7° 14' 02.05". Acronym – HDQ)⁶⁵

Regarding the archaeological site of Herdade do(s) Queimado(s), A. Dias de Deus stated: “I was informed by a worker who uproots trees for charcoal production that he had found a block of dressed marble, at Herdade do Queimado, near which there were remains of some graves which he said had been desecrated over 50 years ago. I invited Father Louro to accompany me

⁶² Given the absence of further information or of a description of the coin by Abel Viana, we suggest a broad chronological framing, between 41 and 52 AD, corresponding to Claudius’ rule; or possibly later, towards the end of the 2nd century AD, should it actually be a coin of Claudius II, of the Severan dynasty.

⁶³ Abel Viana (1950, pp. 311-312; 1955c, p. 551) dates the exploration of the Herdade do Carvão dolmen by A. Dias de Deus back to 1948. Based on the information provided by documentary sources (AFCB: Deus, [s.d.]b, pp. 9-10), we consider mid-1949 as a more reliable date for the archaeological intervention conducted at this site.

⁶⁴ In the museum collections we were able to access there were no remains that might have belonged to the burial under analysis.

⁶⁵ The toponym recorded in the CMP (n.º 427, 1: 25 0000) is ‘Monte da Queimada’, and not ‘Herdade do(s) Queimado(s)’. Nevertheless, throughout the present work we have assumed a correspondence between these toponyms and chose to follow the designation used by the ‘researchers’.

to the place and in March 1949 we went there in search of both finds. The marble block is the upper part of a cippus, but without any inscription. About two hundred metres away we came across a large cemetery with more than 20 clearly visible graves. Out of three that we opened, two already had no cover and the third was covered by four slabs. The skeletons were complete but much decomposed. The cemetery was situated in two small undulations of the ground, in a valley, and had an east-west orientation. The graves I opened were trapezoidal and made of (?) upright schist plaques. There are quite a few remains of dwellings on the hills surrounding the cemetery on the eastern side" (AFCB: Deus, [s.d.]b, pp. 9-10, translated). Abel Viana, on the other hand, dates these interventions back to 1948 – "in February 1948, António Dias and Father Henrique Louro surveyed a Roman cemetery (?) at Herdade do Queimado, on the outskirts of Jeromenha" (Viana, 1950, pp. 311-312, translated). Be that as it may, it is important to underline that the identification of Roman burials at the Herdade dos Queimados site predates António Dias de Deus' 'researches'.⁶⁶ The first grave was identified in 1898. It was made of *tegulae* and the only known remains are a coarse ware jug (*ibid.*), which was not identified in the course of our research. The topographical location of this burial and its relation to the graves found in the mid-1940s are unknown. In 1905, a new acquisition, by the Elvas Municipal Council, of remains from the Herdade do(s) Queimado(s) seems to document the discovery of a second grave at the site – "A small (broken) gold cord./ Found in a grave, at the Queimados estate, parish of Cilladas, municipality of Villa Viçosa. Acquired by the Municipal Council on April 4, 1905' [CME/ BME: Catálogo do Museu Archeologico de Elvas, II-Epoca historica, a) Objectos romanos, n.º 674, translated]. We suppose that these two burials may correspond to the "remains of some graves (...) desecrated more than 50 years ago", referred to in Dias de Deus' notes (AFCB: Deus, [s.d.]b, p. 10, translated).

According to the known data, we assume that, out of the more than 20 inhumation graves identified by the preceptor, only three were excavated, two of which were already uncovered, while the third one still preserved a cover of four slabs (*ibid.*). This burial cluster appears to be homogenous, being composed of trapezoidal graves, with box-shaped structures, made of upright schist slabs and apparently lacking any grave goods (*idem*, pp. 9-10). The necropolis was east-west oriented; we suppose this would be the orientation of all the burials.

Considering the typology of the explored graves, as well as the presumed absence of funerary offerings, a late antique chronology is suggested, possibly centred on the 3rd - 5th centuries AD. Regarding the first two graves identified at the site, the scarcity of available data makes it impossible to ascertain their chronological scope and to eventually confirm the existence of two funerary clusters, corresponding to two distinct phases of use of this space.

3.2.18. **Padrão** (Assunção, Ajuda, São Salvador e Santo Ildefonso, Elvas, Portalegre. CNS 1472. CMP 427. N 38° 46' 34.27" / W 7° 13' 15.72". Acronym – PAD)

According to the available information, the discovery of the Padrão necropolis occurred in September 1948 (Viana & Deus, 1950a, p. 70; Viana & Deus, 1950b, p. 236; Viana, 1955c, p. 551; Viana & Deus, 1951, p. 92; Viana & Deus, 1958, p. 6). The first grave was identified at the time and soon destroyed by people working on the expansion of the road network, so A. Dias de Deus never had the opportunity to see it. There were also four other graves, from which the preceptor

⁶⁶ AFCB: Deus, [s.d.]b, p. 10; CME/ BME: Catálogo do Museu Archeologico de Elvas, II-Epoca historica, a) Objectos romanos, no. 674; Pires, 1901, p. 13, n.º 39.

of the Correctional Colony recovered some remains (Viana & Deus, 1950b, p. 236; Viana & Deus, 1951, p. 92).⁶⁷ According to the 'official version', it was only in November 1949, more than a year after the discovery of the site, that the excavation works began, under the supervision of A. Dias de Deus (Viana & Deus, 1950b, pp. 236-241; Viana & Deus, 1951, p. 92; Viana & Deus, 1958, pp. 6-8). However, taking into account the existence of a considerable amount of grave goods attributed to Padrão, recovered "prior to October 1949 and handed over to the Elvas Municipal Museum" (Viana & Deus, 1958, p. 60, translated), it becomes evident that works at this necropolis have been carried out before the date 'officially' reported in the cited papers - probably between late 1948/ mid-1949 and the end of the following year. And that, at least until the Summer of 1949, A. Dias de Deus undertook these 'researches' in his own name or rather, without Abel Viana's collaboration. It is known that in December 1950 there were some 20 identified burials (Viana, 1955c, pp. 551-552) and that, on the afternoon of April 25, 1952, the archaeologist and the official of the Correctional Colony visited the archaeological site (MRB: Viana, 30/04/1952, p. 1).

The funerary space under analysis is an incineration necropolis, classified as "Roman-Celtic" (Viana, 1955c, p. 551, translated) and comprised 20 burials of diverse morphology.⁶⁸ The full extent of the excavated area and how far the number of explored burials is (or is not) representative of the necropolis as a whole remains unknown. The necropolis was reportedly north-south oriented, with the graves laid out in a parallel arrangement, resulting in a careful and rational distribution of the space (Viana & Deus, 1950b, p. 236). As far as the rite is concerned, the available sources exclusively mention incineration (Deus, Louro & Viana, 1955, p. 569; Viana, 1955b, p. 8; Viana & Deus, 1951, pp. 92 and 95). The configuration of most of the burials, along with the apparent absence of structures that could be identified as *ustrina*, seems to suggest the practice of incineration *in busta*. One of the distinctive aspects of this funerary space concerns the formal diversity of the graves, which can be grouped into two basic typologies:

- plain shallow pits dug into the schistous bedrock, with irregular shapes (circular to ellipsoidal), with a maximum diameter varying between 80 and 150 cm and covered with *tegulae*, slabs or heaps of small stones. This was the predominant morphology among the recorded burials;
- and regular, box-shaped graves with a maximum length of 140cm and a maximum width of 55cm, with walls, ends and cover made of *tegulae* or slabs, or of slabs (walls and cover) and stones (ends).

Two of the explored graves (tombs 10 and 18), which had different configurations (a shallow pit and a box-shaped structure, respectively), featured a small quadrangular compartment at one of the ends, apparently intended for the deposition of funerary offerings.⁶⁹ In several cases, e.g.

⁶⁷ Monte do Padrão is located parallel to a stretch of the present-day Estrada Nacional 373 [national road 373], on the boundary between the Elvas and Vila Viçosa municipalities. As no surface remains were identified during the visit to the site, we hypothesise that part (if not all) of the funerary space may have been destroyed during the construction of this stretch of the road.

⁶⁸ The above referred number of graves is based on the cross checking of the published data (Viana, 1955c, pp. 551-552; Viana & Deus, 1950b, pp. 237-241; Viana & Deus, 1951, pp. 92-95; Viana & Deus, 1958, pp. 6-8). Besides the five burials identified in the first phase, there was also more than a dozen graves (apparently 15) subsequently explored by A. Dias de Deus (Viana & Deus, 1958, pp. 6-8).

⁶⁹ For an individualised morphological description of the graves from the Padrão necropolis, see Rolo, 2018, I, pp. 310-312.

tombs 6, 13, 17 or 10 and 18, an intentional ‘arrangement’ of the offerings in the burial contexts was observed (Rolo, 2018, l. p. 313), thus contradicting the idea of an overall random and disorderly deposition of the grave goods (Frade & Caetano, 1993, p. 851).

Our study sample includes 51 items attributed to the Padrão necropolis, a figure that is not consistent with the total of about 87 objects (excluding ceramic and glass fragments) reported in Deus, Louro & Viana (1955, pp. 569-570). Only a minority percentage of this assemblage – around 14% (7 items) – has a known burial context, while the remaining materials were just attributed to this funerary space as a whole. Regarding the exhumed materials Abel Viana stated – “there was perfect uniformity in terms of the offerings” (Viana, 1955c, p. 551, translated) and “although some of the shallow pits were identical to those from the pre-Roman period, all the remains were from the Roman period” (Viana, 1955b, p. 11, translated). This alleged uniformity is confirmed by the analysed assemblage of fine ceramics. The Drag. 27 (Catal. PAD.tsh.001) and Drag. 36 (Catal. PAD.tsh.002) Hispanic *terra sigillata* vessels and the *lucernae* types Dressel-Lamboglia 5 (Catal. PAD.lu.001_7) and Dressel-Lamboglia 28/ Deneauve VIII C (Catal. PAD.lu.002) suggest a time span between the second half of the 1st century and the 3rd century AD. If we take into account the presence of thin-walled pottery, represented by the Mayet XLIII and XLIII-A forms (Catal. PAD.pf.001, PAD.pf.002, PAD.pf.003 and PAD.pf.004), we are forced to push the proposed TAQ back to the beginning of the 2nd century AD, thereby strengthening the idea of a use of the funerary space during the High Empire, as suggested by Frade & Caetano (1993, p. 851). However, some items – Catal. PAD.cc.027, PAD.mt.005_10 and PAD.mt.010 – are not consistent with the rest of the assemblage, due to their formal characteristics and chronological scope. Considering the uncertain origin of these items, we do not think they can be reliable indicators of an occupation and/or funerary use of this archaeological site during Iron Age (in the case of the type Nolen IV-f bowl – Catal. PAD.cc.027, and the La Tène I fibula – Catal. PAD.mt.005_10) or Late Antiquity (in the case of the earring with a circular button end – Catal. PAD.mt.010), even though this possibility should not be overlooked.

3.2.19. Monte da Ovelheira (Assunção, Ajuda, São Salvador e Santo Ildefonso, Elvas, Portalegre. CNS 5697. CMP 428. N 38° 51' 06.51'' / W 7° 08' 09.36''. Acronym – MOV)

The consulted documentation does not mention the archaeological site of Monte da Ovelheira, therefore the reference in Deus, Louro & Viana, 1955 (pp. 572-573) is the only one we know concerning the remains recovered at this site. The date of the researches and who was involved is unknown; however, they were presumably due to the initiative of A. Dias de Deus and/or Father Henrique da Silva Louro and occurred between 1940 and 1949, before the beginning of Dias de Deus’ collaboration with Abel Viana.⁷⁰ Neither the extent of the excavated area nor the whereabouts of the materials recovered are known.

We are particularly interested in the discovery of “a burial covered with three polished marble plates”, “in one of the angles of the foundation of a room with a semicircular side” (id., p. 573, translated). During the visit to the site we were unable to identify any evidence of the apsed com-

⁷⁰ In the Portal do Arqueólogo database (DGPC), the excavation of Monte da Ovelheira is attributed to Abel Viana. This information seems unreliable, given the working method of this archaeologist and the current state of our knowledge concerning the ‘researches’ carried out in the North Alentejo region during the second quarter of the 20th century.

partment described above. Hence, the location of the recorded burial is unknown. Nor were we able to identify any evidence of other burials in the area of Monte da Ovelheira. However, we confirmed the existence of numerous remains of Roman constructions, which seem to be part of a large residential structure with different functional areas (Deus, Louro & Viana, 1955, p. 572; Carneiro, 2014, II, p. 205).⁷¹

Given the scarcity of available data, we presume that the identified tomb would correspond to an inhumation grave, with a regular plan, possibly a shallow pit dug into the subsoil and without walls but covered with marble plaques (probably anepigraphic). The orientation of the burial and any potential association with other graves (which might indicate a possible necropolis area) are unknown. Interpreting the absence of references to the existence of grave goods as a synonym for the effective absence of offerings would strengthen the idea of a late antique chronology. On the other hand, the location of the burial (Deus, Louro & Viana, 1955, p. 573) leads us to infer a reuse and ‘necropolisation’ of possibly vacant dwelling structures.

Our study sample includes 14 items attributed to the Monte da Ovelheira. These items correspond exclusively to relatively recent surface finds, without any association to the ‘researches’ carried out in the 1940s and, in particular, to the funerary context identified at the time.⁷² The fact that it was not possible to identify the whereabouts of the materials recovered during the first half of the last century⁷³ led us to include this assemblage in our study in order to better document the archaeological context of Monte da Ovelheira, assuming, *a priori*, that the materials concerned could only provide generic indicators for the chronology of the site’s occupation. Thus, the only fragment of thin-walled pottery included in this sample (Catal. MOV.pf.001) supports (despite some reservations regarding its typology) a chronological occupation horizon dating back to, at least, the first half of the 1st century AD. On the other hand, the fragments of African red slip ware (A and D) – Catal. MOV.tsc1.001 and MOV.tsc1.002, respectively – are datable to the middle of the 2nd century and to the 4th-5th centuries AD, thus supporting the possibility of different occupation phases of the site, ranging from the High to the Late Empire (Almeida, 2000, p. 126). In the light of the available data, it is not possible to assess whether or not there was continuity in this use of the space throughout the broad diachrony suggested by the materials, and whether the time span of the identified funerary area was equally extensive or not. Even so, and taking into account the available data – tomb morphology, presumed practice of inhumation rite and absence of grave goods – we propose a late antique chronology for the burial, possibly between the 3rd and 5th centuries AD.

⁷¹ On this subject, see Rolo, 2018, I, pp. 315-316.

⁷² Apart from the object identified as MOV.li.001, donated to the former Elvas Municipal Museum in 1905, all the remaining materials from Ovelheira are attributed to surveys carried out in the late 20th century.

⁷³ The ‘researchers’ refer to the recovery of “the marble base of a column” and to the finding of “fragments of glass vessels and assorted ceramics, including *sigillata* and thin-walled pottery” (Deus, Louro & Viana, 1955, p. 573, translated).

3.2.20. São Rafael (Assunção, Ajuda, São Salvador e Santo Ildefonso, Elvas, Portalegre. CNS 5691 (?).⁷⁴ CMP 428. N 38° 46' 22.49" / W 7° 11' 39.97". Acronym – SRF)

Besides the megalithic monuments, Abel Viana and A. Dias de Deus refer to the “abundant vestiges of Roman occupation” identified both in the São Rafael hillock and the surrounding estates, stating that “all the “malhadas” [threshing places] and corrals, as well as the numerous heaps of stones, rest on the foundations of houses, perhaps dwellings from Roman times or from the following centuries” (Viana & Deus, 1957, pp. 96-97, translated). This reuse of Roman building elements is confirmed by the structure of the chapel of São Rafael.

In a radius of some 30 metres around the site of the old religious building there is evidence of graves, with different orientations, but of identical typology. This cluster of burials, still clearly visible, presumably corresponds to the inhumation necropolis mentioned by Deus, Louro & Viana (1955, p. 573). We believe this necropolis was not excavated by the cited authors, who only noticed (and recorded) the archaeological evidence during the survey of the existing megalithic monuments (Viana & Deus, 1957, pp. 96-97). The absence of any known data about the osteological material and/or grave goods associated to the burials leads us to hypothesise that this funerary space may have been plundered prior to the archaeological incursions of the Vila Fernando ‘researchers’. We were able to observe in the field a cluster of some 20 rectangular/ trapezoidal graves with box-shaped structures, made of upright schist slabs. The graves are north-south and east-west oriented, and generally placed parallel to each other. They are concentrated on the flatish platform that extends in front of the façade of the old chapel; two graves, north-south oriented but typologically similar to the others, have been identified on the north side of the religious building, close to the side wall. Moreover, during survey work carried out in 1995 as part of the *Levantamento Arqueológico e Patrimonial do Alqueva*, a set of four rectangular box-shaped tombs made of schist plaques and occupying an area of approximately 100 m² was identified at the São Rafael site [Processo DGPC 7.16.3/14-10(1)]. This find is classified as a medieval necropolis – São Rafael 6 (CNS 21158). Should the possible proximity with the site of the burial necropolis mentioned by Deus, Louro & Viana (1955, p. 573) be confirmed, and considering the apparent formal and rite similarities between the various identified burials, it seems reasonable to think that this set of four burials may be part of the funerary space discovered in the 1950s.

Without any information about the grave goods possibly associated with the recorded burials, the ascription of this funerary space to a Roman chronology, as proposed by Deus, Louro & Viana (1955, p. 573), does not seem reliable. Actually, and according to the published information, the only known remain attributed to the São Rafael inhumation necropolis is an anepigraphic *ara* (ibid.), whose whereabouts are unknown. Despite this fact, references to the decorative motif it displayed – a rosace flanked by two palms (ibid.) – suggests Palaeochristian iconography and, therefore, a later chronological scope than initially suggested by the ‘researchers’. On the basis of the available data, we propose a late Roman to high medieval chronology (Carneiro, 2014, II, pp. 207-208), possibly ranging from the 5th to 7th centuries AD.⁷⁵

⁷⁴ National Site Code 5691 refers to a *villa*, apparently associated with an inhumation necropolis (DGPC: Portal do Arqueólogo).

⁷⁵ We would therefore presume that the use of this space as a funerary area predates the construction of the medieval chapel. However, the necropolis may have coexisted with an older building, with religious functions (or other), built on the same spot.

3.2.21. Cardeira (União das freguesias de Alandroal, São Brás dos Matos e Juromenha, Alandroal, Évora. CNS 1473. CMP 441. N 38° 45' 43.22'' / W 7° 15' 16.83''. Acronym – CRD)

The incineration necropolis identified at the Monte da Cardeira site was located on “a flat stretch of the left bank of the Ribeira de Mures, some three kilometres before it flows into the Guadiana River” (Viana & Deus, 1958, p. 8, translated). Although no surface archaeological evidence was identified during the visit to the site, the phrase “some three kilometres before it flows into the Guadiana” (idib.) suggests the discovery of graves some 250 metres to the northeast of the buildings of the old estate. These graves were found in the Spring of 1950, in the course of agricultural works (Viana & Deus, 1950a, p. 69; Viana & Deus, 1958, p. 8).⁷⁶ The three identified burials were destroyed and plundered by agricultural workers, and only one *falcatá* [Iberian sword] (Catal. CRD.mt.001) and one spearhead were recovered (Catal. CRD.mt.002) (Viana & Deus, 1958, p. 8-9).⁷⁷ No references to any ‘researches’ conducted at the Cardeira site were found in the consulted documents. According to the ‘official version’, Abel Viana and A. Dias de Deus surveyed the area a few days after the discovery of the burial that yielded the *falcatá*, and simply observed the morphology of the three identified burials (Viana & Deus, 1958, pp. 9-10). In the light of the known data, this alleged lack of any intervention seems rather unlikely (Fabião, 1998, I, p. 392). Considering that “the workers destroyed the funerary offerings” and that only the two aforementioned metal items were preserved (Viana & Deus, 1950a, p. 70, transl.), how can the assemblage of glass attributed to the necropolis of Herdade da Cardeira and published by Abel Viana (1960-1961, p. 32, n.os 7, 51, 52 and 73, Fig. 9, 12, 15 and 18, Ests. I, III and V) be explained, other than by the recovery of objects from the archaeological site? Moreover, Viana himself has indicated that at the time of the above referred publication, a study on the “necropolis of Jerumenha (School and Cardeira)” (id., p. 42, translated) was being prepared, but it was never published. On the other hand, some oral information seems to concern an excavation carried out at Monte da Cardeira (Calado, 1993, p. 29, n.º 7).

On the subject of this funerary space, Abel Viana refers to the identification of “three shallow pits” (1955c, p. 8, translated), associated with the incineration rite and without a recognisable orientation (Viana, 1955c, p. 12). No ground plan of the necropolis is known. We only know that the identified graves were 20 to 50 cm apart (Viana & Deus, 1958, p. 9) and that, in general, their typology was identical to the graves from the Chaminé and Horta das Pinas necropoleis, although the former were built with greater care (Viana & Deus, 1950a, p. 69; Viana & Deus, 1958, p. 9). These corresponded to rectangular box-shaped graves (ca. 0.80 m x 0.60 m), made of slabs of greywacke, upright or slanting slightly outwards and reinforced in order to create double or triple walls (Viana & Deus, 1950a, p. 69). The graves would also be covered with slabs (two to three), with the lower slab resting directly over the mouth of the cinerary urn (Viana & Deus, 1958, p. 9). The burials were further delimited and marked by stones laid in a wedge-like arrangement and

⁷⁶ Actually, Abel Viana and A. Dias de Deus refer to a grave destroyed “some years ago” (Viana & Deus, 1958, p. 9, translated), which suggests that the existence of graves at the Cardeira site was already known before 1950.

⁷⁷ The donation of these pieces to the former Elvas Municipal Museum by the then owner of the estate, José Vicente de Abreu, in late May 1950 (CME/ BME: Registo de Entradas de Objectos no Museu Municipal de Elvas, Arqueologia Pré e Proto-Histórica), contradicts the published information, according to which the discovery of the graves occurred in June 1950 (Viana & Deus, 1950a, p. 69; Viana & Deus, 1958, p. 8).

reinforced with earth mixed with smaller stones (Viana & Deus, 1950a, p. 69; *ibid.*). One of the graves found by the agricultural workers contained “an urn filled with ashes and fragments of burnt bones” (Viana & Deus, 1958, p. 8, translated). However, the available information is not sufficiently clear concerning the prevailing practice – incineration *in busta* or incineration with secondary deposition.

Our study sample includes nine items attributed to the Monte da Cardeira necropolis. Only four of these objects are duly provenanced and can be reliably attributed to this necropolis – a *falcata* (Catal. CRD.mt.001), an iron spear (Catal. CRD.mt.002), and two glass unguentaria (Catal. CRD.vi.001, CRD.vi.002). The remaining six items correspond to ceramic remains whose provenance is unclear, since they are indistinctly attributed to the Cardeira/ Juromenha sites. Regarding the *falcata* and the iron spear, let us recall that they were found “inside a grave, next to an urn that was destroyed by the finders” (Viana & Deus, 1958, p. 61, translated). These two weapons were probably associated with an “elite burial” and their condition seems to suggest, rather than a possible intentional and ritual disablement, a “deformation of the objects in funerary context” (Fabião, 1998, I, p. 387 e 392, translated). They are associated with the ‘Iberian’ world, demonstrating a clear southern influence within a regional framework largely marked by a ‘Celtic’ cultural matrix (*idem*, pp. 388-391). The typology of these items points to an Iron Age TPQ, validating Abel Viana’s idea (1955, p. 8). However, the other known finds indicate a different chronological framework – the Drag. 24/25 and 27 South Gaulish and Hispanic *terra sigillata* vessels (Catal. CRD.tss.002, CRD.tsh.001, and CRD.tss.001) and the Isings 16 and Isings 18 glass unguentaria (Catal. CRD.vi.001 and CRD.vi.002) suggest a context limited to the 1st century AD. Hence, if the attribution of the studied materials to the graves explored at the site of Cardeira is correct, there should be two phases of funerary use of this space: a first phase dating back to the 2nd Iron Age, more specifically to the 4th-3rd centuries BC; and a possible second phase, broadly covering the period between the second half of the 1st century AD and the beginning of the following century.

3.2.22. Juromenha (União das freguesias de Alandroal, São Brás dos Matos e Juromenha, Alandroal, Évora. CNS not identified. CMP 441. N 38° 44' 28.66'' / W 7° 14' 24.26''. Acronym – JUR)

Abel Viana reported the following in an official report dated December 31, 1953: “Several Roman burials were found when the foundations for the new building of the Jerumenha elementary schools were being laid. According to what we were told, they contained abundant and varied ceramics, as well as glass vessels. / A part of the objects was destroyed by the labourers, and another part (?) was taken to Lisbon by the engineer who inspected the works” (AFCB: Viana, 06/01/1954, p. 4, translated). According to the available data, the cluster of Roman burials explored by A. Dias de Deus was identified in the area currently occupied by the building of the old elementary school, built in the early 1950s. It is not unlikely that this funerary space may extend to the north and east, thus matching some oral information that alluded to the “discovery of bone remains, ceramics and glass a few years ago [presumably in the early 1980s] when the foundations of the new building for the Junta de Freguesia were dug, some 20 metres away from the aforementioned necropolis (identified and explored by A. Dias de Deus)” (Processo DGPC/ DRCA 2.01.001, vol. 1, pp. 10-11, translated).⁷⁸ The date of the researches carried out by the official of the Correctional Colony is not

⁷⁸ Oral information obtained in 1988, during the archaeological field season conducted by the Portuguese-French team led by Fernando Branco Correia.

precise. The discovery presumably dates back to the end of 1949, and the works were probably carried out around the same time and/or at the beginning of the following year, more precisely in January 1950 (AFCB: Viana, 29/12/1949, p. 2; MRB: Deus, 04/01/1950).

The minimum number of burials should be nine, associated (if not totally, at least mainly) to the practice of incineration (MRB: Deus, 04/01/1950). The burials were simple cavities opened in the rocky subsoil, without walls and covered with *tegulae* and slabs, resulting in what Dias de Deus referred to as “urn-graves” (id., p. 3, translated). The known data are indicative of the practice of incineration with secondary deposition (id., p. 2), each burial containing the remains of the cremation process and any possible grave goods. The prevailing orientation seems to have been west-east and the reference to ‘rows’ of burials (id., pp. 2-3) suggests an organised arrangement of the funerary space. Considering the location of the High Imperial incineration burial, identified in the mid-1990s,⁷⁹ it seems unlikely that it could have been part of the necropolis recorded by A. Dias de Deus and Abel Viana. Yet, the remains of the former burial (*terra sigillata*, thin-walled and coarse ware pottery) seem to indicate a chronology identical to the latter. On the basis of other evidence from Roman times attributed to Juromenha (IRCP 439, 479, 458; Calado, 1993, p. 31, n.º 34), the existence of different funerary spaces is considered plausible. Whether coetaneous or not, these spaces served the various communities inhabiting this area.

With regard to the exhumed assemblage, we identified a set of seven items attributed to Juromenha, without any known burial context. This assemblage suggests a common chronological horizon, between the second half of the 1st century and the beginning of the 2nd century AD. The presence of a Drag. 15/17 South Gaulish *terra sigillata* vessel (Catal. JUR.tss.001) is indicative of a TPQ not earlier than the beginning/middle of the 1st century AD for the available sample (Morais, 2015, p. 132; Roca Roumens, 2005, p. 124). On the other hand, the Drag. 15/17 Hispanic *terra sigillata* vessel bearing the stamp of the potter *Valerius Paternus* (Catal. JUR.tsh.001), or the glass unguentarium (Catal. JUR.vi.001), for which an approximate formal parallel can be found in the Isings 26-a form, support the possibility of a TAQ not extending beyond the beginning/first quarter of the 2nd century AD.⁸⁰ (Chart 3, p. 77)

4. FINAL REMARKS

Our research clearly indicates that, along with some ‘rescue archaeology’ carried out by the officials of the Vila Fernando Correctional Colony between the mid-1930s and the mid-1950s, their main intention has been to carry out an activity conceived as recreational, aimed at retrieving objects (the so-called ‘treasures’) for their private collections, occasionally converted into sources of income. The limitations of the recording and ex-

⁷⁹ CNS 21126/ Juromenha 3, Processo DGPC 7.16.3/ 14.10(1).

⁸⁰ In Juromenha, besides a bronze coin of *Maxentius* (Deus, Louro & Viana, 1955, p. 578, note 3) from an unknown context, a set of 20 coins datable to the 3rd and 4th centuries AD, generically referred to as ‘the Juromenha treasure’ (Nolen, 2004, p. 26), was also found in unknown circumstances and date. On this subject, see Conejo Delgado & Rolo, 2018.

cavation methods (or, strictly speaking, the lack of it) would inevitably lead to gaps in the interpretation of the archaeological sites. We firmly believe that the “saving step” (Viana, 1955b, p. 24, translated) that made it possible to recover some information about the sites and respective remains was due to Abel Viana. This archaeologist’s guiding intervention, driven by the acknowledgement of the importance of the findings, resulted in converting a series of collectings made by some “stone freaks” (AFCB: Deus, [s.d.], p. 1, translated) into a fundamental stage of regional archaeological research, and into a unique case study on a national scale.

The known data on the so-called “Roman-Celtic necropoleis of Elvas” reflect an image of a set of rural funerary spaces over a long time span, extending from the end of the 4th century-early 2nd century BC to the 6th-8th centuries AD. This long diachrony puts into perspective the phenomena of acculturation, continuity/ stability and transformation/ rupture that shaped the life of the communities inhabiting the territory under analysis, from the 2nd Iron Age to the High Medieval period, and which inevitably were reflected in the concept and treatment of death. The identified chronologies highlight the idea of the existence of “continuity links in the funerary world” (Carneiro, 2014, I, p. 253, translated), an illustrative example of which are necropoleis such as Eira do Peral, Chaminé or Padrãozinho. Furthermore, they strengthen the idea of an increased use of these funerary spaces during the 1st and 2nd centuries AD, although this perception only reflects the current state of our knowledge of the Roman funerary landscape in this regional area (Frade & Caetano, 1993, p. 859). Thus, alongside the continuity of the practice of incineration and urn burials until the High Imperial period (Jiménez Díez, 2006, pp. 72-75), there was a parallel and progressive assimilation of Roman habits, with the adoption, among others, of new tomb architecture, new material culture and the epigraphic ‘habit’. In turn, the gradual spread of Christianity and its new worldview transformed the socio-cultural structure of the communities and led, alongside a new understanding of the world of the living, to a renewed look at the world of the dead. The introduction of the practice of inhumation in these funerary spaces from the second half of the 2nd century AD onwards, or, as in other regions of *Hispania* (Vaquerizo Gil & Vargas, 2001, p. 161), the progressive decrease in the number of grave goods in Late Antiquity contexts (Frade & Caetano, 2004, p. 337) are some examples of this new look. The evocation of the individual as a believer becomes a *sine qua non* condition for ‘eternal salvation’. The practice of *tumulatio ad sanctos* or its emulation with the graves of individuals considered illustrious or virtuous among the local communities (as seems to be documented, for example, in the Terrugem necropolis) becomes a privilege for the followers of the new religion (Vaquerizo Gil, 2010, p. 18), dictating new forms of appropriation of the funerary space.

Thus, and regardless of the limitations that we may ascribe to the activity of those involved in these North Alentejo ‘researches’, the existence of these necropoleis was

'saved' from total unawareness and enabled, on one hand, the "constitution of a corpus of archaeological materials" (Almeida, 2000, p. 26, translated) and archaeological sites, fundamental for the understanding of the Roman period (and more) in the present-day North Alentejo; and, on the other hand, the outlining of a portrait (albeit partial) of funerary practices in the geographical area concerned, particularly between Late Iron Age and Late Antiquity (Frade & Caetano, 1993; Rolo, 2018). No other region of the Portuguese territory has such an expressive volume of information on a set of archaeological sites that are interconnected, either by the historical context of the collecting and works carried out, or, above all, by the nature of the archaeological evidence and by the fact that they belong, broadly speaking, to the same geographical and chronological scope. Looking back, and considering the history of national archaeological research, it is rather paradoxical that, thanks to the controversial 'researches' of the officials from the Vila Fernando Correctional Colony and the intervention of Abel Viana, the present-day North Alentejo region (and, in particular, the Elvas territory) constitutes a reference case for the study of the funerary world *in rure*, in the territory of the former province of *Lusitania*.

